



TARCÍSIO GURGEL

O ESPETÁCULO
PASSAGEIRO

INVENTÁRIO DO POSSÍVEL II



editoraifrn

O ESPETÁCULO
PASSAGEIRO

INVENTÁRIO DO POSSÍVEL II

Confesso-me
de assim
ter sido
ainda que não fosse mais.

(José Bezerra Gomes no poema “Lápis”)



TARCÍSIO GURGEL

O ESPETÁCULO
PASSAGEIRO

INVENTÁRIO DO POSSÍVEL II



editora**ifrn**

Natal, 2019

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação
Abraham Weintraub

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Ariosto Antunes Culau



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor

Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo

Coordenadora da Editora IFRN
Kadydja Karla Nascimento Chagas

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Ana Paula Borba Costa
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior
José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza

Jussara Benvindo Neri
Kadydja Karla Nascimento Chagas
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Luiz Silva Pessoa
Sílvia Regina Pereira de Mendonca
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Rafael Sordi Campos

Obra da Capa

Newton Navarro

Fotografias

Cecilia Sordi Campos

Coordenação de Revisão Textual

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Acadêmica
Série: Professus Litteratus
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br

Ao grupo da Coleção

“Jorge Fernandes”:

Deífilo Gurgel,

Dorian Gray, Luiz Carlos Guimarães,

Miriam Coeli, Celso da Silveira

e Sanderson Negreiros.

E Augusto Severo Neto.

E também a Nei Leandro,

Woden Madruga,

Moacy Cirne e Dailor Varela.

A Zila Mamede, Newton Navarro

e Afonso Laurentino.

A Ignácio Magalhães de Sena.

E a Miguel Cirilo.

Muito afetuosamente

a tio Alexis,

Stelita e Aparecida.

A Lauro Monte Filho e ao Jotagê.

E também a Anjelo que acreditou.



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

Gurgel, Tarcísio.

G979e O espetáculo passageiro: inventário do possível II / Tarcísio Gurgel; projeto gráfico, diagramação e capa Rafael Sordi Campos

Natal: IFRN, 2019.

304 p. : il. PDF; 83,350 Kb.

ISBN: 978-85-54885-16-8

1. História – Gênero literário. 2. Memórias – História. 3. Memórias – Relatos. I. Gurgel, Tarcísio. II. Título.

CDU 82.94

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

RAZÕES DO SEGUNDO ATO

Este livro dá sequência ao que publiquei em 2015 com o título *Inventário do Possível*. Ao escrevê-lo não tive a pretensão de parecer original. E me darei por satisfeito se o lerem como documento que reflete a experiência de alguém que compartilhou a realidade mágica e ao mesmo tempo tão injusta do continente guardando, até a eternidade, baús de memórias assemelhadas. Decidi chamá-lo *O Espetáculo Passageiro*, por acreditar que o melhor simulacro desta nossa viagem existencial é a arte dramática. Tendo vivenciado durante longo período a experiência de amador teatral, busquei encenar esta viagem com lembranças especialmente caras. Entrego-o consciente da sua incompletude, mas feliz por haver participado do espetáculo que o motivou.

Gracias a la vida, como diz a canção de Violeta Parra que o primo Geraldo Queiroz me apresentou um dia.

Gracias, vida, por essa memória que desejo partilhar com você: meu irmão, meu semelhante, meu leitor nada hipócrita.



LÁ EM MOSSORÓ

Tarcísio Gurgel situa-se entre aqueles memorialistas com força suficiente para botar de pé um mundo antigo. Deu-nos mostra de tal capacidade em *Inventário do Possível* (2015), livro admirável sob tantos aspectos. Agora, poucos anos depois, volta à carga com esta segunda parte, *O espetáculo passageiro*, recuperando sobretudo os seus idos da adolescência e da juventude. Há entre os dois volumes, pois, um sentido de continuidade das recordações, circunstância por sinal inerente aos autores que se lançam a empreitadas de tal natureza, marcadas por obras sucessivas, deixando claro aos leitores que buscam edificar um passado pessoal e coletivo por meio de elaboração paciente, contumaz, desejosa de revivificar e preservar as experiências da vida pregressa.

Sobre um sentido de continuidade assim referido, não é difícil perceber que nossa literatura de cunho memorialístico mostra-se há um bom tempo capaz de apresentar inúmeros exemplos dessas sequências, bastando lembrar autores da importância de um Gilberto Amado, um Afonso Arinos de Melo Franco ou um Pedro Nava. São homens que

produziram memórias copiosas, em vários volumes, aptas a retratar em profundidade o mundo que lhes foi dado viver. Com os dois livros publicados, Tarcísio Gurgel demonstra capacidade de avançar na tarefa, tem fôlego para ir adiante e quem sabe venha mesmo a repetir o feito de alguns desses antecessores. Seja como for, Tarcísio – é preciso dizer desde logo – encontra-se já incorporado à boa tradição do memorialismo norte-rio-grandense, que nos legou nomes de relevo, como os de, entre outros, Luís da Câmara Cascudo, Magdalena Antunes e Inácio Magalhães de Sena. E, claro, incorporado também ao memorialismo nacional, que, além daqueles acima citados, ostenta figuras do porte de Joaquim Nabuco, Helena Morley, Graciliano Ramos, Augusto Meyer, Oswald de Andrade, Cyro dos Anjos, Nelson Rodrigues. Tradição, vê-se de imediato, mais que respeitável, a indicar um consolidado amadurecimento do gênero no âmbito da literatura brasileira.

Penso que uma característica decisiva desses escritos autobiográficos de Tarcísio advém de seu olhar poético sobre a existência. Sob uma perspectiva assim, ele marcaria passo com aqueles autores que envolvem suas reminiscências com uma aura lírica, recolhendo a realidade do mundo no âmbito da própria subjetividade e daí extraíndo os significados mais essenciais da matéria recordada. Em outras palavras, estamos diante de um memorialista que nos remete a um sentimento profundo, exemplarmente manifesto nos termos de Carlos Drummond de Andrade no primeiro poema de seu primeiro livro publicado: “Mundo mundo vasto

“mundo,/ mais vasto é meu coração” (Poema de sete faces, in *Alguma poesia*). Eis a sensação dominante que ressuma das belas páginas de Tarcísio. Uma assimilação da substância de tudo para revolvê-la na intimidade, meditar sobre ela, trabalhá-la e devolvê-la de torna-viagem na forma de uma expressão cheia de encanto e magia. Não se imagine, porém, que tal propensão venha a impregnar a obra de uma bruma ensimesmada e nostálgica, interessada somente em valorizar determinados aspectos da vida passada a se contraponem aos embaraços do presente. O autor sabe evitar a idealização inócua, alcança dimensionar os acontecimentos e as situações a partir de uma perspectiva a um tempo crítica e afetiva (em muitas passagens com uma fascinadora empatia), comenta-os com a maturidade de quem pretende um balanço equilibrado e veraz; consegue, enfim, apresentar o ritmo de sua existência temperado por uma disposição de espírito compreensiva e acolhedora. Como se não bastassem tantas qualidades, temos ainda chispas de humor a percorrer inúmeras passagens, evidenciando que sensibilidade e divertimento fazem boa parceria.

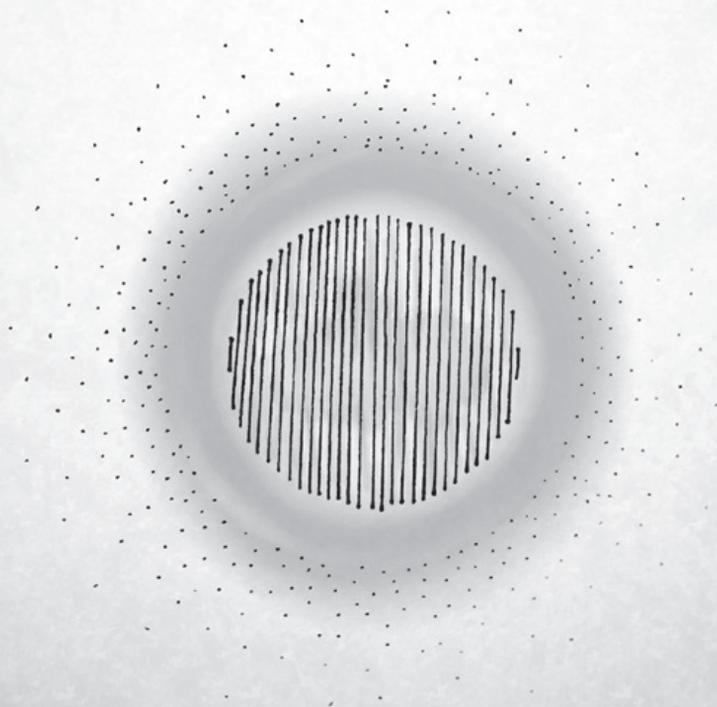
Assim, o leitor acompanhará o relato de suas recordações, cuja matéria é a de sempre, como se costuma ver em obras de tal gênero: a vida familiar, o ambiente da escola, a iniciação amorosa, a procura profissional. Num primeiro momento, o impulso rememorativo de Tarcísio recai no registro do vai e vem de uma família nordestina de classe média para depois expandir-se em novas esferas, como notícias de amigos, primeiras namoradas, colegas de trabalho,

professores, gente comum. Em meio a essas histórias, avultam as vicissitudes próprias à trajetória de uma pessoa no afã de situar-se adequadamente em seu mundo. Vemos nascer o interesse pelas artes e pela literatura de modo particular. A certa altura o encontramos como um dos atores do Teatro Escola de Amadores de Mossoró, o TEAM, grupo de tanta relevância cultural para a cidade potiguar. As atividades teatrais, aliás, ocupam uma parcela essencial dentro do relato. Lembre-se também a militância política de esquerda numa quadra em que o Brasil esteve coberto por nuvens negras. E ainda, como que para configurar um pano de fundo para muitos acontecimentos, referências afetuosas às estimadas cidades por onde viveu, como Natal, Rio de Janeiro, Fortaleza. E Mossoró acima de tudo, claro!

Resta dizer, por fim, que as memórias de Tarcísio Gurgel pertencem àquele tipo de produção interessada em veicular uma verdade pessoal, examinando com toda dedicação possível um percurso existencial e também buscando transmitir com a máxima autenticidade possível uma mensagem de humanismo, de sentimento poético do mundo, de aproximação a seus semelhantes. Não é pouca coisa! Tais atributos alçam sua obra a uma posição de merecida importância no já amplo panorama da literatura de memórias em nossas letras.

Afonso Henrique Fávero

O ESPETÁCULO
PASSAGEIRO





O atavismo sertanejo dos meus pais ao qual se acrescentou um dia a rica experiência litorânea revelou-me, desde cedo, a alvoroçada alegria de receber e hospedar pessoas em nossa casa. Fossem da família ou simplesmente comensais, que viessem conosco dividir a sopa da noite, de tempos em tempos surgiam elas, oriundas dos sertões ou do litoral das areias brancas de Francisco Fausto, Deífilo Gurgel, Chico de seu Neco Carneiro. Parentes e aderentes somavam-se neste caso, o que fazia nossa família periodicamente maior que a composta de pai, mãe e dos nove irmãos que vingaram. Uma variada humanidade que ora nos divertia, ora nos comovia.

Entre os que chegavam com previsível regularidade, estava seu Chico Gurgel. Vinha pelo trem – quando partia de Caraúbas – ou em algum misto, se provindo de Areia Branca. No livro de Francisco Fausto de Paula Medeiros, *Viva Getúlio – As areias Brancas da Memória* ele aparece descrito do exato modo que o conheci: já envelhecido, baixinho e franzino, com seu inconfundível traje de marítimo. Alguns – como o memorialista de Areia Branca – conheciam-no pelo nome de Chico da Formosa, numa possível

alusão à fazenda de familiares no município de Caraúbas. Para nós, apenas seu Chico Gurgel. Como um originalíssimo mensageiro, costumava ligar as pontas da saudade e as boas expectativas de alguma novidade proveitosa, trazendo e levando correspondência e encomendas de conterrâneos separados pela distância. Seu olhar, já cansado, era de um azul que não chegava a impressionar, talvez pela força do tom de idêntica cor que emanava da farda de mescla. O gorro, se bem me lembro, era imaculadamente branco, contrastando com a roupinha de marinheiro e combinando com os tênues fios de cabelo restantes na pequenina cabeça e no bigode ralo. Era respeitoso e, a cada porção de comida derramada em seu prato pelo meu pai nas nossas alegres refeições, dizia e repetia “Muito obrigadinho”.

Celibatário convicto, contavam os meus tios maternos uma história a seu respeito, que, se expunha sua reiterada cordialidade, demonstrava o humor às vezes perverso nas lonjuras sertanejas. Que numa noite de inverno rigoroso, muita chuva caindo sobre o Oeste, ele tivera de se arrancar numa pensão cuja proprietária era uma conhecida alegre e conversadeira, a meio caminho de Caraúbas. Madura e muito despachada, como se dizia à época, tinha essa mulher forte comunicabilidade com os conterrâneos que transitavam por sua hospedaria. Já beirando a madrugada, sem que cessasse a tormenta, ouviu-se a voz da hospedeira em meio ao insistente barulho dos pingos nas telhas: “Seu Chico? O senhor está acordado? Não quer vir se deitar comigo aqui no quarto, não? Está tão frio...” E seu Chico com sua reconhecida elegância:

“Muito obrigadinho. Muito obrigadinho.” A mulher, apimentando ainda mais o convite previamente combinado com os outros hóspedes, ponderou: “Chegue seu Chico. Pode vir sem medo que eu não sou mais moça não...” E o velho marinheiro preferindo não enfrentar viagens mais procelosas: “Mesmo que fosse. Mesmo que fosse”.

Grande era a alegria de assistir, no espetáculo cotidiano daquela casa, em que moramos, na Augusto Severo, na hora em que a canícula aliviava, a passagem de uma serelepe Nicota, costureira que, se bem me lembro, chegou a fazer alguns dos vestidos a que as minhas irmãs e minha mãe tinham o direito de usar nas festas de final de ano. Sempre bem humorada e falante, demorava-se brevemente a assuntar sobre acontecidos que a cidade já comentava. Era econômica de carnes, essa Nicota. Mas vestia-se com apuro, preferindo cores claras e tinha os cabelos luzidios arrumados em trunfa. Falante, exibia a mandíbula um pouco deslocada para a esquerda, o que nos levava inevitavelmente a lembrar do cômico italiano Totó, de comédias que víamos com tanto prazer no Cine Caiçara. E com regular frequência também nos visitava outra costureira querida: a areia-branquense dona Branca. Diversamente da colega mossoroense, vinha com vestes negras e a face de jovem viúva sempre crispada, parecendo saída de uma tragédia grega. Desembarcava do misto de seu Chico Guilherme, puxando pela mão uma filhinha de lindo olhar com o mesmo aspecto grave, o mesmo luto fechado. Comovia ver dona Branca com seu vestido de mangas compridas e as meias, também pretas afrontando

o calor de Mossoró. Viúva ainda moça, o sonho conjugal tragicamente interrompido, ficou com uma rédua de filhos pequenos. Admirada por seu irrevogável respeito à memória do falecido, mas, sobretudo, pela disposição de fera cuidando de prover a alimentação e a educação dos filhos, não creio que possa ter havido no histórico familiar – com a possível exceção do remoto episódio da vizinha Nazaré, que morreu com o seu bebê quando ainda morávamos na Praça Souza Machado – um maior sentido de solidariedade a uma pessoa fora do nosso círculo. Ninguém se atrevesse a considerar dona Branca feia.

Periodicamente invadia nossa casa, agitando os braços e tartamudeando sua alegria sertaneja, tio Tião, cunhado de minha mãe por ser casado com a irmã desta – a tia Lourdes – tendo ambas, aliás, casado num mesmo dia, em Caraúbas. Era ele o Senhor das terras da Boa Vista, no município de Janduís, espécie de Paraíso terrestre do qual nossa família chegou a desfrutar em momentos de férias. Extremamente simpático, aquele tio nos transmitia a sensação de uma leseira beatífica. Lembro-me que em casa as mulheres comentavam, divertidas, o modo de a elas se dirigir: neguinha praqui, neguinha pralá, o velho preconceito transmutado em generoso tratamento a viajar consigo até Mossoró e, certamente, a outros sítios. Embora se orgulhasse de suas terras, tio Tião esquecia rezas e plantações toda vez que encontrava repousado em alguma poltrona um violão que o meu irmão Kiko adquirira pensando em fazer carreira com um trio vocal. Com o pinho gravemente atravessado sobre

o peito, logo iniciava uma apresentação originalíssima da valsa “Royal Cinema”, do seridoense Tonheca Dantas, como tive oportunidade de assinalar na apresentação de *A desfolhar Saudades* o livro em que Cláudio Galvão biografou o músico seridoense. À sombra do seu chapéu de massa, que só retirava para ir à mesa fazer as refeições, o meu tio vibrava as cordas daquele modesto instrumento, dele retirando os acordes iniciais da valsa mágica. Disso não passava. Mas que apresentação! Me lembra o fascínio de Mário de Andrade assistindo cantar Chico Antônio no feudo dos Araújo Lima. No modesto auditório da nossa casa, aquilo valia por um concerto, todos nós imantados e reverentes diante de performance tão exclusiva quanto breve. Também vinham seus descendentes com tia Lourdes: Raimundo, Bento, Neto e Denílson, e bem mais adiante o caçula Tiãozinho. Muito vagamente vieram Socorro e Neném. Mas a prima Severina, caçula das mulheres, chegou a morar brevemente conosco, quando veio estudar no colégio das freiras, ainda nos tempos da Alberto Maranhão. E a própria tia Lourdes deixou um dia a Boa Vista e sem reclamar de nada, sempre a sorrir, movendo-se silenciosa como era da sua natureza, chegou. Mas logo se foi de volta à Boa Vista, sem sequer ir ao comércio, levando consigo um prognóstico inapelável que pouco tempo depois se confirmaria com sua morte.

Discreta visita – viesse ele em trânsito para a capital ou simplesmente para fazer compras em Mossoró – era a do tio Antônio Calazans, irmão de papai. Com a sua proverbial elegância, podia vir só ou com a esposa Julinha. Vindo a

minha tia, era possível que a acompanhassem Adário e Jurineide, os caçulas, limpos e bem vestidos. Às vezes, vinha a prima Jória, já moça e bonita com sua esfuziante alegria. E dominavam as conversas as notícias de irmãos distantes e bem sucedidos: Julieta, Aldemar, Alírio. Esporadicamente passava Vicência de tia Cota, com o filho Raimundinho. Ou Jandira – de Chico Caboré – viajando com Chico Novo. Sendo embora acontecimento raro, chegava outra prima de suave simpatia: Chiquinha, mulher de João Rodrigues trazendo pela mão a doce Altair e o filho caçula, João como o pai. Sua irmã Laura, foi aquela que, vinda de Lajes, rezou contrita uma noite pedindo graças para o time do Vasco da Gama com pose de campeão no quadro que meu irmão Alderi colocara na parede.

Naquele festival perene da amizade também chegava o povo de Chico Lino: dona Antônia, com quem ele curou-se do trágico desaparecimento de tia Constância, ao casar em segundas núpcias. Os filhos da primeira família haviam se espalhado pelo Brasil e ficávamos a imaginar se um dia conheceríamos Jurandir, Titico, Geraldinha e Manoel Egídio. Este, sabíamos trabalhar no jornal carioca *Diário de Notícias* o que de certo modo o aproximava do interesse intelectual do pai, híbrido de leitor de *Seleções* e merceeiro em Areia Branca. Dona Antônia vinha acompanhada dos filhos Araci, Pedro e Concebida, que chamávamos Nagu, todos muito queridos. Ainda morando em Areia Branca, também vinha Maria Antônia, que restara da família inaugural, nossa prima legítima, já moça como minhas irmãs, que adorava con-

versar, gosto que não cessou de existir, ultrapassada a oitava década de sua existência. E também Araci, Horácio e Antônio. Alegria e simplicidade acompanhavam Dona Ester, seu Zé Silvino e Mauro, que passavam rápidos como a queda de um raio. Já muito raramente podiam aparecer: tio Eneias, seridoense e falante, debaixo de um chapéu de massa, com sua camisa sempre ensacada nas calças cáqui ou Manoel Avelino, filho de tia Cota e tio Dedé, já envolvido com as coisas da política. Do povo de tio Josa, a prima Lourdes, que admirávamos, linda com sua roupa de formanda no álbum de retratos, não me lembro de ter visto na Augusto Severo ou na Alberto Maranhão. E de Giovani, o primogênito, só a informação de que era alto funcionário federal, trabalhando em outro Estado. Mas seu irmão Bezinho nos visitou brevemente, enquanto Vavá, Landinha e Zezé chegavam sempre com algo engraçado para contar. Até um remoto tio Seuné, veio um dia do sertão longínquo dos Caicós, com sua figura de homem rural, chapéu de abas largas, magro e educadíssimo no vestir, nos modos e no falar.

Tão acolhedoras aquelas casas mossoroenses nas quais paramos, que outro primo, o hoje físico Carlos Alberto, filho de Clodomiro, me deu a alegre informação de que também por uma delas passara um dia: o tempo de tirar a canseira numa rede estendida aproveitando um dos vértices da sala de jantar e continuar a viagem no dia seguinte. Que grande alvoroço ao ouvirmos ó de casa, anunciando que havia gente chegando... Que fraterna simplicidade e quanta ternura abastecendo o mercado das conversas... Quanta amizade

nas décadas de visitas, casamentos, filhos concebidos, nascidos e mortos no tempo devido...

Nessa multidão de entes especiais nem faltariam aderentes queridos, personagens de extrema humildade, que com renovada ternura traziam com suas visitas aportes de bondade para a história familiar. Lembro-me de Rufina, que os meus irmãos poetas Défilo e José também evocaram com carinho inexcusável. Estava inapelavelmente envelhecida, quando a conheci. Amulatada e esguia, entrara no compadrio da família ao ser convocada para ajudar a minha mãe, recém-chegada a Areia Branca, jovem e inexperiente. E se manteve próxima durante décadas, tendo muito tempo depois igualmente a Juvenal e Dalila migrado para Mossoró. Rufina nos visitava periodicamente para dividir conosco um café-com-pão na merenda da tarde e pôr os assuntos em dia. Sempre naquele andar de quem engoma com os pés, a conduzir pacientemente o seu corpo mirrado. Com sua pele acobreada, a exibir pequenos sinais e minúsculas cicatrizes de varíola, era daquelas pessoas que, segundo o quadro de avaliações compensatórias de minha mãe, tanto tinha de feia quanto de boa. No seu andar balouçante, na preocupação de acomodar-se e iniciar uma conversa, trazia sempre alguma novidade. E aproveitava, claro, para se informar das coisas da família à qual servira tanto. “Dona Dalila me dê notícia de Dedê?”, “E Alderi?, Mora no Rio é?”, “Cadê Gelza? Tem dado notícia?”, “Essa menina, Dodora, já tem namorado?” Sua curiosidade parecia inesgotável. E o fato de minha mãe não se incomodar com suas indagações (arre lá, com tanta

pergunta, costumava reclamar quando tal acontecia) dava a medida de sua importância para nós. O jeito de falar, amoroso e sem pressa, revelava-se também quando o assunto dizia respeito a sua própria família, particularmente a um neto que estudava no mesmo Grupo Escolar 30 de Setembro que eu também frequentara, e que parecia estar se iniciando em alguma profissão, o que a deixava naturalmente orgulhosa. Produzia então uma frase que soava como parte de um dialeto, sons africanados, que surgiam do fole murcho da boca totalmente desdentada:

- Atarcísio: vosmicê num cunhece Juniô?

Mas seria injusto deixar de evocar a doce figura de Maria Preta, que havia sido, segundo informavam em casa, tratadeira no longo resguardo de minha mãe no seu derradeiro exercício de parir. Quando comecei a me fazer gente, meus irmãos mais velhos comentavam em tom de provocação que ela havia sido minha ama de leite, por causa de uma inexplicável – diria até improvável – carência de lactação da minha mãe, que a impedira de saciar o esfaimado bebê nos primeiros meses de vida com o alimento do seu corpo. Verdadeira ou não, a história revelava uns restos de racismo que se buscava atenuar com humor nas manifestações familiares. Ocorre que, desde que pude entender a perversa herança de preconceito da nossa formação cultural, passei a sentir orgulho por esse suposto quinhão de africanidade que teria recebido dos peitos de minha Mãe Preta. O meu comportamento reforçou-se, claro, com o afeto que dela recebia, pois nunca deixei de ser menino para aquela rara descendente

dos escravos mossoroenses. Toda vez que passava pela nossa casa fazia questão de demonstrar a alegria em me rever. E revelava afeto de mãe verdadeira: tépido, doce e comovente, reforçado pelo cheiro de roupa engomada a ferro de brasa, rescendendo a alecrim, que emanava da sua pessoa tão arrumada quanto distinta nos modos e no falar. Tão especial era Maria Preta no conceito da nossa família, que o fato de Francisca, a filha biológica, ter se formado professora, com diploma obtido na Escola Normal (coisa que nossa irmã de sangue, Gelza, não conseguira por haver interrompido os estudos para casar) orgulhava até minha mãe branca.

Lembrar as figuras que povoaram o universo da minha infância e adolescência mossoroenses, obriga-me, naturalmente, a advertir que Areia Branca é a origem de tudo. É para ali que atraídos pela força de uma matriarca sem filhos biológicos – nossa tia Chiquinha – e pela generosidade do seu marido, tio Gerôncio, migraram outros descendentes de vovô Neco vindos de Caicó. Foi para ali que vieram também um dia, ainda adolescentes, com suas maletinhas de madeira contendo pouco mais que uma muda de roupa, mas cheios de humor e astúcia, dois dos irmãos da minha mãe: Aluizio e Altamiro. E viveram e conviveram no ambiente da primeira padaria que tio Gerôncio instalou para o jovem cunhado, em meio a rudes padeiros e audazes embarcações que periodicamente visitavam a terra.

Na pequenina Areia Branca iriam demorar-se o tempo de se fazerem rapazes. Anos depois, adultos e refertos de duras experiências, retornariam ao leito do sertão, tornando-se amorosos moradores de uma São Bento que viram surgir, emancipada de Caraúbas, e logo desfrutando de incômoda fama: a de se tornar cenário de pancadaria, suas feiras acabando aos bofetes. Os irmãos mais novos de Dalila

assumiriam ali a condição de professores. E tal como o pai Lourenço, que havia desasnado conterrâneos de Mossoró, Apodi e Caraúbas, confirmariam largamente a vocação familiar ensinando à meninada de sua cidade. E amaram a terra intensamente, participando da consolidação do município surgido por inspiração de outro parente: Canuto Gurgel. Mais que provavelmente devem ter influenciado na opção de substituir o topônimo do santo, que sendo protetor dos matutos, evitava as mordidas das cobras, mas não chegava propriamente a acudir os munícipes no quesito paz. O nome Janduís, providenciado para substituir o de São Bento, sempre me pareceu uma dupla homenagem: à rebeldia da terra, restos de uma animosa tradição tapuia, e aos próprios irmãos que – sem perder o humor jamais – exercitaram também, entre a passagem por Areia Branca e o retorno definitivo ao sertão, momentos de rebeldia aventurando-se em escaramuças idealistas. Tio Aluízio chegou a ser preso quando, servindo numa corporação militar em Natal, bandeou-se para o lado dos rebeldes em 35. Já o meu tio Altamiro, embarcado na marinha, também chegou a visitar brevemente a prisão. Muito adequado, portanto, viver em uma cidade cujo nome ficou como homenagem a gente orgulhosa que não se submeteu ao colonizador português.

Acompanhamos fascinados suas histórias e lhes dedicamos uma amizade tocada pela ternura talvez pelo fato de a minha mãe ter uma postura compreensivamente maternal para com aqueles irmãos menores que um dia mandara vir do sertão. Uma vez casados – Aluízio com a

terna Terezinha, Altamiro com uma impetuosa Lourdinha – buscaram adjutórios para os parcos salários de lentes, preocupados em criar bem suas respectivas famílias. Altamiro abriu uma pequena mercearia no mercado público, onde se mantinha atento aos causos dos matutos. E Aluízio, tendo desenvolvido aptidões no campo da enfermagem, instalou modesta farmácia, pondo-se a receitar cachete, aplicar injeção, sarjar panarisso dos conterrâneos que a ele recorriam, sempre encontrando motivos para fazer graça, os dois. Riam de um tudo. Aluízio, discreto, acentuadamente sosso; Altamiro, com expansividade, a agitar o pequeno corpo, parecendo uma alegre réplica do pai, o sisudo Lourencinho.

As idas e vindas a Mossoró, tinham como ponto de apoio a nossa casa. E eram a certeza de ficarmos sabendo de novas e divertidas estórias de ambos. Vejam o caso de tio Altamiro. Uma tarde, após consultar-se com um médico que lhe haviam indicado, avistando-me na porta da livraria onde eu trabalhava, veio em minha direção. Ao meu lado encontrava-se uma moça que ele não conhecia e sequer havia avistado em alguma das suas esporádicas viagens: era a contadora da empresa, com fama de tratar vigorosamente as partidas dobradas e as colunas de deves & haveres da filial da Livraria Universitária que o empresário natalense Walter Pereira decidira abrir em minha cidade. Contrariando seu modo de ser, comunicativa e cheia de opiniões, ela não fazia questão de disfarçar o mau humor na tarde estival e modorrenta pelo pouco movimento na loja. A causa, visível, era um terço gigantesco que lhe comprometia o abre-e-fecha de uma

das pálpebras. Feitas as apresentações, meu tio já foi comentando com insuspeitada intimidade:

- É o que não arde, hein?

Diante do constrangimento e sem dar chance de resposta à moça, indaguei do tio:

- E a consulta? Como foi lá?

Sem perder o *timing* do seu humor e ignorando qualquer possível reação da ainda surpresa contadora, tio Altamiro respondeu-me:

- O médico disse que eu estou com umas onze doenças.

Até onde sei, ele deve ter-se curado de dez, só não conseguindo superar um problema de próstata que evoluiu para uma septicemia, ao ser hospitalizado, muitos anos depois em Natal, aonde chegara um dia com Lourdinha, para ficar junto às filhas Fátima e Frassinete que ali já se encontravam residindo e trabalhando. A mudança não causaria maior tristeza a ele que ao irmão querido que continuou morando em Janduís. Por isso, jamais aceitou vender a casa que construíra, não abrindo mão de retornar ao fim de cada mês com sua provisão de causos e chistes para com ele permutar.

Quanto a tio Aluízio, produzia seu humor de forma quase imperceptível. Costumava fazer graça, como um gato que, segundo a observação popular, dá uma unhada e esconde a unha. Falando com sua vizinha velada nos obrigava a um esforço especial para escutá-lo. Havia em seu repertório um episódio, que alguns atribuíam ao irmão. Mas por tê-lo ouvido da minha mãe, que lhe garantia a precedência de autor, assim o

reproduzo até pela crença de que sendo o humor um atributo humano a ser compartilhado – como, aliás, faziam eles costumiramente – a questão autoral passa, ao menos nesse caso, a ser irrelevante. Todos os dias, no meio da tarde, Aluizio dava uma volta ao quarteirão e chegava à casa de Altamiro para se deliciar com o doce-de-leite-com-queijo-de-manteiga que Lourdinha lhes servia como contraponto às novidades que os fazia rir. Deu-se que passando pela frente da casa de Mimosa a modista, ao olhar pela janela escancarada, viu que ela estava a tirar as medidas de um vestido para respeitável senhora: tecido fino, comprado em Mossoró, aviamentos de primeira, botões de madrepérola, para se transformarem numa roupa digna da festa de Santa Terezinha. Sem pedir licença – do que, aliás, nem precisaria – tio Aluizio entrou. E foi tomando delicadamente a fita métrica das mãos da costureira, enquanto com falsa e injustificada impaciência, encenava a tarefa de tirar medidas na cliente assustada:

- Será que você não aprende, Mimosa? É assim que se faz. Bucho, barriga e pança; espinhaço, regada e cu.

As doces loucuras desses tios divertiam os conterrâneos de Janduís e nós, os familiares de Mossoró, não se conhecendo registro de queixa ou de não aceitação do humor que, rude ou suave, destilavam cotidianamente pela cidade. Porém, ambos admitiam que havia alguém que mais e melhor produzia as esquisitices risíveis da família: Stelita, caçula dos filhos que Lourencinho tivera com a finada Helena.

Mortos o meu avô e Virgília, sua segunda mulher (Raimundo e Sônia, filhos da nova família, indo residir em Natal

depois de adultos), tia Stelita não perdeu tempo: convidou o irmão Alexis – que após anos de Rio de Janeiro voltara a morar na casa que fora dos pais – a mudar de endereço. Não ficava bem viverem apenas ela e o fraterno solteirão sob o mesmo teto. O que não haveria de pensar a cidade? E permaneceu o resto da vida sozinha na pequenina casa, concedendo relacionar-se apenas com uma vizinha de rua, Cilé, além da sobrinha Severina na casa de quem aceitava ir almoçar por breves períodos para desenfadar da tarefa de fazer comida para apenas uma pessoa. Não ter com quem ou com quem se ocupar compartilhando decisões era de sua natureza. Mas os tempos de estio acentuavam a solidão. E numa das raríssimas viagens a Mossoró, ela nos contou que, incomodada uma tarde, com o calor parado e a sequeidão querendo sufocar, fora até a cozinha beber água. Copo na mão, olhando a tarde por sobre o vão da porta de corte horizontal – tarde órfã até de mugidos – a solidão ansiando por um trem de ferro, mesmo passando longe, pensou em voz alta:

- Oh silêncio!...

As três ou quatro galinhas que também nada tinham a fazer gastavam o tempo bicando nervosamente o chão escavado do quintal. Subitamente despertadas pelo comentário imprevisto, logo se agitaram em coro estridente, repetindo para justificar o susto: co-co-co! cocoró-cocoricó. E ela traduzindo seu quase permanente mau humor:

- Oh zoada!

Apenas durante a festa de São Sebastião podia-se vê-la em meio a outras pessoas, vestindo roupa modesta, portando terço, mantilha e missal, igualmente discretos, a contrastar com o queixo empinado. Se não concedia mostrar-se nas novenas ou nas ruidosas quermesses, à missa da festa de São Sebastião, não faltava. Afinal, era missa cantada, com sua liturgia interminável pontilhada pelo soleníssimo diálogo em latim entre o celebrante e o coroinha. Às vezes, vinha o senhor bispo de Mossoró para celebrá-la. A igreja então regurgitava com os fiéis chegados tanto das casas ricas, como dos pequenos casebres nos grotões campesinos, para a piedosa homenagem ao santo. Numa dessas missas, vendo as pessoas se erguerem para a comunhão, tia Stelita deu-se conta de que à sua frente uma sonolenta matrona não se movia. Ajoelhada no genuflexório da família, com a roupa alinhada, gola e punhos pespontadas de gripi, fita da irmandade cruzada no peito (e o nariz compriiiiiiiiido como fazia questão de observar a minha tia), a velha parecia petrificada, alheia ao que ocorria. Foi então que resolveu cutucá-la com a vara da caridade.

- Ei: vai comungar não?

Subitamente desperta, a voz pastosa e lenta justificando seculares preocupações, a cansada coronela, tentando adivinhar de onde partira a pergunta, respondeu com uma preciosa informação:

- Não sei minha filha. As vacas ainda não chegaram.

Como as personagens retiradas do panteão ficcional/familiar de escritores como Graham Greene, Mauro Rasi,

ou Mário Prata, minha tia foi sempre muito direta em suas opiniões. Ciosa de uma pobreza, que longe de incomodá-la parecia lhe dar orgulho, tia Stelita hierarquizava socialmente as doenças, demonstrando de modo quase didático as vantagens de, não dispondo de recursos, manter-se a salvo de um bom número de patologias:

- O povo tem uma besteira de ficar com medo dessas doenças complicadas de hoje em dia... Eu nem me preocupo. Câncer? Quem sou eu pra ter um câncer? Hepatite, infarto do miocárdio, aneurisma? Isso é coisa de rico, não pra alguém pobre como eu. O máximo que posso ter é um ramo, um panarisso, uma perna quebrada...

Fantástica intuição de minha tia.

Já casado com Ione e residindo em Natal, Ninha nos informou um dia sobre o internamento de tia Stelita no hospital de Caraúbas. Decidimos ir até lá para visitá-la. Encontramo-la deitada numa das camas da enfermaria no hospital de sua cidade. Ela parecia feliz com a sua fratura de fêmur. Imobilizada, naquele espaço onde as pessoas circulavam, cumprimentando-a repetida e familiarmente, deu-me a impressão de uma tranquilidade que não havia conhecido até então. Revelava surpreendente paciência e um insuspeitado bom humor naquela atmosfera azulada que o canto cristalino dos marrecos pontilhava pelos ermos. Nada parecia haver sobrado da tia rabugenta que costumávamos encontrar quando a visitávamos em sua cidade, ou, muito raramente, quando aceitava passar uns poucos dias na casa da irmã em Mossoró. Aquela atmosfere-

ra, aquela luz, aquela calma, seus tranquilos comentários, as anjas pressurosas adejando à sua volta, indagando-lhe se estava a precisar de alguma coisa, tudo parecia uma indicação de que ela se encontrava a meio caminho do país de São Saruê. Que iria finalmente ter a sua cota de felicidade.



Se o humor, sutil ou cortante, parecia ser norma entre os filhos do primeiro casamento de Lourencinho com a finada Helena, havia na prole alguém referido de passagem no livro anterior que, parecendo preferir a gravidade também se tornaria referência para a família. Era Alexis. Um homem de saberes que a todos impressionava no entra-e-sai da parentela naquela nossa casa em Mossoró. E se os outros tios eram por nós amados pela alegria cativante – fruto do humor que, aliás, não faltaria também a um irreverente Armagilo que chegou a ser mandado para a Marinha a ver se o consertavam – a relação que mantínhamos com tio Alexis era de pura reverência. E o seu conhecimento não era seriado ou utilitário. Não se tratava do resultado das cantilenas escolares, bê-com-a-bê-a-bá, bê-com-e-bê-e-bé. Ou das quatro operações fundamentais que também se aprendia à base da decoreba. E menos ainda do relato artificioso de uma 1ª Missa do Brasil cuja história pomposa repercutia no quadro de Victor Meirelles, pintado em 1860. Segundo afirmava gostosamente o humorista Mendes Fradique, em sua *História do Brasil pelo Método Confuso* – índios e navegadores haviam posado pacientes e contritos durante a

elevação pelo Frei Henrique de Coimbra. Não seria demais dizer, repetindo grosseiramente Roland Barthes, que tio Alexis acumulou saber com sabor, tornando-se um autodidata capaz de abordar qualquer assunto com a criatividade discursiva que consagra o verdadeiro *causeur*.

Sem revelar parentesco intelectual, com, por exemplo, o poeta Antônio Sales (o padeiro espiritual e erudito tio cearense de Pedro Nava), mas tendo desenvolvido desde cedo o hábito de ler, tio Alexis interpretava – e também podia criticar sem pedantismo – os assuntos das sucessivas conversações que costumava liderar nas passagens por minha casa. Numa delas, por exemplo, ficamos sabendo, num possível aproveitamento seu da alegre versão historiográfica de Paulo Setúbal, que Sua Alteza, o bom Príncipe primeiro Pedro do Brasil era homem humano e sujeito a desarranjos intestinais. E que foi a disenteria que o levou a parar subitamente numa das margens do rio Ipiranga, justo no dia da Independência.

E eis aqui um dado que a alguns poderá parecer inverossímil: durante toda a juventude aquele meu tio foi um soldado de polícia na gloriosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Por que foi ali parar, e por que a Polícia Militar, confesso que não consegui descobrir. Mas sei que foi no âmbito da caserna, na então capital da República, que aprofundou seu gosto pela leitura e alargou o horizonte mental nada inibindo sua vontade por informação. Tornou-se um ávido leitor de jornais que se multiplicavam então em versões impressas no cotidiano da capital federal. E quando um

dia retornou a sua terra natal, já descalçado dos coturnos, desvestido da túnica e do quepe de autoridade vinha com tal acervo de conhecimentos, que muitos passaram a considerá-lo o homem mais sabido de Caraúbas. Simplesmente, repito, porque não havia assunto sobre o qual tio Alexis se recusasse a falar. Não temo afirmar que nem o meu amigo Deilson Moura, familiarizado com a parceira Marta, com as mil modalidades informativas das mídias hodiernas (o mesmo Deilson de quem uma amiga, impressionada com o conhecimento caleidoscópico, disse que ele ainda haveria de escrever um livro com o nome de “A minha vida e a dos outros” capaz de aproximá-lo certamente de *A minha memória dos outros*, de Rodrigo Octávio), nem ele computaria tantas informações quanto as do meu tio.

Vindo periodicamente de Caraúbas para receber os soldos correspondentes à modesta aposentadoria de militar, tio Alexis ficava hospedado conosco e a sua presença causava momentos de especial proveito para todos. Até meu pai deixava transparecer uma calma reverente, tratando-o com especial deferência, como a reconhecer sua superioridade intelectual reforçada pela condição de ex-morador da capital da República. Os demais membros da família dedicavam-se igualmente a admirar a sua respeitável figura e os momentos da sua conversação que era, rigorosamente falando, um espetáculo. A começar pela cuidadosa postura de *homo erectus*, o porte esbelto e a camisa sempre ensacada no padrão militar, assim mantida o tempo em que estivesse ativo. Usava óculos de grossas lentes e pesadas armações e no

alto da cabeça, vigorosamente nordestina, os fios de cabelo já começavam a desbotar. A testa parecia menor que o coco, e as fortes mandíbulas projetavam um queixo discreto no qual jamais se viram fios de barba. E quanto à pele, corada e impressionantemente lisa, exibia a exceção de sulcos que o tempo encarregara-se de cruzar em sua nuca, num xadrez impressionante.

Pelas manhãs, o passo ainda cadenciadamente militar, dirigia-se ao banheiro para as abluções. Respeitoso, jamais retirava a camisa em nossa presença, e muito menos nos concedia vê-lo trajando bermudas, ou outra roupa descontraída. Permitia-se nessas ocasiões, quando muito, mostrar-se vestindo uma camiseta de malha branca. Acrescentava a esse discreto traje a toalha no ombro, utilizada para enxugar o queixo da espuma e das gotículas de sangue remanescentes do processo de escanhoar. Barbeava-se, aliás, quase sem olhar o espelho, utilizado ocasionalmente para o ato inicial de espalhar a grossa espuma produzida pelo creme mentolado numa pequena tigelinha de alumínio em que agitava um pincel de cerdas macias, parte de seus apetrechos desde o tempo da caserna. Depois do banho chegava para o café, animando as conversas até a hora de sair para o correio, onde o aguardava o parco pagamento. E vinha depois o almoço, também dominado por sua presença. Sentava-se então próximo ao cunhado, que visivelmente abria mão de entupir de comida o seu prato, cabendo-lhe a exclusividade das escolhas. Respeitoso, atento às informações que não cessavam. Se bem não fosse preocupação em

minha casa, de modestíssima alfaia, era possível notar que usava bem os talheres, mantendo-se, o tempo que durasse a refeição, empertigado – ainda militar – equilibrado em sua própria coluna, dando nobreza ao tamborete em que se sentava. Concluído o almoço, conferia as novidades locais no programa radiofônico “Notícias da Cidade”, trazidas pela inconfundível voz de Genildo Miranda, entre as onze e o meio-dia.

Após a sesta, tio Alexis dirigia-se ao Cine Pax, a dois quarteirões de nossa casa, para reencontrar o velho amigo Luiz dos Jornais, avermelhado, baixinho e rotundo, com suas calças largas e a camisa comprida também folgada, atendendo os clientes na calçada magicamente transformada em balcão, movimentando-se lerdo, os pés de bolão inapelavelmente deformados, sem esconder a alegria de rever o cliente especial. Em minha casa diziam que o jornalista ficara assim por causa de uma queda durante a construção de uma das torres da catedral em que havia trabalhado como servente de pedreiro. Salvava-o de morrer desviando o curso da queda para uma pequena montanha de areia, a própria Santa Luzia a quem no desespero recorrera. As pequenas pilhas dos jornais, além das revistas chegadas semanalmente, espalhavam-se pela calçada tendo cada uma robustos seixos de pedra sobre si, o que servia para inibir os curiosos e evitar que o vento Nordeste os espalhasse.

Ao retornar, sobraçando a robusta provisão de novas informações, chegava a hora de o meu tio Alexis aboletar-se numa das cadeiras da saleta de entrada de nossa casa.

E arrumada a pilha, à direita, passava à leitura dos jornais chegados no ônibus de Fortaleza, entretendo-se até a hora do café. Revelava estilo ao lidar com as dobraduras das folhas e não os amarrotava jamais. E com um movimento que parecia programado, punha do outro lado da cadeira à medida que eram lidos – o *Correio da Manhã*, *O Globo*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *Correio do Ceará*, *O Povo*, *O Mossoroense*, *Diário de Mossoró*, e, se coincidia com a chegada semanal, a revista *O Cruzeiro*.

Do arquivo mental de tio Alexis, aberto nas conversas que entravam pela noite, as informações chegavam em frases que podiam ser escandidas, palavra a palavra, para enfatizar a importância. E quase sempre intervalando a informação com tragos demorados de cigarro Astória, quanta coisa ficamos sabendo! Carlito a pegar a bandeira vermelha caída do carro de bombeiros, sem perceber que com ela passava a liderar uma manifestação operária; o drama familiar de Euclides da Cunha, levando-o das páginas literárias para as policiais; uns comentários sutis sobre a estrela cinematográfica Theda Bara; notícias sobre a literatura de José de Alencar; considerações sobre o talento maravilhoso de Leônidas da Silva – o Diamante Negro da seleção brasileira de 38 – a quem atribuíam a invenção da jogada que tem o nome de bicicleta; e até breves informes retirados da crônica social sobre Zezé Leone, uma famosa Miss do seu tempo. Surpreendia-nos também ao comentar sobre a inteligência do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo, revelando orgulho ao acentuar sua ancestralidade oestana de Campo Grande. Ocasionalmente

podia enveredar pela política, deixando clara sua simpatia pelo jovem presidente americano de então, cujo sobrenome pronunciava sorrindo, com a inovação do oxítono parecendo um francês: Kenedí. Ou revelar surpresa ante a irresistível ascensão de um político angicano de nome Aluízio Alves, lá “do sertão do Cabugi”, como dizia um hino de campanha mil vezes repetido pela Rádio Difusora.

Sem intimidade possível, eu mantinha vivas a admiração e a curiosidade pelo que dizia tio Alexis não perdendo a chance de compor a primeira plateia que se formasse para ouvi-lo. E ele, naturalmente percebendo a verdade daquele interesse infantil, chegou a me presentear com livros, talvez adquiridos ainda no Rio e que vieram consigo em algumas daquelas modorrentas viagens do trem que o trazia a Mossoró. Lembro-me, por exemplo, de *Os Sertões*, do mesmo Euclides da Cunha, cuja leitura adiei por alguns anos. De outra feita, trouxe-me *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Mas o presente que de fato se tornaria marcante, o início de tudo, a descoberta definitiva do prazer no ato de ler, chegou-me de maneira rigorosamente imprevista, eu confinado num dos quartos da casa por conta de uma catapora. Eis que surge ele um dia, com o seu jeito formal, portando um pacote tosco, o papel pardo amarrado com um barbante. Era um pequeno volume da Vecchi Editora. A capa colorida mostrava um menino e uma menina com ares assustados, efeito de alguma travessura, de cujo aperto tentavam safar-se com uma lamparina na mão. Fascinado li o título: *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain, e,

claro, logo comecei a ler – esquecida a catapora. Participei sem restrições de todas as loucas aventuras daquela celebração natural. Lembro-me que a perspectiva de retornar à vida saudável incomodava-me porque levaria naturalmente à interrupção da sua leitura, que me ajudou a admirar ainda mais o meu tio. E como não admirá-lo? Aquele homem que nos privilegiava com suas vindas periódicas, de algum modo compensara a rudeza da vida na caserna, lendo o mundo nos jornais, revistas e livros. E nem lhe faltaram, conforme nos disse um dia, experiências espetaculares na vida militar. Haver sido contemporâneo de quartel do compositor boêmio Nelson Cavaquinho, cujo cavalo, cansado das noitadas – segundo se dizia – retornava sozinho e com passos trôpegos em busca do estábulo, enquanto o autor de “Luz Negra” prosseguia na farra, foi uma delas. Experiência que não seria certamente maior nem mais excitante, que vivenciar em tempo real algumas das loucas peripécias de um malandro homossexual que, com sua temerária coragem pontificou por todos os botequins da Lapa do seu tempo sob a identidade de Madame Satã.

Tendo que sair da casa em que também morava a irmã Stelita, pelos motivos antes expostos, continuou zeloso da sua vida privada, realizando incursões amorosas na pequenina Caraúbas ou nas passagens periódicas por Mossoró, de modo discretíssimo. Mas um dia caiu de amores por Edmar, uma morena fornida com riso franco e grande poder de comunicação. O cenário do nascente romance foi a modesta pensão em que ela trabalhava em Caraúbas, onde costuma-

va fazer suas refeições. Se parecia ser, como alguns imaginavam, um solteirão empedernido meu tio voltou-se para valer à questão conjugal e constituiu sua própria família com a divertida companheira, que lhe deu filhos amorosos, tornando menos pesado o fardo da velhice.

O nome Alexis seria escolhido para batizar um dos filhos da irmã Elizabeth, residente em Natal. Era uma singela forma de homenageá-lo. E o sobrinho, de certo modo, puxou-lhe a bênção como jornalista de grande talento no jornal *Diário de Natal*. Embora não tendo atingindo a idade do tio, não caiu no esquecimento daqueles com quem conviveu e trabalhou. Importa dizer ainda que outra faceta do nosso tio causava admiração: o seu talento para o desenho. Havia em casa um caderno – infelizmente hoje desaparecido – no qual, utilizando-se de lápis de cera, ele retratou paisagens rurais, como a do pico famoso da fazenda Boa Vista, de tio Tião; uma festa caipira que adorávamos olhar; peixes, pássaros, bois e vacas. Até o homem da Emulsão de Scott, a carregar nas costas um gigantesco bacalhau ele desenhou, ajudando certamente a minha mãe a nos fazer engolir aquele líquido detestável. Um dos sobrinhos-netos revelaria, tempos depois, especial pendor para as artes plásticas, tornando-se pintor reconhecido e admirado: Fernando Gurgel, caçula da primeira ninhada de filhos do meu irmão Deífilo. A par dessa admiração coletiva, na qual cedo me engajei e que, de algum modo, ajudei a cultivar na vida da família, devo confessar que sempre me intrigou o fato de o meu tio, tendo dado baixa na polícia carioca, ainda forte e cheio de

inteligência, com tanto pendor para as letras, as artes, a informação, haver preferido a solidão da cidadezinha sertaneja, manhãs, tardes e noites aparentemente intermináveis, a monotonia dos cincerros soando longe, as mesmas conversas sobre banda de música, pecuária e lavoura, eleições, mudança no vicariato e na prefeitura, festa de padroeiro, crimes de morte. Porque foi se deixando ficar em Caraúbas pelo resto da vida. Ali morrendo-se.

Mais expansivos que os Gurgéis, os Avelinos costumavam animar as barulhentas conversas familiares com chistes, comentários maliciosos, presepedas. Em tio Josaphat, o tio Josa, era prática tão corriqueira que muitos enxergavam nas suas performances o modelo das não poucas timotices de Kiko, meu irmão. O exato oposto da mulher, a diáfana tia Nila que, de tão calma, tinha um ar de santidade. Sempre estava pronto a fazer das suas e até apregoavam na família ter sido o protagonista do episódio tão conhecido – do peido e do cagar. Que teria ocorrido no cotidiano de uma pequena mercearia que possuiu em Areia Branca. Era o que se dizia: que após usar o olfato para avaliar a qualidade do fumo de rolo, exposto no balcão e do qual pretendia comprar um pedaço, o freguês não conseguira segurar um peido. E cometeu a imprudência de perguntar ao dono da bodega se não havia outro fumo mais forte que aquele. Meu tio teria respondido que não. Que o de cagar já tinha sido todo vendido. Fosse ou não de sua lavra a grosseira *boutade*, o certo é que servia para reforçar sua imagem de homem com uma presença de espírito pouco comum, capaz de produzir achados de humor logo incluídos no repertório familiar.

Não logrando ser comerciante bem sucedido como meu pai, aquele tio que anos depois também migraria para Mossoró, tornou-se um dia seu inquilino com ele estabelecendo uma relação nem sempre tranquila. Curioso é que mudado da mesma Areia Branca, tio Josa passara a residir bem próximo: justo na Souza Machado, numa daquelas casas do lado esquerdo da em que eu nascera. Era ali que, sem jamais perder sua tranquilidade, a mulher fazia uns bolos de sabor inesquecível, com uma deliciosa cobertura de coco ralado, colorida com anilina, que avivavam nossa gulodice. Destinavam-se à venda com um tipo de refrigerante que tio Josa resolveu lançar em Mossoró, na pequena lanchonete do prédio alugado ao meu pai. A fórmula, ciosamente mantida em segredo, se insinuava no nome que decidira lhe dar: “Gelado de Ervatam”. Era a infusão de polpa de tamarindo a que acrescentava erva-doce, resultando da alquimia um líquido de cor âmbar, e sabor áspero, como um dia descreveu liricamente o meu irmão José. Não foi bem sucedido. E não demorou a acontecer a previsível separação litigiosa do irmão Juvenal, cessando aquele arrendamento.

Mas se a irreverência dos varões, sobretudo de tio Josa, era fácil de perceber, aconteceria um curioso capricho genético na família dos Avelinos. É que, revelando fortes temperamentos, traço sempre lembrado como possível herança de tia Chiquinha – à qual, curiosamente, dizia-se faltar bom humor – muitas das nossas primas acabariam se destacando pela alegria e pela espíritosidade que revelavam possuir. De passagem comentei sobre a questão no livro anterior. E

lembrei que entre todas, avultava a figura de Aparecida, filha de Naná e tio Chico Avelino que morava em Natal, por trás da Rádio Poti, como envaidecida costumava informar às pessoas. A primeira lembrança que tenho de sua esfuziante figura surge quando passamos a residir na rua de frente à da sua casa, condição a que chegamos – migrantes involuntários de Mossoró – numa aventura paterna que nos trouxe no rumo da capital. Convencido de que o filho Alderi – que consigo aprendera os rudimentos da panificação – corria o risco de não se dar bem ao abrir uma padaria no Areal – meu pai não contou conversa: qual John Wayne num *western* de John Houston pôs sua cavalaria na estrada.

Na minha lembrança, revejo Aparecida esfuziante como se fora uma das irmãs Batista, Linda e Dircinha, estrelas da era de ouro do rádio: na linda visão do corpo fornido, a boquita pintada em forma de coração, sobrancelhas arqueadas e cuidadosamente desenhadas a lápis. E as maçãs do rosto recobertas de tênue camada de pó de arroz com que tentava disfarçar discretas sardas. Assumidamente feliz com seu biótipo, parecia alegre em tempo integral. E não exagero se também a evoco como um modelo, *avant la lettre*, das maravilhosas figuras femininas do colombiano Botero, a exhibir ombros e braços fornidos, em seus confortáveis tomara-que-caia. Moça avançada, mesmo para os padrões da capital, mantinha quase sempre um cigarro engatado em vistosa piteira, a mão num gesto gracioso tal uma rosa na haste do antebraço. Morava com a mãe, Naná. E com esta costumava duelar em gordas risadas após algum comentário chistoso

surgido nas alegres conversações. Quando passamos a conviver com as duas em Natal, já havia tempo que o pai – um intelectual que a burocracia sufocou – tinha deixado a casa, arrebatado por um novo amor. Passionais e intensas, sem propriamente desgostar daquele homem, decidiram que não queriam mais vê-lo. Mais, não. Jamais. Nem pintado. E nisso tiveram a solidariedade da família, que, conservadora e sensibilizada com o que considerava uma imperdoável falta de consideração do tio, jamais abriu mão de apoiá-las divertindo-se com suas alegres presenças.

Naquela nossa passagem pela capital, minha mãe – mossoroense adotiva e radical – logo implicou com a casa onde passamos a residir. É que, diferentemente da topografia de ruas lisas como prato, de Mossoró, a casa natalense na qual passamos a morar estava encravada numa ladeira, dando a impressão, ao se chegar diante dela, que levaríamos o resto das nossas vidas a andar pensos, inclinando o corpo para compensar a descaída do terreno. Nada que perturbasse o alumbramento infantil de Dedé e meu. Ainda mais porque à noite, trazido por uns ventos que sopravam causando medo, chegava até nós o fraseado gutural e sincopado da cantora Nora Ney, de alguma amplificadora de parque ou circo (das Rocas? Do próprio Areal? Dos confins da terra?), soando como um acalanto retardatário, fazendo-nos esquecer nossa Mossoró distante. “Dorme menino grande/ que eu estou perto de ti”, dizia a música que só muito tempo depois eu viria saber que fora composta pelo grande Antonio Maria. Chego a pensar que minha mãe só não desistiu

de se instalar naquela casa justamente porque passamos a ter as duas parentas queridas à distância de um grito. Não havia tempo de se queixar pela falta do cenário e personagens mossoroenses. A alegria estava ali pertinho. Bastava atravessar a rua, o que, aliás, fazia Aparecida ao nos visitar todas as tardes. E nós contávamos as horas para sua chegada naturalmente lamentando quando, excitada pela aproximação da noite, cessadas momentaneamente as risadas do dia, ela dizia a minha mãe sem esconder a amorosa ansiedade:

- Agora preciso ir embora, viu tia Dalila?, daqui a pouco França passa.

Justificando o afeto aliterativo, tão logo nos deixava, víamos caminhar pelo outro lado da rua um França de pequena compleição, garboso e alegre, vindo da empresa de seu João Bitu, na qual trabalhava. Tantas vezes referido em nossas conversas, com ele Aparecida mantinha um romance que parecia eterno e que, para surpresa de todos, um dia acabou interrompido. Mas o espanto com essa interrupção inimaginável teria desdobramentos. Anos depois, outra vez em Mossoró, recebemos chocados a notícia de que França e a prima haviam se casado com amores alternativos. Porém, nos enganamos todos pensando que a história havia terminado com esse último acontecimento. Como num emocionante capítulo de novela da Rádio Nacional, outra surpresa ainda estava por acontecer: a paixão juvenil, jamais esquecida, os levou a um reencontro definitivo na maturidade e viveram juntos até que veio a indesejada trazendo seu conhecido mau humor.

Até parar na casa em que ficamos residindo em Natal, a família havia enfrentado uma verdadeira saga, como a prenunciar os problemas que nos aguardavam: o óbvio desentendimento do meu pai com Alderi, quanto à forma de administrar a padaria e a implicância de minha mãe com a ladeira e o chi-chi-chi das chuinhas, passageiras e tão comuns, nas manhãs daquele tempo. Aquele ano de 1955, aliás, havia chegado trazendo um inverno extremamente rigoroso. E partíramos de Mossoró em meio a sucessivos aguaceiros, iniciando a temerária viagem. Mesmo antes de ultrapassar o rio Açu, o caminhão-misto que nos trouxe enfrentou bravamente atoleiros e trechos de estradas que, desaparecidos sob as águas, recomendavam o máximo cuidado. E até tivemos de utilizar desvios improváveis, o que nos fez chegar a Cerro Corá, já no Seridó. Ali nos abrigamos para um pernoite numa desgraciosa pensão. Evoco-a com ternura, pois ainda permanece em minha memória um calor de casa das formigas da fábula e o alimento com que voltamos à vida no velho casarão de pé-direito que ia parar no céu. A tiritar, minha mãe logo acomodou-se na larga cama seridoense, ladeada pelo meu irmão José e por mim e nos cobriu a todos com uma colcha, enquanto o meu pai, na rede indispensável, logo se punha a roncar. A solidão da noite entremostrada pela lamparina de querosene, os sustos da estrada, os pingos da chuva ainda percutindo forte o telhado, desapareceram com o sono. E entre sonhos bons e pesadelos despertamos na capital.

Mal havia começado a arrumação dos móveis e objetos trazidos, Aparecida – que viera nos apresentar as boas vindas com o seu riso cristalino e inconfundível – descobriu entre nossos pertences um papagaio. Era o mesmo que Alderi havia adquirido numa pausa de exercício militar no Tiro de Guerra em Mossoró e que me fizera despertar um dia com a estranha sensação de garras no antebraço infantil. Não chegava a ser animal desprovido de beleza. Porém, parecendo considerar uma perda de tempo expressar-se em casa tão barulhenta, mantinha-se num mutismo incomum.

- E esse louro, tia Dalila, não fala nada? – foi logo perguntando.

Antevendo por certo a inconveniência de uma possível amizade entre a prima e aquele ser vivente que nada mais fazia que habitar sua pobre gaiola de tábua vertical com poleiro, rescendendo a dieta vegana e cocô, minha mãe tratou de desencorajá-la. E ponderou que ele talvez padecesse de algum problema congênito quem sabe uma dislexia, que o impedia de combinar palavras, lê-las organizadas em discurso. Ou, talvez, meramente não funcionava o seu aparelho fonador, quem podia saber? Coisas da natureza. Porque se aquilo não fosse, era leseira mesmo, sorte de papagaio beradeiro dominado pela timidez. Aparecida não apenas não aceitou as ponderações da tia, como não desistiu de dar umas aulas ao papagaio mossoroense. Quiçá intimidado com a exuberância da professora da capital, meu pobre louro acabaria confirmando o que dissera a dona da casa.

Não desasnou. Apenas, como costumam fazer os da sua raça, ficava a mover a cabeça para um lado e para o outro, dando a medida de sua leseira e garantindo a tranquilidade da minha mãe.

Aconteceu que interrompida nossa aventura de seis meses na capital, de volta a Mossoró, encontrava-se de passagem por minha casa e conosco iria almoçar, meu tio Antônio Calazans, irmão do meu pai. Era homem que sabia como poucos envergar um terno de linho diagonal o que, neste caso, era apenas um detalhe exterior, porque com seus modos educados e sua postura de homem sério, que o fariam chegar a ser prefeito de Areia Branca, tinha uma elegância das que se dizia vir do berço. Sabia trinchar um frango sem untar as mãos de gordura, e conversava sem jamais alterar a voz ou falar mal de alguém. Discreto até no modo de rir. Qualidades assim, tão raras na família, ficaram subitamente afrontadas quando o louro, talvez porque nostálgico sentisse a falta da amiga gorda e feliz que conhecera na terra estranha, decidiu dar mostras de um aprendizado no qual minha mãe jamais acreditaria. Superando o mutismo de tantos anos danou-se a falar, demonstrando habilidades fonológicas dignas de um diploma:

- Ai, ai, ai meu cu! Ai, ai, ai meu cu! Ai, ai, ai meu cu!

O aperreio da minha mãe só não foi mais veemente que o constrangimento do meu tio Antônio e do meu pai que – ao menos em nossa presença – preferiram não comentar aquele despropósito. Revelando a eficácia do método empregado pela professora Aparecida, o louro tor-

nou-se falante alardeando aos quatro ventos o seu idioma destrambelhado e sem qualquer inibição de aprender novas lições. Aprendeu a açular cachorro, cantarolar, chamar pessoas. E obteve tamanho destaque na crônica familiar, que acabou ganhando status de personagem num conto que um dia escrevi denominado “Duvidar de Cencinha, quem pode?”, publicado no meu primeiro livro, nos anos setenta, com o título de *Os de Macatuba*.

O repertório da prima Aparecida, diferente do daquele aluno, ainda tão modesto, compunha-se de anedotas, episódios impagáveis, causos que ela mesma protagonizava. Ao passar a residir em Natal, íamos Ione e eu visitar as divertidas mãe e filha, de vez em quando naquela mesma casa que encantara parte da minha infância e onde a alegria parecia eterna. Ríamos quase sem parar enquanto assuntos familiares ou não se sucediam. Numa dessas tardes, precedido por um cheiro insuportável invadiu a sala de jantar, onde nos encontrávamos um cachorro que ainda não conhecíamos. Com uma mobilidade rigorosamente improvável para os seus quase cem quilos, Aparecida saltou da cadeira e tangendo o bicho para dentro do banheiro, ali pertinho, justificou-se:

- Tarcisinho você me desculpe, mas eu vou dar um banho em Arrodeio.

Ainda pensava na forma carinhosa com que ela me tratava – coisa que nem mesmo os privilégios da caçulice haviam me propiciado – quando vi surpreso que o vira-lata voltara, tentando se livrar da tortura do shampoo higienizante. Sacudindo-se todo e patinando no mosaico que mo-

lhara, tentava fugir, porém sem conseguir evitar os jatos de spray de lavanda que Aparecida lhe aplicava no furico numa louca perseguição. Ao som das risadas de tia Naná e também das nossas, após enxugar-se, minha prima cuidou em acender um cigarro. E outra vez aboletada na cadeira nos explicou finalmente quem era e o que fazia na casa de ambas indivíduo tão surpreendente.

- Essa eu tenho de lhe contar, Tarcisinho.

Tia Naná: é a história de Arrodeio?

- De Arrodeio. Você sabe que a gente gosta de conversar na calçada de tardezinha né?

Tia Naná: falar mal da vida alheia...

Ambas riem desbragadamente. Aparecida retoma a narrativa.

- Pois uma tarde, Tarcisinho, a gente notou esse pobre animal passando em frente da casa. Arrodeava o quarteirão e tornava a passar.

Tia Naná: Dava uma pena... O bichinho queria dizer alguma coisa à gente...

- Era mesmo, nera mamãe? Bastou estalar os dedos! Você acredita? Foi uma alegria que só faltou o rabo cair de tanto abanar.

Tia Naná: Resolvemos adotar. Mas a gente não sabia quem ele era. Era preciso batizar.

- Ficou sendo Arrodeio. Não é bom, esse nome?

O episódio do vira-lata ilustrava a alegria que, afinal, era como um alimento de suas próprias existências das quais Arrodeio passara a fazer parte. E jamais lhe faltaria aquele carinho, a comida que ambas costumavam fazer, seguindo a receita dos temperos cheios de bom humor dos cardápios de Tia Naná. Quantas vezes nós mesmos nos deliciamos com os almoços que nos serviam no espaçoso alpendre da casa, cercado com grades de madeira treliçada e alegrado por árvores variadas e viçosas das quais pendiam gaiolas e trinos... Recoberta com imaculada toalha de linho, a larga mesa enchia-se com pratos enfeitados pela salada de verduras, numa festa de cores; terrinas de feijão, com charque e toucinho de porco; o aroma de pimenta do reino, alho e louro; o arroz da terra, fumegante, nas grandes travessas, com o acréscimo de cubos de queijo de coalho que derretiam *in praesentia*; a paçoca enfeitada com minúsculos pedaços de cebola roxa. E o porco torrado, ou a galinha à cabidela, que vinham em cubas de cobre afrontando o pecado da gula. Ela e Tia Naná nos regalavam também com sucos e risadas, aumentando a intensidade com o gosto forte das mangabas, dos cajus, cajaranas, ou das mangas. E se, houvesse em alguém disposição para a sobremesa, ia-se às compotas de sabores variados: goiaba, jaca, leite, caju, banana com cravo. Ou cocadas de rapadura, morenas e cremosas. Também ela direta em seu humor a tia costumava lembrar aos comensais visando, certamente, a evitar posteriores remorsos:

- Pai e mãe é muito bom. Barriga cheia é melhor...



Uma vez retornados daquela temerária experiência de mudar para Natal, fomos novamente morar em uma casa alugada. Sempre tão cioso das vantagens de ser o legítimo proprietário do imóvel que lhe servisse de residência – o homem tem que ter casa própria: é sua segurança – o meu pai sentia-se humilhado pela obrigação de visitar mensalmente o senhorio. Mas outra solução não havia: sem poder quebrar o contrato com as pessoas a quem arrendara a padaria, e alugara a casa que havia construído, a da Alberto Maranhão, passamos a residir sequencialmente em outras duas na incômoda situação. Lembro-me vagamente daquela que ficava no oitão da igreja do Coração de Jesus, sua arquitetura desgraciosa, a fachada sem expressão, corredor e quartos emparelhados, que ficava colada a um hotel, onde um dia vi a agitação de um time de futebol, já uniformizado, preparando-se para sair para o campo da Liga. Por trás do quintal movia-se preguiçosamente o rio, ainda despoluído, seguindo na direção da barragem, parando sempre que findava a estação das chuvas. Logo adiante, víamos a pracinha e a pequena igreja do Coração de Jesus edificada com a ajuda de um grande comerciante, Miguel Faustino, onde fre-

quentei o catecismo preparando-me para receber a primeira comunhão que ocorreria lá longe: na igreja do Alto de São Manoel. De tudo restou a grave consciência das responsabilidades e o desconforto da roupa apertando, tudo esquecido ante as guloseimas no café do Instituto padre Dehon.

A casa onde agora morávamos ficava nas imediações da única agência de Correios da cidade, próxima à qual residia uma família extremamente católica, com um filho seminarista, que chegou a estimular brevemente nossa latente santidade. Na mesma rua, só que na outra esquina, ficava a casa de seu Henrique Lima que era casado com uma irritadiça dona Júlia, irmã de José Menezes, um elegante proprietário de uma loja de artigos finos olhando para a agência do Banco do Brasil, na rua Coronel Saboia. Nos muitos batentes que levavam à larga soleira da porta de entrada, o que em nossa imaginação semelhava um pequeno palco, uma récuva de crianças entre as quais atrevidamente já me colocava, descobria pendores teatrais nas apresentações dos dramas que passaram às salas de jantar de casas mais compreensivas após sermos expulsos pela proprietária do palco. Liderava esse movimento amador, se não estou enganado, uma dupla de meninas mais crescidas: Enide, de seu Elzo Rocha e Lilian, esta, irmã de Tota, colega de Kiko, cuja irreverência se mostrava por inteiro numa risada monumental que desconcertava qualquer interlocutor. Utilizávamos para compor a cena, como fazem os artistas infantis, lençóis de dormir servindo de cortina. E a plateia, conduzia as próprias cadeiras.

Passado algum tempo, mudamo-nos para outra casa numa rua não muito distante, que algum intelectual solitário e irônico conseguiu que a municipalidade batizasse com o nome de Machado de Assis. A não mais de cinquenta passos ficava – e ainda fica em gracioso desenho urbano – a Praça da Redenção. Retangular, tinha naquele tempo em um dos extremos, o prédio da Ação Católica. No outro, ficava a antiga União Caixeiral, escola na qual eu viria a estudar, hoje ocupada pela Biblioteca Municipal. Alguém teve a ideia de sentar em um dos seus bancos, o jornalista-escritor Dorian Jorge Freire eterno morador da praça. A iniciativa feliz imita o que os cariocas fizeram para homenagear Drummond. Mas enquanto o poeta observa os passantes do bronze silencioso, Dorian, alheio a tudo, encontra-se fazendo aquilo que possivelmente mais gostava: lendo um livro. No centro da pracinha continua a existir uma acanhada e feia réplica da estátua da Liberdade que os franceses doaram para os americanos, e que – no caso mossoroense – destina-se a evocar a luta que empolgou a pequenina cidade culminando com a libertação dos escravos em 1883, o que justifica a Redenção que nomina o logradouro. Fazendo esquina com a antiga Ação Católica e com a rua que levava ao largo onde se encontrava a cadeia, estava a tristemente famosa bodega de Saturnino. Encerrava o minúsculo trecho que ia da Machado de Assis à Redenção, no qual se localizava a casa de seu Luiz Soares com sua bela e irreverente filharada: Jourdan, Silveirinha, Nildo, Célio e Claudete (Geraldo, casado com a prima Zezé, já se mudara, segundo penso para a Paraíba).

Aquela mercearia da esquina era, na avaliação dos próprios fregueses, modelo de desorganização, com sua obscuridade acentuando a falta de higiene, sempre ressaltada pela intermitente presença de personagens fugidios a circular com a velocidade de um raio entre sacas, pacotes e garrafas. Já suas personagens humanas pareciam saídas de um romance de Gorki: o velho irritadiço, a mulher, dona Maria, esquelética a perscrutar o ambiente e quem chegava para os fiados, e o filho adotivo, Valdeci. Baixinho e raquítico, pálido e desprovido de beleza – mas especialmente inteligente – logo se vingaria do destino, tornando-se uma ilustre figura na cidade, por haver passado num concurso do Banco do Brasil, onde fez carreira.

Dando sequência àquela emoção de ver um time inteiro movimentando-se na calçada do hotel, na rua anterior, dois outros acontecimentos esportivos se tornariam marcantes na Machado de Assis, por certo contribuindo para minha continuada admiração pelo futebol. Nossa casa ficava paredes meias com a de Dona Nicinha, uma vovó de conto maravilhoso. Eternamente descalça, e para sempre vestida com o mesmo vestido surrado, a sorrir exibindo seu único dente e com um lenço que também parecia eterno a cobrir a cabeleira branquíssima, vivia na companhia de três filhos homens: Dedé Pretinho, Juarez e Domício, este último um barbeiro que disputava com o narigudo Antonio Tércio a oportunidade de torturar nossos quengos com cortes de cabelo pouco ortodoxos e malditos beliscões da máquina cega. A única filha, já casada, chamava-se Luzia e trabalhava

numa loja de tecidos, o Armazém Caxias. Costumava visitar a mãe periodicamente trazendo consigo a beleza dos seus olhos verdes. Uma tarde de domingo – eis o primeiro acontecimento a que me referi – pude ver Dedé Pretinho, jogador apenas mediano entre os que disputavam o campeonato municipal, paramentar-se para ir ao campo da Liga. Não logro recordar o nome do time cujas cores ia defender. Mas fui privilegiado com a chance de presenciar um ritual quase mágico, enquanto dona Nicinha circulava silenciosa pela pequena casa. Já de calção, na sala onde os apetrechos do uniforme arrumavam-se sobre uma mesa tosca, Dedé foi vestindo com método e paciência um meião, depois o outro. Colocou as tornozeleiras em cada um dos pés e calçou, amarrando depois as chuteiras que faziam crec-crec-crec à medida que ele pisava o chão cimentado da pobre casa. Por fim, vestiu a camisa gloriosa de modestas glórias, hoje esquecida, e sem dar palavra dirigiu-se para fora de casa, montou sua bicicleta e se foi na direção do campo que eu sequer sabia onde ficava.

O coração infantil também pulsaria desordenado noutro momento ligado ao futebol. Era tempo do natal e fui presenteado com uma bola. Já na manhã seguinte, cheio de expectativa, levei-a comigo para a rua. E tive uma frustração da qual não me considero recuperado ainda hoje: na hora suprema de tirar a linha, organizando as equipes – as crianças todas reunidas e excitadas diante da nova pelota – restou-me ocupar a humilhante posição de goleiro. Nada de jogar na linha de frente que não revelava qualquer habili-

dade. E, além do mais, sendo pesado logo cansava. Somente com o passar dos anos pude compreender que integrava uma legião de gordos e magros desprovidos de talento para a prática do que alguns comunicadores saudosistas ainda chamam esporte bretão. E pior: deduzi que, *mutatis mutandis*, tornara-me um remoto colega de um adversário famoso: o goleiro Barbosa, do Vasco da Gama e da seleção, que não podendo impedir o gol do Uruguai, que derrotou o Brasil, na Copa de 1950 acabaria se tornando – como tristemente irônico lembrava – o único brasileiro condenado pelo resto da vida. Quanto a mim, não posso dizer que superei a frustração ainda viva enquanto escrevo, na altura dos 72 anos. Em decorrência desse, outro acontecimento perturbador ocorreria: numa daquelas pugnas travadas na rua descalça, um dos nossos zagueiros, preocupado em impedir que a bola chegasse a nossa área defendeu-nos com um chute tão forte que o meu presente foi cair no quintal de uma casa cujo inquilino – um capitão da polícia que não era amigo de ninguém – havia feito publicamente o juramento de punir com a morte toda e qualquer bola de futebol que viesse a despencar sobre seus domínios.

Nas conversas daquela casa da Machado de Assis tive também a chance de ouvir as primeiras informações sobre questões de justiça, direito penal, reclusão. O ponto de partida foi a notícia de que encontrava-se hospedado na cadeia, ali pertinho de onde morávamos, o mais famoso ladrão em atividade em Mossoró, quiçá no Estado: o temido Vaca Velha. O medo das famílias as levou a desenvolver táticas de

neutralização da potencial ameaça ante a vizinhança do marginal. Marta, filha de seu Ribeiro e Maria Júlia me disse um dia que os pais mandavam provisões diárias de comida ao ladrão recluso, acompanhando o almoço ou jantar, a discreta recomendação de que ele se considerasse dispensado de futuras visitas à casa onde moravam, ali próxima, quando a liberdade viesse a ser obtida. Legalmente ou por fuga.

Mas outra pessoa ainda frequentou a crônica policial da cidade por esse tempo tornando-se popular e despertando nossa curiosidade: Hiram, que pode ser visto também nas páginas do memorialista Francisco Fausto. Era um radio-técnico cearense, magro e palidíssimo o qual – como diria a afetada personagem de Francisco Pereira da Silva, (o teatrólogo e não o seu homônimo e meu cunhado) – fora preso e condenado por haver se tornado um uxoricida: assassinara a mulher. O corpo mirrado, de índio boliviano e seus modos educados desautorizavam tamanha violência. Embora parecesse grande a sua pena, devia encontrar-se em liberdade condicional quando o conhecemos, já vivendo outra – nesse caso bem sucedida – vida conjugal. Da nova união havia resultado três filhos. O primogênito, moreninho, parco de carnes, chamava-se Eisenhower, como o general americano que após comandar as tropas aliadas no chamado Dia D, tornou-se inquilino da Casa Branca. E seus irmãos foram batizados com os nomes de Libertad Lamarque – homônima, portanto, da cantora-atriz argentina desafeta de Eva Perón – e Eugênio Pacelli, que parecia ser o fim-de-rama, assim intitulado numa óbvia homenagem ao sisudo papa

Pio XII. Tão nobre antroponímia teve a consultoria de Raimundo Uchoa, outro irreverente filho dos já citados Ribeiro e Maria Júlia.

A cidade admirava a inteligência de Hiram. Os rudimentos científicos adquiridos como rádiotécnico, o fizeram voltar-se também para as notícias cada vez mais frequentes a respeito da corrida espacial. E acabou, como de resto aconteceu com outras pessoas mundo afora, encasquetando na cabeça que Mossoró não deixaria de participar daquela competição. Que tinha como contribuir para nos colocar entre URSS e EUA, com artefato capaz de – ao menos conceitualmente – ombrear-se aos U2 disparados por Von Braun na 2ª. guerra ou ao foguete que revelou a comovente aventura de Laika, a cadelinha russa girando no espaço para sempre no satélite espacial Sputnik 2. Com a rapidez que concernia ao assunto, espalhou-se a notícia de que Hiram faria subir o seu próprio foguete numa linda tarde de estio. Não alcanço descrever os detalhes técnicos de tal empreendimento, por absoluto desconhecimento científico. Assim, não tenho como explicar porque tudo acabou numa chocha explosão, ocorrida tão logo o foguete de Hiram iniciou a ascensão quase derrubando a forte admiração que os mossoroenses, revelavam pela inteligência do radiotécnico presidiário.

Mas nossos vizinhos da esquerda, na Machado de Assis, também despertavam curiosidade. A dona da casa, dona Eufrásia viúva e católica praticante, vestia-se com um ascetismo beatífico, o que lhe ressaltava o corpo miúdo e magérrimo. Tendo migrado de Caicó, aquela santa senhora assistiria os

filhos que residiam consigo desenvolverem interesses mais próximos do profano na nova cidade. Jandira, por exemplo: compôs com Yolanda Melo, Joaninha Costa, Assidália Bolão, Heliene Filgueira, as irmãs Maria Lúcia, Honorina e Coralia Escóssia e outras senhoritas cujos nomes a lembrança não consegue resgatar, um grupo filantrópico denominado Luízas de Marillac. Sendo obra piedosa, inspirada nas ações assistenciais da freira que auxiliou Vicente de Paulo nas tarefas de assistir o próximo necessitado de socorro, nem por isso abria mão do diálogo com o mundano nas festas-baile que promoviam semanalmente, no Ypiranga. Chamavam-nas *boate* – Boate das Luízas – e se destinavam a arrecadar dinheiro para, se não estou enganado, o Abrigo Amantino Câmara, que ainda acolhe idosos em Mossoró, sob a inspiração de dona Edy Moura. Vamos à boate das Luízas? – dizíamos. Porque era noite de quarta-feira.

Foi por esse tempo que o empresário Cristóvão Frota, um primo que havia retornado de experiência bem sucedida no ramo de bar e restaurante no interior de São Paulo, arrendou o que havia restado do Ypiranga, melancolicamente desativado. A alegria foi geral. Além de reerguer o velho clube, garantia com o bom funcionamento do bar e restaurante, a animação da Boate das Luízas. Cristóvão, sua mulher Amélia e os filhos Mazé (que adiante casaria com Kiko, meu irmão), Djalma, Neide e Cleide e os ainda meninos Tarcísio e Déo, introduziram na cidade novos hábitos alimentares e coreográficos, já que continuávamos a dançar ritmos conservadores e lanchar – no café de Francisquinho,

na coronel Saboia – o cachorro quente feito com pão francês e carne moída, coentro e cebola que trinchávamos, sob o olhar mau humorado do único garçom da tosca lanchonete, o gago Valderi. O lazer filantrópico das Luízas e o pleno funcionamento do bar do Ypiranga, levou-nos a consumir quibes, frango à passarinho, e um macarrão que, servido à bolonhesa nos chegava em porções denominadas “Meia Macarronada”. E quanto à dança, alguns de nós bem que tentaram seguir os passos dos filhos de Cristóvão e Amélia, a fazer alegres demonstrações de como se dançava o hully gully, o twist e até o cha-cha-cha naquele dancing assoalhado com pinho de riga.

Jaime Hipólito, o filho homem que residia com dona Eufrásia, tornou-se um talentosíssimo jornalista/escritor e depois advogado. Era reconhecidamente o principal intelectual mossoroense de então, embora com senso crítico aguçado e extrema lealdade, fizesse questão de atribuir tal condição ao amigo irrevogável Dorian Jorge Freire, que já se encontrava em São Paulo, atuando no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, de onde – amargurado com algumas das presepadas do homem da Bessarábia e engrossando o coro dos descontentes – haveria de se mudar para o jornal católico *Brasil Urgente*, passando a fustigar a ditadura sob outras bênçãos: do Frei Josafá e de Alceu Amoroso Lima – “Doutor Alceu”, como costumava lembrar reverente.

Enquanto mais forte se revelava o radicalismo na política estadual, Aluizio Alves pondo em sério risco o domínio dos Rosados em nossa cidade, Jaime Hipólito em nome desses

escrevia críticas candentes aos opositores. Foi no tempo das campanhas do Pisa na Fulô/que Duarte já ganhou, e Pisa no Capim/que a vitória é de Toin, diminutivo carinhoso pelo qual era conhecido Antônio Rodrigues de Carvalho, filho do velho vereador João Manuel, correligionário irredutível dos Rosados. Uma e outra paródia pegavam carona no grande sucesso da cantora paraibana Marinês. Os textos jornalísticos produzidos com mordacidade e humor por Hipólito eram lidos no programa intitulado “O Prato do Dia”, da rádio Tapuyo e com certeza agradariam seu ídolo, o crítico Agripino Grieco se, como nós, pudesse ouvi-los. O locutor Souza Luz, que não tinha o timbre aveludado de Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, nem como este escandia sílabas lendo a crônica denominada “Boa noite para você”, (nem o timbre cristalino da voz de Genildo Miranda estrela da emissora concorrente), fazia com sua voz roufenha leituras verdadeiramente memoráveis, abusando da ironia, pontuando palavras, valorizando pausas e acentuando imagens dramáticas fazia tremer as bases adversárias.

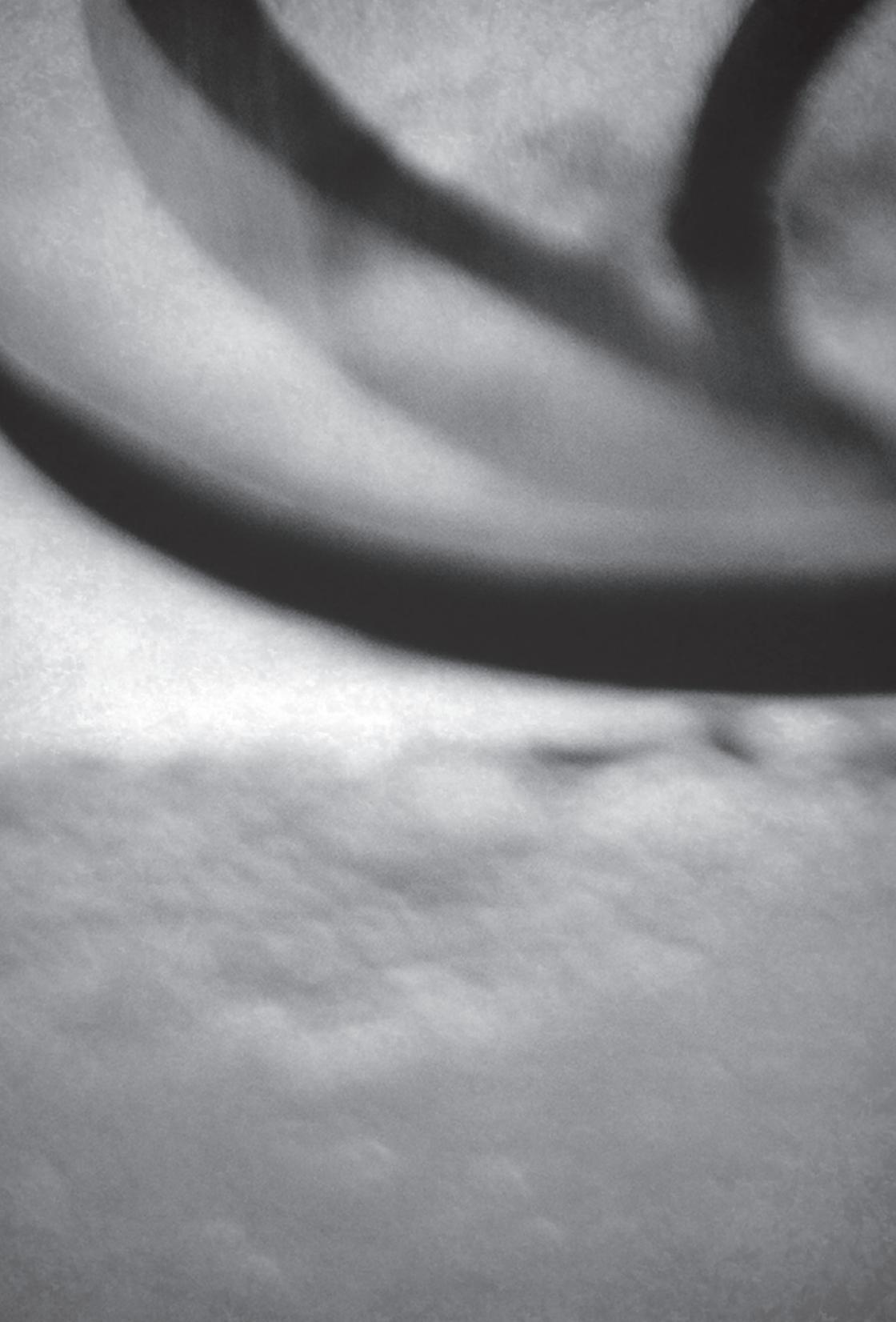
Com aquele vizinho jornalista descobri um dia o charme do que se costuma chamar vida literária. Numa luminosa manhã de 1962, recém-retornado de um festival de teatro em Porto Alegre, no qual o TEAM, o grupo amador de teatro de Mossoró, havia tido forte participação, assisti ao lançamento do livro de contos que Jaime Hipólito escrevera com o título *O Aprendiz de Camelô*. Aconteceu na Casa Octávio, uma loja de livros e papelaria que ficava na Rua Coronel Vicente Saboia, em pleno centro. O seu fundador, José

Octávio – que não cheguei a conhecer e que nos idos dos trinta seria prefeito por onze dias, segundo anotou o pesquisador Raimundo Soares de Brito – era jornalista, escritor e fotógrafo de talento. E, vim saber depois, avô do compositor Danilo Guanais. Na agitação da loja apinhada de gente, a professora Dalvanir Rosado, que dirigia o Grupo Escolar 30 de Setembro, onde eu fizera o curso primário, vendo-me meio perdido na multidão que invadira a loja, abordou-me com uma indagação aparentemente despropositada:

- E o seu? Quando vamos lançar?

A atitude correspondia a uma postura típica da militância intelectual de Vingt-Un Rosado, (assim mesmo: sem a partícula “et” do numeral francês, por um provável descuido do escrivão) que, além de criar a biblioteca pública da cidade começava a publicar generosamente o que lhe caísse às mãos na recém-criada “Coleção Mossoroense”. Até bons livros, como esse de que assistimos o lançamento. A indagação da educadora hoje freira parecia conter um sutil reconhecimento por minha participação como integrante do grupo amador de teatro chamado TEAM. Com esse grupo havia defendido as cores de Mossoró numa viagem a Porto Alegre da qual falarei adiante. Mas caberia indagar: não teria surgido a inesperada pergunta pelo fato de aquela querida diretora do meu grupo escolar ter sido uma das vítimas da leitura dos versos, que eu dediquei a minha mãe, lidos na programação comemorativa de maio da Rádio Tapuyo, quiçá por iniciativa do vizinho jornalista, alguns anos antes? Um pouco que repetindo a lição do chamado bruxo do

Cosme Velho, patrono da rua onde ambos morávamos, é fácil concluir que até em minha cidade havia lugar para serem utilizadas a pena da galhofa e a tinta da melancolia.



Aniversários, que eu me lembre, não mereciam comemorações em nossa família. Claro, quem completava mais um ano de vida sempre tinha o fato registrado através de breves cumprimentos, sendo que o meu pai permitia-se manifestar de forma curiosa sua alegria ao aniversariante: “aceite meus paraquoses”. A inexistência dessa prática apenas confirmava mais uma atitude pragmática, numa família com tantos filhos e tão cuidadosa com os gastos que podia fazer. Mas sempre havia uma exceção aqui e outra ali. Quando completei treze anos, por exemplo, ganhei da minha mãe o livro *2455 Celas da Morte*, de um autor americano cujo nome era Caryl Chessman, presidiário condenado à morte no Estado da Califórnia, sob a acusação de uma série de crimes em que se contavam assaltos, assassinatos e estupros. Tudo parecia misterioso em sua dramática atuação. E tivesse ou não cometido os delitos que o levaram à prisão e consequente condenação em San Quentin, ressaltava a espetaculosidade de lances cinematográficos de que o acusavam. Diziam-no responsável por episódios aterradores aos quais não faltava sequer a apavorante intermitência de um fecho de luz vermelha, de uma lanterna utilizada para anunciar

o brutal ataque sobre as vítimas, na escuridão da noite. O presidiário-escritor jamais admitiu sua culpabilidade diante dos acusadores. E adquiriu tamanha notoriedade, que outro fã mais ardoroso que Mario Prata e eu – João Acácio Pereira da Costa, migrado de Santa Catarina para São Paulo – acabou vivendo a fantasia do bandido da luz vermelha, enchendo a crônica policial durante muito tempo com mortes e assaltos no meio da noite iluminada pelo facho pavoroso. Preso, o delinquente brasileiro quase apodreceu na cadeia. Já o original americano, bradando aos quatro ventos a sua inocência, tratou de se defender pessoalmente da ameaça de execução até dispensando advogado. Montou uma biblioteca jurídica em sua própria cela e passou a reunir elementos que pudessem desqualificar as acusações, valendo-se do seu talento para lidar com as palavras. Para não fugir à cartilha do *way of life* do país de tio Sam, um editor esperto entrou em cena enxergando a possibilidade de um bom negócio. E o livro, de fato, virou um best-seller. E Chessman acabaria se tornando uma atualizada e tosca versão masculina de She-razade, pois sua defesa obstinada naquele livro e nos que se sucederam continuariam provocando sucessivos adiamentos na execução.

Passado tanto tempo, creio ser possível fazer duas ou três constatações sobre a natureza e os efeitos daquele mimo materno que tendo contribuído para aumentar meu interesse por novas leituras, cumpriu um dia o seu destino de livro emprestado, desaparecendo de vez de minha vida. A primeira é esta: não foi propriamente o desejo de ver o filho

a carpir o destino de Chessman, que motivou tal presente, mas a certeza de que preenchia uma expectativa de quem já gostava de ler livros. Senão a minha mãe teria me apresentado com uma camisa, um par de sapatos ou algo assim. A leitura já se revelara um exercício prazeroso desde que o meu tio Alexis me trouxera de Caraúbas o livro de Mark Twain, com o qual superei uma quarentena de catapora. Já não causava estranheza encontrar em casa livro diferente dos adquiridos por imposição escolar: a *História do Brasil* de Borges Hermida, a *Matemática* de Carlos Galante, a *Gramática Portuguesa* de Bechara – que eu utilizava após anos de manuseio.

A segunda constatação que me ocorre, é a da força incoercível da comunicação. Tal como ocorria com milhares de famílias brasileiras daquele tempo, havíamos desenvolvido o hábito de ler em casa a revista *O Cruzeiro* que circulava nacionalmente. E pelas páginas da memorável publicação criada para chegar semanalmente às mãos do leitor, pelo jornalista-empresário e escroque-mecenas, o brasileiroíssimo Assis Chateaubriand, podíamos acompanhar a luta de Chessman para impedir que lhe tirassem a vida – luta que seus livros detalharam ricamente. Talvez seja desnecessário dizer que comemorávamos após cada adiamento e assim também ocorria com outras pessoas em lugares os mais improváveis. Mais adiante, claro, tivemos de redirecionar o foco do nosso interesse. Porque como na aparente brincadeira clariciana de parodiar o maravilhoso no conto *Uma galinha* – dando-lhe o fecho plebeu de fumegante almoço de

domingo – um dia a corte de justiça ianque não mais aceitou as apelações de Caryl Chessman. E então, mataram-no, deram-no à terra como alimento e se passaram muitos anos.

Mas há uma terceira e talvez mais impressionante constatação que também resulta da atitude materna e do presente: em nenhum momento há de ter passado pela imaginação de minha mãe a ideia de que tal livro poderia influenciar o comportamento do seu filho, desviando-o para o mal. Que eu viesse a me tornar um delinquente matador ou algo assim. Talvez porque considerasse que mesclados o sangue Gurgel com o Avelino e tendo eu chegado a este mundo no primeiro decanato de outubro deveria ser naturalmente propenso ao equilíbrio como costumam explicar astrólogos e afins. Até poderia Dalila, se tal não bastasse, invocar como corolário de minha falta de vocação para a violência o fato de eu haver nascido em 1945, no fim da guerra, pouco importando que tivesse feito uma estreia atabalhoada no palco da Praça Souza Machado saudando o 6 de outubro com previsível berreiro.

O fato é que ao longo de minha vida, mesmo enfrentando por vezes situações bem difíceis, jamais consegui materializar ações violentas. Pelo sim, pelo não, minha mãe preferira fazer ouvidos de mercadora quando insistentemente lhe pedi num dos natais da infância um revólver que parecia saído do coldre de Rock Lane para repousar na única vitrine existente no armarinho de Lourimar, na rua Francisco Isódio, por trás da nossa casa da Augusto Severo. Não tive como evitar a frustração porque não

acreditava que pudesse haver brinquedo mais bonito em qualquer época ou latitude: empunhadura branca de galalite a imitar madrepérola, com uma carantonha de touro em alto relevo, cano e tambor de balas lavrados em metal dourado, era a arma que eu precisava para sair da condição de Tarzan frustrado para me tornar, no mínimo, um integrante imaginário da quadrilha de Jesse James.

Esboçadas as justificativas desse razoável equilíbrio, assinaladas as pequenas frustrações, devo lembrar que a vida me ensinou ser enganoso julgar famílias pelos sobrenomes, justificando-se distinção comportamental, pela pretensa qualidade de bem nascidos. Quando nos anos cinquenta chegamos a Natal, após a atabalhoada mudança de Mossoró, ainda crepitava na cidade o noticiário de um rumoroso crime do qual participara o primo Lolô. Ostentando fitas de sargento da Polícia Militar, compunha ele o grupo que liquidou numa emboscada o advogado Edson Maranhão, pai de alguém exemplarmente ponderado: o educador e, depois, deputado federal João Faustino. Esclarecida a trama da chacina, o nosso parente militar ficou recolhido à detenção, após um dos comparsas tentar assassiná-lo. Lembro que o meu pai nos levou na visita que lhe fez quando se encontrava em recuperação no hospital, numa ala reservada na enfermaria. Vi ali, embora vagamente, um Lolô corpulento e gentil. Recostado num leito branco, conversava como qualquer pessoa distinta, embora isso o obrigasse a um esforço extra e doloroso, pois tinha o peito enfaixado parecendo respirar com dificuldade. Difícil imaginar que homem tão atencioso pudesse ser um assassino.

Outro parente desse ramo familiar tristemente envolvido em episódio trágico foi Edmilson, meio-irmão de Aparecida e filhos, ambos, do meu tio Chico Avelino. Era um menino encantador, com invejáveis qualidades vocais. Junto com os hoje juristas Carlos Roberto de Miranda Gomes e Odúlio Botelho compunha um *cast* de estrelas-mirins da Rádio Poti, no tempo em que entre as estrelas maiores brilhava Glorinha Oliveira. Multidões iam vê-los e ouvi-los cantar num programa de auditório identicamente ao que ocorria em Recife com o mais famoso cantor mirim do Brasil, Paulo Molin. E as famílias natalenses que não podiam se deslocar até o “Domingo Alegre” que Genar Wanderley comandava na emissora dos Diários Associados, não abriam mão de sintonizar seus mullards, phillips, semps, para ouvi-los antes dos almoços dominicais. A voz maviosa daquele primo inundava os aparelhos, conduzida pelas hertzianas ondas da emoção. Lamento haver conhecido tardiamente o irmão, também cantor e igualmente meu primo Didi Avelino, residente no Rio de Janeiro e descoberto em caminhadas por blogs, sites e googles, por Carlos Gomes. Não tendo convivido com Edmilson, restou na memória – do único contato que com ele tive no balcão da livraria onde eu trabalhava – a lembrança de um olhar tristonho de quem, sendo bom, carregava o peso de haver matado um desafeto. Precocemente calvo, sem mais exibir o topetinho brilhante, da foto que o meu tio Chico, orgulhoso, remetera ao irmão em Mossoró. A timidez daquele homem agora livre acentuava o peso de seu próprio drama.

Quanto ao outro ramo familiar, dos Gurgéis, também revelou figuras com seu quinhão transgressivo, estimuladas por inexplicável rebeldia, o que contrariava a vida comum e pacata de um povo cuja vocação mais evidente sempre foi Educar. Pergunto-me, eu que não domino questões de genealogia, se aquele desvio não seria uma remota herança genética do francês da Alsácia, certo aventureiro de nome Toussaint que veio brigar pela França Antártica e após ser preso e libertado, enriqueceu e espalhou descendência pelo Brasil. Certo é que também no clã dos gurgéis, sempre referido por sua afabilidade, o sorriso a exibir restos de infância, e na maioria deles a fala anasalada e uma boa disposição de cumprir as regras da urbanidade, houve também quem se desgarrasse das condutas-padrão que se reconhecem nas famílias sertanejas. Minha mãe costumava lembrar nos serões domésticos, a figura tristemente famosa de um primo, o padre Elesbão, que ia da elevação da hóstia e do cálice – na gravidade ritualística da santa missa – ao soerguimento de copos de bebida profana com preocupante regularidade. Entre os episódios que lhe marcaram a tumultuada biografia religiosa, um viria a provocar tristeza e revolta na família: tendo um dia bebido além do que permitiam o altar ou a sociedade, acabou caindo na sarjeta de uma calçada qualquer numa cidade onde exerceu o vicariato, tendo sua tonsura pintada a piche, escândalo que horrorizou os fiéis mais que seus porres. O próprio Lourencinho, professor e pai da minha mãe, teve lá seus momentos de desinteligência nos tempos da juventude. Pelo que sei, faltou pouco para chegar

às vias de fato com Sebastião, primo que viria a se tornar um rico banqueiro em Mossoró. Os motivos não cheguei a descobrir. Mas ele foi ameaçado de agressão e quem o diz é fonte rigorosamente insuspeita: o próprio Tião Gurgel, no diário manuscrito que deixou o qual, a pedido de Vingt-Un Rosado, Obery Rodrigues diligentemente organizou e publicou pela Coleção Mossoroense.

Mas nada superaria a breve e triste história do menino Moisés. Dele, recordam-se os parentes mais antigos, que era branquinho e sorridente, exibindo roupa sempre muito arrumada. Todos o admiravam, tratando-o por Moisezinho. Ocorre que também ele optaria por vestir a túnica com as insígnias de ordem e desordem. Oficial da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, ocupou delegacias e outros postos com temerária coragem, e acabou se tornando algoz e vítima de uma existência dominada pela sina da tragédia. O seu quinhão de miséria exauriu-se quando foi morto a tiros numa tarde em prosaica lanchonete de Nova Parnamirim na Grande Natal. Quanto a mim, deduzo que se efeito tiveram as páginas daquele livro de Chessman foi no sentido de despertar o desejo por outras leituras. Pois as histórias que compõem o modesto espetáculo da minha existência, são feitas – benza Deus! – de personagens pacíficas, confirmando a sabedoria da tese da minha mãe, zelosamente atenta à importância de continuar tendo filho.

As manhãs de minha adolescência foram iluminadas por um sol intenso que tendo reverberado nas velhas pedras irregulares de calcário, colocadas nas ruas do centro de Mossoró por calceteiros anônimos ainda no tempo de padre Mota, continua a visitar minha cidade, trazendo calor, suor e ardência na pele desde a sétima hora do dia. Alívio, apenas quando se entrava em alguma casa, ou se recorria ao abrigo das copas dos pés de fícus benjamim igualmente plantados durante a administração do vigário prefeito. Tendo retornado de Roma, onde completou sua formação religiosa no Colégio Pio Latino Americano, aquele religioso voltou-se à política e acabou se tornando um prefeito longo, iniciando sua trajetória administrativa ao assumir o cargo após o prefeito Duarte Filho nele haver ficado apenas dois meses, segundo informa Raimundo Soares de Brito em *Legislativo e Executivo de Mossoró – uma viagem mais que centenária*. Depois de completar o mandato do seu antecessor, foi eleito no ano de 1937 e mantido durante o Estado Novo, só deixando a Prefeitura em 1945. Havia desde então um forte respeito pelos viçosos pés de fícus benjamim que amainavam a canícula no centro da cidade. Outro administrador decidiu

adotar profilaxia bizarra erradicando todas aquelas árvores na tentativa desesperada de livrar a cidade de uma praga de lacerdinhas, os minúsculos tisanópteros, cujo nome pedante descobri – antes de vê-los pousados na biografia do padre escrita pelo sobrinho, Tomislav Fenenick – nas consultas feitas ao Aurélio e sites da Internet. O apelido pespegado ao irritante inseto era, claro, uma irreverência que seguidores do presidente Jango Goulart, dirigiam a Carlos Lacerda, vingança tardia e bem humorada contra quem fora algoz do Presidente Vargas, e que agora, no governo do recém-criado Estado da Guanabara, continuava a estrebuchar mesmo na condição de telhado de vidro. Sem as árvores, ficamos apenas com o fresco do vento Nordeste, que assopra da várzea todo comecinho da tarde.

Mas, independente da sensação térmica desagradável, a cidade oferecia-se sedutora a minha curiosidade juvenil. E se havia a Padaria Santa Rita e o Colégio Santa Luzia como obrigações, havia também o deambular preguiçoso pelas ruas do centro quando chegava o sábado. Eu as percorria como um *flâneur* oestano, sem me dar conta então que o galicismo “flanar” indicava, justamente, que não havendo nada a fazer, melhor era passear pela ponte, praças, os cinemas, o mercado e outros sítios que, hoje, ou parecem não ter mais graça ou simplesmente não parecem mais. Já circulando pelos anos 60 e sob a influência de um colega do Santa Luzia, João Bosco Fernandes que faleceu sem ler estes escritos, vi aumentar meu interesse pela literatura, com a descoberta dos livros de José de Alencar que ele e o Brasil

compravam em coleções. Decidi imitá-lo. E com a óbvia ajuda da gaveta da padaria, adquiri exemplares da obra do escritor romântico que chegavam mensalmente pelo reembolso postal. Embora modesta a coleção dava-me orgulho: os livros tinham capas duras dando a impressão de serem revestidas de couro. E as lombadas enfeitadas de arabescos dourados e pretos, exibindo os títulos das obras de Alencar, levavam-me a admirá-los arrumados verticalmente nas pobres estantes improvisadas com tijolos furados e pequenas pranchas de madeira. Mas não demoraria a passar a outras leituras, mais realistas. Tornou-se experiência inesquecível, por exemplo, ler o romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, numa brochura, da Martins. Fora emprestado pela prima Jaci – outra que, saindo de cena apressadamente também não chegaria a comentar estes *recuerdos* com sua verve – acompanhado da informação de ser “um livro muito pesado”. Havia na advertência um subtexto que me foi de extrema utilidade: o erotismo dos embates amorosos do casal protagonista, no embalo suave dos saveiros ancorados no cais. Aquela história cheirava a sargaço, espalhando ao vento do cais uma estranha canção de Caymmi indicando quão doce era morrer no mar da Bahia. Junto com outra amiga, Maria das Graças Queiroz, foi a prima Jaci uma das raras leitoras de livros com quem cheguei a conversar na juventude. E quanto aos rapazes que, como eu, demonstravam interesse pelo livro e pela leitura, havia além do já citado Bosco, a doce figura do esquisitão e irreverente Antonio Paula um privilegiado vizinho do cinema Pax. Davam-me,

as meninas e ele, a impressão de ler livros de modo sequenciado, nisso ganhando até dos colegas do Circulo Cultural Machado de Assis, do qual adiante falarei, cujas bolsas modestas não possibilitavam aquisições.

Realizada agora com alguma regularidade, a leitura de livros estimulou-me também a escrever, reforçando em mim a crença – como haverão de lembrar os que leram o livro anterior – de que tendo um irmão que publicava poemas em jornais de Natal e Recife também eu poderia produzir literatura e divulgá-la. Mas não logrando produzir algo que prestasse no campo lírico, optei por escrever um romance. E dada a simplicidade da tarefa, parti do título, *Miséria*, com o qual imaginava marcar condição de epígono e obter reconhecimento. Ainda bem que as leituras que incansavelmente fiz e repeti daqueles pobres originais, acabaram me convencendo de não persistir na insanidade. Salvei-me – também a literatura brasileira – dos riscos de acompanhar os pobres fantoches que caminhavam, caminhavam sem chegar a lugar algum. Enchi quase um caderno e os pobres retirantes não conseguiram parar. Decidi então eu mesmo fazê-lo.

Mas o caso é que também me faltando talento para a ficção, não me faltaria – como anteriormente foi dito – a adolescente disposição de ficar zanzando aos sábados pelas ruas do centro de Mossoró. Saindo de minha casa, passava pela frente do Edifício Rocha e, flanqueando a catedral de Santa Luzia, podia avistar, quebrando no linho e, muito provavelmente, esbanjando alguma fragrância coty, o alegre sacristão Raimundo que compunha com o padre catarinense

Huberto Bruening – chegado à cidade quando também veio o primeiro bispo, Dom Jaime Câmara – estranha dupla a conduzir a fé dos fiéis que no meu tempo frequentavam o primeiro e principal templo católico de Mossoró. Raimundo vinha dos tempos do “padre Mota gordo e buchudo” – como dizia a música que, debochado, Benício Gago cantava como vingança por ter tido um jumento apreendido pelos fiscais da Prefeitura.

Mesmo formado nos graves rituais do Colégio romano, o vigário que durante anos dirigiu o clero e a política da cidade, continuaria irreverente, produzindo *boutades* nas quais se valia de vocabulário assumidamente pagão. Já o padre Huberto, veemente antítese sua – tão alto era, tão magro e sisudo – utilizava-se do humor apenas como ironia, ao tentar realinhar fiéis desgarrados do curso sagrado. Necessário dizer também que o padre catarinense, que adoçava sua permanência na cidade com a criação de abelhas, jamais pareceu incomodado com os trejeitos do auxiliar. O memorialista Francisco Rodrigues, Chico de seu Neco Carteiro, lembrou que um dia, pressionado pelos cordeiros mais conservadores, padre Mota chegara a demiti-lo. Porém, ao ver o caos em que se transformara a sacristia, chamou-o de volta. E ponderou: embora o sacristão da catedral tivesse um comportamento pessoal heterodoxo, Catedral e Sacristia com ele funcionavam milagrosamente: hóstias e vinho, toalhas e paramentos, cálices e patenas, navetas e turíbulos, ostensórios e sacolinha dos óbolos, tudo no lugar certo. Sem contar que jamais lhe faltara ânimo

para estimular a fé, promovendo pessoalmente uma treze-
na no terreiro de casa nos Paredões – com barraca e tudo
– dedicada ao glorioso Antônio, santo de sua devoção. Mas
o ápice da sua competência eclesiástica, atributo no qual
Raimundo se revelava inexcedível, eram as mensagens que
lhe cabia transmitir à população, utilizando-se do sino da
catedral. Morando ali próximo, adivinhávamos, à primeira
badalada, se iria passar algum anjinho na direção do cemi-
tério. Di-lin-lin, di-li-lin, di-li-lin, era a música a condu-
zir com pueril alegria os passos ágeis do cortejo dominado
por crianças também humildes a conduzirem o minúsculo
ataúde. Di-lin-lin, di-lin-lin, di-lin-lin, e saíamos correndo
para ir olhar os infantes que, livres da condição de pagãos
e emancipados do compromisso de uma vida de previsí-
veis atribulações, pareciam contemplar serenos, olhinhos
abertos, a estrada que os levava ao céu. Mas espetacular
era, de fato, o dobre cavo dos finados adultos. Alternava
então badaladas graves, com outras de timbre mais suave,
como a marcar a necessidade que tinham os sobreviventes
de ao menos respirar, enxugar os olhos, assoar o nariz. Dão.
Dan-dão. (pausa) Dão. Dan-dão. (pausa demorada) Dão.
Dan-dão. (pausa aparentemente interminável) Din. (pau-
sa) Din-din. (outra pausa mais) E seguia o cortejo em pas-
sos lentos, numa caminhada cinzenta, movida a tristeza.
Desnecessário dizer que o desempenho do alegre sacristão
tornava-se ainda mais dramático se o defunto havia deixa-
do grandes cabedais. O dobre então multiplicava os soluços
remunerados pela rica lembrança do morto.

Voltando àquele périplo adolescente.

Depois de atravessar a praça, onde sob o severo olhar do governador Dix-Sept, Clotilde costumava vender seus pastéis no final das tardes, eu chegava à rua Coronel Vicente Saboia que o memorialista Obery Rodrigues esquadrinhou em suas memórias, com o conhecimento de ex-gerente do Banco do Brasil, descrevendo lojas e atividade de cada um dos seus comerciantes. Com natural expectativa eu parava brevemente no pequeno salão do principal fotógrafo da cidade, o Manuelito, ainda diante da praça, térreo da União de Artistas, imaginando poder admirar novas fotos na exposição permanente mantida em sua pequena pequena loja. Aquele cearense baixinho e pouco dado a conversa era também uma espécie de repórter fotográfico, registrando eventos importantes que ocorriam na cidade. Prosseguindo na alegre *flâneurie*, conferia as modestas estantes da Livraria Nordeste, papelaria e gráfica que Francisquinho Vasconcelos tocava na sucessão do pai, o jornalista músico e escritor Martins Vasconcelos. Demorava-me apenas o tempo de ver se havia alguma novidade em matéria de livros o que muito raramente ocorria, não parecendo ser do interesse dos proprietários oferecer novas leituras aos clientes. Se bem me lembro, eternizavam-se ali algumas obras da Coleção Mossoroense: plaquetes do historiador Vingt-Un, a biografia de Martins Vasconcelos escrita por Walter Wanderley e Raimundo Nonato, e exemplares de um livro sobre o Colégio Santa Luzia de um ex-diretor, o francófilo padre Sales.

Adiante, uma olhada no café de outro Francisquinho, cujo salão estava sempre cheio de clientes a trincar pão com carne moída – seus originais cachorros quentes – ou apenas tomando cafezinhos. A agitação em seu interior decorria especialmente das conversas políticas, tão comuns naquele trecho da rua em que vigiavam dois cartórios abertamente ligados ao grupo Rosado: o do irreverente Joca Bruno e o de seu Paiva. Depois, era a Praça Rodolfo Fernandes, com o Pavilhão Vitória e o legendário Posto 5, que tinha igual número de táxis, por nós chamados carros de passeio. Sempre disponível, se demorava ali o famoso Gatinho, o mesmo que conduzia pelos ermos o coronel Antônio Gurgel quando ambos foram capturados e que trouxera um bilhete de Lampião pedindo resgate ao prefeito Rodolfo Fernandes.

E chegava, enfim, o prazeroso momento de apreciar os cartazes dos filmes programados pelos cinemas Pax e Caiçara. Este último, construído por Renato Costa com o irmão Paulo Gutemberg, na Alfredo Fernandes com a Praça Bento Praxedes, dita do Codó. O prédio também abrigava a Rádio Difusora da qual detinham a concessão. Sabíamos sobre vários dos filmes anunciados – que sempre chegavam com irritante atraso – pelas revistas *Cinelândia*, *Filmelândia* ou *Cinemin*. Amávamos fervorosamente o cinema. E orgulhava-me saber da existência de cinco salas de exibição na cidade: o requintado cinema Cid, que estava por ser inaugurado na praça da catedral, os citados Pax, e Caiçara e o Jandaia, no bairro Bom Jardim. E até um modestíssimo cine Centenário na região fronteira dos Pereiros com o

Alto da Conceição, frequentado por espectadores que pareciam saídos do universo felliniano. Esse fascínio pelo cinema começara de modo desastroso. Ainda muito pequeno, assisti aterrorizado no cinema Pax a um dos episódios de um seriado cujo título não consigo lembrar, mas que soava como “O misterioso doutor Satã” ou “o fabuloso” ou coisa que o valha, o adjetivo aumentando a expectativa de temor do que haveria de resultar da ação de um cientista do mal – detentor do nome e do adjetivo – que fabricara o horrroso monstro de lata, espécie de bisavô mal-ajambrado dos robôs de hoje em dia. Suas passadas, percutindo no chão, quase não me deixaram dormir à noite. E soam até hoje na memória dos meus ouvidos rotos: Tum. Tum. Tum. Bastava o plano se abrir sobre algum corredor vazio e obscuro, uma porta rangendo e o monstro surgia fazendo o infernal barulho: Tum. Tum. Tum. Durante muito tempo temi que aquela coisa pavorosa chegasse a Mossoró, buscando a minha casa e a minha pobre pessoa. Superado o trauma inicial, vivi com meu irmão José a tortura semanal de obter do nosso pai um dinheirinho para as matinês e, aos poucos, tornei-me um habitué das sessões noturnas. Vieram, então, os filmes proibidos. Havia no cinema Caiçara um porteiro, pessoa extremamente simpática que eu atazanava pedindo que me deixasse entrar toda vez que anunciavam um. Foi assim com “A Torre dos Prazeres”. Pelos trailers exibidos ao longo da semana, eu já sabia que após interminável sucessão de orgias Silvana Papanini, disfarçada em Margarida de Borgonha, mandava atirar no

rio os amantes que subiam à torre com as melhores intenções. Essa preliminar já excitava a imaginação. Não me permitindo entrar na sessão das duas, nem na das quatro, nem mesmo das seis horas da noite, o porteiro, acabaria sensibilizado com tanta insistência e revelou uma brecha na lei mossoroense da censura: se algum adulto familiar se responsabilizasse – explicou compassivo – deixava-me entrar na das oito. Nisso, vem chegando, braço dado com minha irmã Dodora, meu futuro cunhado Epaminondas. Apelei. Era a última sessão. Aceitou. Tendo o cuidado de sentar bem longe do casal, pude ver que não esperaram o fim da projeção.

Naquele passeio semanal, ante a aproximação do apito de onze horas da usina de luz, a informar que era tempo de os operários se dirigirem a suas casas para o almoço (e também a breve sesta, para quem podia), eu apressava o passo pela rua Coronel Gurgel, no sentido do Alto da Conceição (a mesma rua que percorri tantas vezes depois para namorar Ione), e chegava à Casa Valério. O nome indicava seu proprietário: um gordo e afável senhor Napoleão, casado com dona Corina, por sua vez irmã da pintora Marieta Lima, e de Vanda, professora de desenho e artes manuais, todas branquinhas, baixinhas e definitivamente cordiais. Foi naquela loja que descobri um dia, um exemplar de *A Volta ao Mundo em oitenta dias*, de Júlio Verne. Não era a sua versão integral. Mas algo mais charmoso editorialmente: um livro-reportagem, de capa cartonada e brilhante, com fotos coloridas do filme estrelado por David Niven e pelo

cômico mexicano Cantinflas. O marido de Elizabeth Taylor, um rico e feíssimo Mike Todd – morto depois num acidente aéreo – capitaneou aquela superprodução.

Morto o homem, a viúva torna-se personagem de uma confusão amorosa que durante meses alimentaria o diz-que-me-diz da família Lândia ecoando informações das bruxas Heda Hopper e Louella Parsons. Faz-me hoje lembrar o poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond. O caso é que a chorosa senhora Todd consolou-se com Eddie Fischer, o in-sosso cantor marido de Debbie Reynolds, que fora a pimentinha de “Cantando na Chuva”, lembram? Daí ao romance foi um passo. Curada de seus males e alçada à condição de Rainha do Egito em outra superprodução, Lizópatra – que a rigor não parecia amar ninguém, tantos casamentos contabilizou – deixou-se conquistar por Marco Antônio, isto é: Richard Burton na superprodução dos caprichos amorosos. Coisas do *show business*, capaz de transformar o nariz egípcio da engenhosa rainha no lindo narizinho da inglesinha de olhos violeta e de nos fazer perder tempo com um assunto que em nada modificaria minha vida, e menos ainda a dos leitores que insistiram em me acompanhar nessa *flânerie*.



Volto ao livrinho antes referido. Ei-lo reclinado sobre um pequeno encosto de madeira, no chão recoberto de cartolina, da única vitrine que havia na entrada da Casa Valério. Com sua capa colorida, me estimulava cultivar o sonho de adquiri-lo e por isso passava – sábado após sábado – para espíá-lo, torcendo para que ninguém o tivesse comprado. Eu estava decidido a nele investir as cédulas de pequeno valor, obtidas com a venda de garrafas de vidro que tinha o cuidado de ajuntar em casa para levar à mercearia de seu Ferreirinha. E também as que conseguia guardar, surrupiadadas da gaveta da padaria do meu pai. O certo é que um dia o comprei e o fiz companheiro dos livros de Alencar já adquiridos. Pude, enfim, curar-me da ansiedade que nada tinha de clandestina como a felicidade da personagem de outro conto de dona Clarice, a menina a quem torturavam com a renovada promessa de emprestar o livro de Lobato. E se digo que não era clandestina, a ansiedade é porque desde o começo – no caso de que agora falamos – o balconista, um rapaz cordial, chamado Hermógenes, em óbvio descompasso com a rude personagem rosiana, sabedor do meu interesse em adquirir o livro,

acompanhava compreensivo aquela visita semanal chegando a estimular minha persistência. Com isso contrariava as mais comezinhas leis de mercado, demonstrando alegria toda vez que me dava a informação de que ninguém havia revelado interesse em comprá-lo. Que eu ficasse tranquilo, pois dava para esperar um pouco mais. Comovido, evoco o amigo com quem conversava brevemente o pouco que sabíamos sobre literatura, enquanto me deixava ficar no limite do apito da usina, na suposição de que aquilo – minha humilde presença – pudesse contribuir para inibir o interesse de algum cliente na obra do autor francês transformada em filme. Anos depois, tendo a livraria cerrado suas portas, como tantas outras, Hermógenes – que passaria às atividades do magistério tornando-se professor de História numa das escolas públicas da cidade – golpeado por uma nascente e absurda violência, morreu assassinado.

Sonhando com novos livros e despertando em meio a duras realidades, eu acompanhava de longe a vida intelectual da minha cidade, se bem me lembro, resumida naquela ocasião a uma produção ainda modesta. Havia, é claro, o registro de escritos importantes de figuras como o citado Jaime Hipólito, Elder Heronildes, Rafael Negreiros, o casal Vingt-Un Rosado/América, dona Ida Marcelino, João Batista Cascudo Rodrigues e Otacílio Negreiros Pimenta, cujo pseudônimo – Onepi – estimulava a irreverência do meu irmão Kiko. Compunham todos, se não estou enganado, o recém-criado Instituto Cultural do Oeste Potiguar, o ICOP, sob a inspiração de Cascudo Rodrigues. Raimundo

Soares de Brito já fazia, de forma rigorosamente discreta, o seu trabalho de pesquisador e guardador compulsivo de recortes de jornais. Excitava o nosso ufanismo local saber que Dorian Jorge Freire se destacava como jornalista em São Paulo. E uma animação especial dominava os meios literários quando, no contexto dos festejos da abolição, dia 30 de Setembro, chegava à cidade o velho escritor Raimundo Nonato que, residindo no Rio de Janeiro, não abria mão de participar da comemoração anual da luta abolicionista, dedicando-lhe sua melhor oratória. Pegava o ônibus e quase três dias depois, ignorando tresnoites e canseiras, chegava a Mossoró para proferir sua fala épica sob o sol fervente na Praça da Abolição, distribuindo imagens de forte teor simbólico, aos ouvidos cidadãos.

Foi por essa época que me aproximei – tornando-me seu amigo por toda a vida – de um primo distante que, por uma coincidência nada improvável, tinha o mesmo nome do meu irmão: José Gurgel. No caso desse meu amigo, com o acréscimo de outros dois sobrenomes: da Silva Melo. Não alcanço dizer se o fato contribuiu para nos tornar tão próximos. Certo é que o Jotagê – como passamos a chamá-lo aproveitando a escolha do pseudônimo com o qual assinava as telas que pintava – tornou-se presença constante, com o seu jeito de turrão de fala mansa, franzino, olhar sempre triste, que adorava música, desenhava com talento e fumava sem parar.

Devo admitir que sempre me faltou vocação associativa. Porém, entusiasmei-me saber por intermédio daquele amigo

que jovens pretendentes a se tornar intelectuais estavam criando um clube para o qual ele me convidava. Era um grupo de rapazes, nossos conterrâneos e já seus amigos, (embora de passagem também eu já os conhecesse) que faziam ensaio disso em reuniões na Biblioteca Municipal de Mossoró sob o discreto olhar do seu diretor, o mencionado historiador Vingt-Un, sempre acompanhado de América, sua mulher. Uma arcádia informal que logo passei a frequentar, mui modestamente autodenominada Círculo Cultural Machado de Assis e que viria a ser determinante para definir meu interesse pela literatura, o teatro, a política. Era sem dúvida feliz a coincidência de ter o mesmo nome da rua em que morei. O seu agitado líder, Luiz Alves Neto, Tarcísio Cabral, Zé Rodrigues, Anchieta Cardoso, o próprio Jotagê, Edilson Guimarães, eu mesmo e, eventualmente, Turbai Rodrigues e Gilvan Marcelino tínhamos, claro, limitados conhecimentos sobre autores e vida literária, mas não abríamos mão das conversas animadas no salão térreo do Clube Ipiranga. E ali mesmo recebíamos tímidas sugestões de leituras, muitas das quais podiam ser de pronto satisfeitas recorrendo-se às estantes da grande biblioteca que o autor da expressão “País de Mossoró” havia criado à base de doações de amigos. Já na primeira reunião decidiu-se lançar uma revista, – projeto igualmente modesto, como se vê – porém, nesse caso de simples execução já que seria quase integralmente escrita e datilografada por nosso mentor e líder Lulu, insuperável, aliás, nesta última tarefa. Aquilo era nada para quem costumava dar conta de montanhas de registros cartoriais, em seu Paiva ou Joca Bruno com rapidez e bom humor. Sua habilidade como

redator, capaz de garantir a produção de todos os textos, se fosse o caso – e quase sempre era – motivaria Jaime Hipólito, um habitual frequentador dos cartórios e do café de Francisquinho, a levá-lo para o jornal criado pelos Rosados, o *Diário de Mossoró*. Não surpreendeu, pois, que sozinho editasse a revista *Cultura*, da qual circularam entre nós mesmos dois únicos números: o original e a cópia carbonada, com capas especialmente desenhadas pelo Jotagê.

Outro fator viria somar-se àquele contato regular e frequente que eu mantinha com os jovens aprendizes de escritor, reforçando o fascínio já declarado pela literatura: a periódica chegada a minha casa, de exemplares já lidos de revistas semanais adquiridas pelo meu irmão Alderi e por ele remetidas diretamente do Rio, onde residia. Algumas nos davam a impressão de circular apenas na capital carioca, pois eram diferentes das publicações que tio Alexis comprava na banca de Luiz, onde em matéria de revista, aliás, *O Cruzeiro* reinava absoluta. Alderi embalava pessoalmente os vários números de *Manchete* aos quais por vezes acrescentava alguns de *O Mundo Ilustrado* e até de uma revista mais modesta chamada *Revista da Semana*, sem qualquer vínculo ou parentesco com a outra, em que pontificou Jota Carlos. Com elas formava, ele próprio, um cilindro que, envolto em papel pardo e colado com goma arábica, ganhava o reforço de um grosso barbante. E era com alegria incontrolável que identificávamos o sobrescrito com o nome de nosso pai e o endereço da casa na letra barroquizada do remetente.

O modelo editorial de *Manchete* contemplava com generosos espaços a melhor crônica brasileira de então. Era, quiçá, o modo possível de Adolpho Bloch concorrer com o charme da “Última Página” de Rachel de Queiroz, que mantinha milhares de leitores fidelíssimos em *O Cruzeiro*. No caso de *Manchete*, reunia-se um elenco espetacular: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Henrique Pongetti. E havia ainda uma seção política denominada “Posto de Escuta”, assinada por Murilo Melo Filho, um jornalista potiguar que se destacou, como repórter político atilado que era, o qual chegaria depois à Academia Brasileira de Letras. Aqueles textos tornaram-se para mim – sem que eu então soubesse a importância que o gênero representa para a história jornalística e literária do Brasil – leitura obrigatória e encantadora. E a minha admiração pelos quatro cronistas era tamanha que logo encontrei um modo de salvar da venda dos exemplares lidos, as crônicas de que mais havia gostado. Pacientemente as destacava guardando-as depois numa grossa pasta de escritório (pasta AZ como a chamavam), separados por autor, antologia que desgraçadamente não consegui conservar. Deliciava-me com o humor de Sabino e o comovente lirismo de Rubem Braga, divertindo-me com as insólitas situações criadas pelo cosmopolitismo de Henrique Pongetti. Mas as crônicas de Paulo Mendes Campos deixavam-me especialmente comovido. Até hoje me lembro de uma, reproduzida em três números seguidos da revista, com o título “Homenzinho na ventania”. Nela, PMC narrava agruras de um pobre funcionário público –

um barnabé como apelidavam os cariocas – que, ao sair da repartição, fatigado e cheio de humilhação, é colhido por uma súbita ventania sendo atirado de um lado a outro pelas ruas desertas do centro do Rio de Janeiro, vendo rolar pela sarjeta a dúzia de laranjas que comprara pensando em levar para casa. Comoção tão forte diante da solidão na cidade grande, eu só voltaria a sentir ao ler o poema “Canção Urbana”, de Luiz Carlos Guimarães, que descreve a desesperada tristeza de um homem que veste paletó cor de goiaba e bebe seu chope solitária e silenciosamente num boteco qualquer.

Mais adiante eu viria me tornar um irrestrito admirador de uma publicação carioca surgida do final dos cinquenta para o início dos sessenta a qual, ainda hoje, me dá a sensação de jamais ter existido no país outro periódico com uma qualidade gráfica tão refinada e um tão rico conteúdo, a *Senhor*. Editada por Nahum Sirotski – o projeto desenvolvido por artistas como Carlos Scliar e Glauco Rodrigues, além do extraordinário suporte de humor que lhe dava Jaguar – propiciou-me a chance de conhecer autores como Clarice Lispector, Paulo Francis, James Thurber, Kafka, Luiz Lobo, Dorothy Parker, William Faulkner, Jorge Amado, Guimarães Rosa. A minha admirada relação com essa revista, aliás, seria responsável, por outra experiência de ansiedade clandestina. É que sabedor do interesse em ter a revista (que em Mossoró não chegava) um dos antigos companheiros do Círculo Cultural Machado de Assis – Anchieta Cardoso – confessou-me um dia ser o feliz proprietário de três ou quatro exemplares dela. Iniciei então uma longa – e para sempre

inglória luta – buscando convencê-lo a me vender aquelas preciosidades. Devo dizer, até para fazer justiça àquele querido amigo, que ele jamais criou em mim uma falsa expectativa, que se aproximasse da outra, a da livraria. Eu mesmo é que alimentei durante algum tempo aquela fantasia, que pude realizar apenas na maturidade, já morando definitivamente em Natal e graças ao falecido amigo Pedro Vicente. Foi exatamente ele, conhecedor de meio-mundo nessa área de livros e publicações culturais, quem me apresentou um dia um sebista de Petrópolis, de quem adquiri uma coleção praticamente completa, da maravilhosa publicação carioca. Anchieta Cardoso acabaria se tornando depois membro e pastor de uma igreja evangélica o que o levou a viajar pela América espanhola difundindo a palavra do Senhor – sem prejuízo, espero – da admiração pelos pregadores profanos da revista xará. Quebrado o encanto da incômoda carência, repassei anos depois, os números adquiridos ao bibliófilo Vicente Serejo que completou a coleção, mantendo-a hoje, entre as preciosidades de sua biblioteca.

Por aquele tempo eu estava – como se dizia antigamente – começando a engrossar o pescoço. E já vivendo sem qualquer temor de novos eventos da doença que levava meu pai a fazer um grande esforço para que me tratasse no Rio de Janeiro em 59, havia me iniciado na doce rotina da descoberta do mundo adulto do qual me aproximara do dia para a noite. Além do orgulho de pertencer ao Círculo Cultural Machado de Assis já experimentava cheiros e sabores, flertes excitantes e passageiros. Amores projetados e logo interrompidos

povoavam meus dias e iniciei um namoro de beijo-na-boca com uma eletrizante mocinha que depois namoraria meus outros irmãos Dedé e Kiko. Uma flor que costumava dizer com justificado bom humor que dos homens lá de casa, só ficara faltando namorar o velho Juvenal, nosso pai. Depois namorei uma linda moça que quase não falava, cabendo-me fazê-lo nos intervalos. Mas, bizarrice maior, só a experiência de haver marcado um encontro no escurinho do Cine Caiçara com outra menina, que costumávamos ver nas folgas que o Colégio das Freiras dava às internas. Guardou cadeira e tudo. Porém, desorganizada da cabeça e dos sentimentos, ao constatar que havia se enganado (na verdade ela imaginava haver combinado o encontro com o meu irmão José e não comigo), despachou-me delicadamente.

O tratamento que me salvara dos ataques batedores fora concluído lá mesmo em Mossoró. Eu cumprira religiosamente uma rotina dolorosa de injeções diárias, que me obrigavam a ir ao ambulatório de Milton Silveira, pai do colunista social Toinho que por essa época penso que ainda não existia. Por sua indiscutível maestria – enfermeiro competente que era – Milton fora contratado pelo meu pai para executar a tarefa de aplicá-las e mesmo assim não evitou que eu tivesse o saldo de dois abscessos, obrigando-me a novo e demorado tratamento no seu ambulatório na Santos Dumont. Por causa desse maldito acréscimo não pude ir ver um filme de James Dean exibindo uma jaqueta (vestimenta que chamávamos blusão, sem que ainda hoje eu saiba o porquê) que havia ganhado para ficar em sintonia –

ao menos em matéria de figurino – com os *rebel whithout a cause*. Quando entrou em cartaz o filme *Vidas Amargas*, baseado no romance *A leste do Éden*, de John Steinbeck, simplesmente não consegui vesti-la. A montanha purulenta que eu exibia no braço direito, pouco abaixo do ombro, não permitiu enfiá-lo na manga. Aquilo não cedeu nem com as incontáveis sessões de banho de luz infravermelha que o mesmo Milton Silveira pacientemente ministrou. Só desapareceu quando se concluiu que nada mais havia a fazer que não fosse sarjar o plus de pus que marcou o encerramento do tratamento salvador. E iniciei nova etapa de minha vida.

Longe de temores e ansiedades. No colégio, na esquina, nas conversas das pracinhas, nas esporádicas idas a clubes ou à Churrascaria O Sujeito, nas furtivas visitas aos lupanares – imitando o que alguns assumidamente precoces já faziam – fui também eu descobrindo as divinas safadezas. Logo concluí que na vida havia algo mais criativo e prazeroso que as conhecidas travessuras da legião famosa. E o meu irmão José, embora mantendo o seu estilo de cuidados com a informação, dava umas poucas, discretíssimas notícias, de como a coisa funcionava, deixando escapar que ele e seu grupo já dispunham dos generosos préstimos de sestro-sa Margarida, uma servidora doméstica que lhes apareceu um dia e que, segundo penso, os iniciou nas artes do amor. Com a sua turma ele participava também por essa época, das gloriosas manobras no Tiro de Guerra 188 e, à margem dessa última experiência, eu me sentia um pouco humilhado. É que o meu pai, certamente temeroso de que pudessem voltar os tais ataques batedores, conseguira que me fosse entregue um certificado de 3ª categoria eximindo-me de obrigações com a pátria, documento devidamente expedido por seu Edgar Burlamaqui, responsável naquela época

pelo alistamento militar dos rapazes mossoroenses. Organizando contingentes de jovens para servir na corporação de Mossoró aquele bom homem parecia não ser a pessoa mais indicada para a tarefa. Afinal, seu comportamento não sugeria belicosidade, valentia, disposição para luta. Dava, contrariamente, a impressão de acreditar que bom mesmo era fazer humor e não a guerra, nisso antecipando parte do lema do movimento *hippie*, que utilizava a palavra *amor* em lugar de *humor*. E até mesmo o humorista Jô Soares, que o aproveitou num programa de televisão. O velho Edgar, frequentador da Padaria Santa Rita, trazia todas as tardes algum comentário engraçado com o qual nos divertíamos. Meu pai devia ter com ele alguma familiaridade, pois facilmente obtive a expedição do meu documento civil de militar incapacitado. Magrinho e de baixa estatura, Seu Edgar costumava usar suspensórios para sustentar as largas calças do terno de linho bege, exibindo um jaquetão com o qual ignorava o calor mossoroense. Também usava um chapéu de massa para proteger a cabeça dos raios solares. Com o seu respeitável nariz ele parecia uma versão conterrânea do *show-man* americano Jimmy Durante – com quem Carmen Miranda dançou sua última dança de baiana estilizada num programa de televisão nos Estados Unidos.

Morte, aliás, era para nós apenas aquela rotina de badaladas fortes e dramáticas homenageando alguém importante, ou o alegre tilintar que acompanhava os anjinhos ao cemitério como já comentei. Acontece que sem aviso ou preparação ela acabou invadindo nossas vidas, retirando

do de nosso convívio dois jovens conhecidos – um rapaz e uma moça – ele fazendo parte da turma do meu irmão José. Todos o conheciam como Cizinho, um talentosíssimo jogador de futebol de salão que também levava sua cota de bom humor às patrulhas do Tiro de Guerra 188, compondo um grupo de intrépidos combatentes com o meu irmão, com Berício, Paulo de Tarso, Daniel. Nele, a alegria parecia tão natural, como o ato de respirar ou de bater os olhos. E quanto à jovem morta, de nome Josenilsa, morava a um quarteirão da capela de São Vicente, proximidades da imponente residência do prefeito Rodolfo Fernandes, cenário da resistência a Lampião. Mal debutara para a sociedade, numa festa que agitava os frequentadores dos clubes sociais de Mossoró, foi colhida por uma morte improvável: complicações no aparelho digestivo. Não consigo lembrar o velório do rapaz que morrera ao acidentarse em um carro. Porém, persiste na memória, o da menina Josenilsa. Num clima de neorrealismo italiano, revejo a rua coalhada de gente, abraços e soluços demorados. A multidão de estudantes fardados e atônitos, saídos diretamente das aulas do Colégio das Irmãs, do Santa Luzia, do Colégio Estadual, misturando-se aos parentes e curiosos sob o sol da manhã calorenta, diante da casa em que a menina falecida morava com os pais. Os que conseguiam entrar na pequena sala viam-na serena, alheia a temores e soluços. Adormecida em seu caixão de flores. Vestiram o seu corpo com o mesmo traje da festa. E a atmosfera carregada espalhava um odor enjoado, misturando o suor da multidão ao cheiro

dos círios e das flores machucadas, os pais destroçados e a única irmã, ainda pequena, sem entender muito bem aquela estranha movimentação.

Embora momentaneamente abalados, logo sobreveio a consoladora sensação de que estávamos condenados a seguir adiante. Éramos jovens e não nos faltava o sopro da vida que a todos alimentava, embora tivesse eu mesmo tido por vezes a incômoda sensação de que em várias ocasiões ele me faltara, pelos motivos que busquei detalhar no livro anterior. Mas a única realidade razoável indicava que a vida era assim mesmo e que, uma vez dispondo dela, devíamos passar ao largo de temores. Até da fascinante ideia romântica do fim breve ou, gesto extremo, a amarga solução de Wherter para os amores mal correspondidos busquei ficar distante. Afinal, era uma perda de tempo ficar pensando nessas besteiras. A vida estuante exigia ação, novas descobertas, livros e flertes, flanares pelas ruas da cidade ou caminhar por algum sítio desconhecido, antecipando Caetano Veloso com os cabelos ao vento, sem lenço, mas, ao menos no meu caso, com o documento de reservista de 3ª. Categoria. Minha experiência individual conduziu-me assim à descoberta de que tristeza da morte se curava com a misteriosa força de existir. E os passos que daria a seguir, no amadorismo teatral ajudariam a reforçar a *joie de vivre* que os espetáculos cotidianos da casa na Augusto Severo já encenavam.

Igualmente ao que eu estava acostumado a presenciar nas outras em que havia morado – o desfile aparentemente interminável de personagens – continuaria a existir naquela casa

do centro da cidade, impondo-se à memória na mais perfeita representação da convivência de cigarras e formigas. Elencos maravilhosos se sucediam sem que o espetáculo terminasse, como a justificar a observação do velho Nava, que via tais personagens como pertencentes a um “folclore que jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética”. E nem acho que devo assumir com idêntico peso a observação de que o conhecimento de tal ou qual personagem não valia nada. O grão de ternura que colhi em cada relação, continua zelosamente mantido nos arquivos da emoção, continuando a comover sem gradação de importância. Quanta riqueza, por exemplo, vi concentrada no grupo de meninas que, com suas saias godê/grená, vindas do Colégio Estadual, chegavam a minha casa em alegre algazarra para um café vespertino em que, naturalmente, a *pièce de résistance* era o pão da padaria Santa Rita com o creme de leite que comprávamos no mercado... Com sua reconhecida vocação gregária, e uma grande capacidade de fazer amigos, Socorro, a caçula das minhas irmãs era provavelmente quem mais se divertia, na condução daqueles encontros alegres e barulhentos. Transbordantes de energia e bom humor Marta Uchoa, Ivonete Paula, Francinete Baurinha, Maria Carvalho e Deia, chegavam em alegre revoada, largando livros e cadernos em cada cômodo da casa e revelando uma energia inesgotável naquela preliminar do vai-e-vem noturno da pracinha e do cinema com os primeiros namorados.

Ivonete Paula destacava-se com o seu metro e quarenta e pouco, o corpo igualmente mirrado e um talento desmesurado. Parecia sempre ligada numa voltagem que jamais sofria quedas de tensão nem a permitia parar. Por natureza performática, justificava por certo o epíteto de Pequena Notável. E não exagerou quem – imitando talvez sem saber o locutor Cesar Ladeira, que apelidou Carmen Miranda – passou a chamá-la desse modo. Naquela querida e inesquecível amiga, com efeito, o talento e a alegria compensavam largamente o que lhe faltara em beleza, compleição física, e altura. Na demorada convivência que tivemos – pois cheguei a com ela contracenar depois, em pelo menos um dos espetáculos do TEAM, o nosso grupo de teatro amador – não registro momentos de queixa ou lamentação quanto a sua aparência física, e às carências e dificuldades econômicas que enfrentava a numerosa família de que fazia parte. Aliás, o humor – é necessário dizer – não faltava também a nenhum dos seus outros irmãos, sendo que no impagável Polegada, caçula, repetia-se de forma ainda mais acentuada a desproporção entre a compleição física e a alegria.

Outros ramos da família Paula – um residindo na Capital – haviam sido bafejados pela fortuna. E Ivonete nos divertia descrevendo com inflexão joco-séria essa desnivelada situação econômica que marcava a parentela, ilustrando-a com alguns relatos maravilhosos sobre o tratamento que costumava receber em suas férias natalenses. Anualmente, aproveitando o recesso escolar, viajava para a capital, onde o rico empresário Camilo Paula cumulava a sobrinha de

grandes atenções, chegando a disponibilizar para o conforto dos seus passeios carro com motorista. Escutávamos com natural interesse essas narrativas acrescidas de projetos mirabolantes, os quais se tornariam possíveis motes para um conto surreal que ela foi montando com humor perverso e que nos fazia rolar de tanto rir. Narro na sequência partes daquela história que nos agradava tanto e que ela – sem perder um centímetro da graça que costumava revelar – repetia infatigavelmente para atender os nossos pedidos.

Era assim: de um reino longínquo magicamente conquistado, ela, muito a contragosto, retornava um dia à cidade que marcara indelevelmente sua vida de jovem pobre. Vinha exibindo vestes suntuosas, as mãos cheias de anéis e portando todo o ressentimento do mundo. Era como Rainha que voltava. Desde já advirto que ela não fazia um pastiche de *A Visita da Velha Senhora*, de Friedrich Dürrenmatt, (encenada no Brasil por Cacilda Becker no final dos cinquenta) peça da qual sequer ouvira falar. O fato é que acompanhada por muitos dos seus cortesãos ela desembarcou de uma enorme aeronave em tarde ensolarada, como ensolaradas são quase todas as tardes em Mossoró, em área especialmente reservada no Aeroporto Dix-Sept Rosado. Justamente para preservar a privacidade do desembarque. E logo chispava para o castelo milagrosamente disponível para acolher sua realeza, em algum bosque de Mossoró. Ocupando a enorme ala dos aposentos reais a que apenas uns pouquíssimos serviçais tinham acesso, imaginava poder ruminar em paz o seu ódio. Porém, todo cuidado do

mundo não seria capaz de inibir a curiosidade mossoroense despertada por aquela aeronave real e pela notícia de que em seu bojo, viajara Ivonete I e Única.

As pessoas, às quais classificava indistintamente como súditos, sabedoras da chegada real faziam filas imensas, diante do castelo, desejando revê-la. E os serviçais, assustados, não encontravam alternativa senão respeitosamente apelar para que concordasse ao menos em abrir algumas exceções, realizando uma recepção breve que fosse. Após relutar e relutar a Rainha acabava aceitando. Porém, com uma condição: ninguém deveria dela aproximar-se. Ficassem todos longe, sem direito a cumprimentos pegajosos. Ocorre que a longa ausência, impedindo que pudesse reconhecer os presentes acabava aguçando a curiosidade da própria Rainha, que se via forçada a recorrer aos serviçais na tentativa de saber quem autorizara entrar.

- O mulatinho na cadeira de roda: quem é?

- João Batista Cascudo Rodrigues, majestade. Foi Reitor da Universidade.

E o coração real dava sinais de amolecer.

- Pobrezinho do João Batista! Ficou desse jeito?

Traziam então a sua presença uma anciã. Óculos de grossas lentes, cabelos grisalhos amarrados em totó, apoiada em um bastão e sem articular palavras.

- Majestade – dizia outro subalterno – esta senhora também deseja vê-la.

- E quem é? – perguntava ela com real impaciência.

- Também foi Reitora, Majestade. É Maria Gomes.

- Maaariiiiiiaaaa? Então essa pobre velhinha é Maria Gomes?

Por algum motivo perversamente risível, até para quem ela caricaturava, niguém se aborrecia. Há testemunhos de que pelo menos João Batista Cascudo Rodrigues, criador e primeiro Reitor da universidade de Mossoró divertia-se com a encenação e não é possível que tal não acontecesse também com a sua sucessora, Maria Gomes – Ivonete escolhia para caricaturar personalidades importantes do seu convívio. No seu tempo de plebeia, aliás, fora secretária do primeiro e da também pioneira Reitora, pessoas muito queridas. Mas, se havia esse enternecimento momentâneo, se o riso permitia, fazíamos acréscimos cruéis. E fulano, recebe, Majestade? E Cicrano? Rainha: não é possível que não receba Beltrano! E ela, com real impaciência, usando da autoridade, negava taxativa: não recebo. Vai direto para a masmorra!

Ajudada por outras performances, a real artista lograria ganhar grande notoriedade, sobretudo pela voz potente de ótima cantora mesmo dispondo de caixa torácica tão pequena. Era natural que com seu talento passasse a integrar os quadros do principal grupo amador da cidade, o TEAM. Após haver feito encenações admiráveis nos palcos, começando com dona Xepa, a famosa personagem de Pedro Bloch e Inácia Ranheta, de Chico Pereira da Silva, duelando com outra beata admirável, Maria Lúcia Escóssia, dedicou-se finalmente à atividade que parecia ser um simulacro daquela

sua brincadeira real. E conheceu dias de verdadeira Rainha, ao se tornar a principal cronista social do seu reino, com um programa radiofônico de audiência obrigatória e uma coluna diária no extinto jornal *Gazeta do Oeste*. Era adulada. Pediam-lhe apoio e passes para entrar nas festas memoráveis que promovia. Numa delas, realizada na ACDP, estive presente. E a vi dividir as atenções dos súditos com ninguém menos que um rei em pessoa: Paulinho da Viola.

A costumado desde cedo às arengas políticas, que fazem entreter meus conterrâneos, acompanhei com natural curiosidade as notícias de que um magro e pouco simpático político angicano passaria a visitar a cidade. Era uma liderança do Sertão Central que chegava para a luta com boa experiência e, embora quase nada soubéssemos da sua vida, vinha em busca de votos para a eleição de Governador. Ninguém nos havia dito que o magro e rouco Aluizio Alves iniciara-se na atividade política menino de calças curtas, mal conseguindo enxergar nas alturas o líder do Partido Popular, José Augusto a julgar o seu tamanho em meio aos adultos no registro feito por fotógrafo desconhecido numa manifestação daquele partido. Que rapaz feito iria desenvolver dotes jornalísticos e suas ambições políticas, não tardando a inaugurar-se deputado federal pela UDN, quando da redemocratização. Que passaria à ainda capital da República, como um dos representantes potiguares na Câmara Federal. E que ali iniciou longa amizade com o político carioca Carlos Lacerda, que liderava a oposição a Getúlio Vargas. Atuaram juntos no parlamento e no jornal fundado por aquele, a *Tribuna da Imprensa*, combatendo o Presidente que tentava livrar-se do mar de lama crescente.

Empunhando na Câmara Federal a bandeira pela vinda da energia de Paulo Afonso – projeto que segundo lembra José Daniel Diniz em seu livro *O Governo do Monsenhor Walfredo Gurgel*, contemplava a região Nordeste ignorando o Rio Grande do Norte – Aluizio Alves decidiu concorrer ao governo. E para isso enfrentou o próprio partido, a União Democrática Nacional, que, sob a liderança e orientação do governador Dinarte Mariz negociou a legenda. Com habilidade espantosa conseguiu reunir um conjunto de forças, marcado pelo ecletismo. Djalma Maranhão, socialista, e o coronel pessedista Theodorico Bezerra, tornaram-se figuras marcantes numa campanha memorável que já incluía publicitários e pesquisadores. Até um misterioso Albano que atuara na campanha de um governador de Pernambuco, do qual, dizia-se, ser um mago do marketing político de então, acendendo intermináveis discussões. O impetuoso candidato se apresentava para a disputa exercitando uma espécie de sebastianismo, enfrentando o clamor da escuridão semiárida, com a promessa de que traria luz ao estado. Empolgou burgos e ermos realizando comícios impressionantes. Os hinos da campanha inundavam Mossoró, preparando a luta que iria se travar em terreno abertamente hostil, até pelo fato de ele não ter um companheiro local na composição da chapa, já que o cargo de vice havia sido destinado, na composição com o PSD, ao caicoense Monsenhor Walfredo Gurgel.

E a Rádio Difusora tocando sem parar:

“Aluízio Alves/Vem do sertão lá do Cabugi/Pra sanar o sofrimento do seu povo/Sua plataforma eis aqui://Assistência e cuidado ao agricultor/Melhores salários pro trabalhador/Com a energia de Paulo Afonso/Industrialização./Para a mocidade potiguar/Saúde e educação.//O povo, oprimido, do operário ao doutor/Escolheu o seu candidato:/Aluízio Alves pra Governador.”

Mossoró não falava de outra coisa. Era como se o Pico do Cabugi, formação geológica nas proximidades de Angicos – que dizem ser um vulcão adormecido – de repente houvesse entrado em erupção, despertando tudo e todos com voz humana e rouca a provocar cotidianos enfrentamentos. Jovi dizer que é tuberculoso. Isso é conversa, homem! Fica rouco, porque fala muito. É... Mas o povo diz que só tem um pulmão. É coisa treinada, criatura. Fica rouco pra impressionar, cutucavam-se os adversários em constantes provocações.

O fato é que, brandindo galhos cuja cor fora escolhida tendo em conta o último inverno, justamente para significar a Esperança daquela Cruzada, multidões se agitavam em farândolas que misturassem meninas em trajes de ciganas e carneiros de lã verde, senhoras e moças da sociedade compondo um grupo com a alegre alcunha de “as senadoras”, autoridades e burras enfeitadas, cegos de feira e alas moças, capitalistas e prostitutas. Não importando o local por onde comesçassem desembocavam sempre na Praça Bento Praxedes, que os partidários dos Rosados ironicamente haviam apelidado “Praça do Codó”. Tendo acompanhado as

grandes movimentações cujo destino final era o logradouro assim referido, busquei sem sucesso em dicionários, a real significação da palavra que servia de apelido. Mas não foi difícil deduzir que o topônimo maranhense, estava nesse caso atualizado como representação de feitiçaria, caiporismo, azar, servindo para fustigar os adversários do deputado Vingt, que, com aquela expressão, lembravam-se das derrotas sequenciadas que o grupo infligia ao médico Chico Duarte desde os anos 50. Este era homem com grande reconhecimento por dirigir o Hospital de Caridade com atitudes humanitárias, sem abrir mão da firmeza. Embora fascinado pela política, não costumava demonstrar sagacidade, talvez motivado por uma irremovível teimosia ética. Acabaria estigmatizado por apresentar um defeito letal no campo da política: não era dado a sorrisos. E ganhou a pecha de antipático. Mas cumpriu curioso destino: terminou seus dias como Senador, contemplado por um acordo patrocinado pela ditadura reunindo adversários inconciliáveis, elegendo-se em 1966.

Voltando à campanha: longe de se aborrecerem, os aluizistas logo incorporaram o apelido dado à Praça Bento Praxedes. Nada surpreendia naquela campanha e a empolgação crescente com a onda de aluizistas de fato preocupava os adversários porque além de hábil orador de massas, o candidato Aluízio Alves tomava ele próprio a condução da campanha, revelando-se capaz de permanecer por cinco, seis horas sentado diante dos microfones da Rádio Difusora a responder, sem restrições, a perguntas de eleitores corre-

ligionários ou não, tratando-os pelo nome ou apelido e se utilizando de alguns dos mais eficazes recursos da retórica terceiro-mundista. Utilizava-se da ironia para fustigar os adversários e fazia lacrimosas referências às criancinhas pobres, raquíticas, e de olhos apagados, recurso que, até onde me lembro, ainda não havia sido utilizado em discursos de oradores da facção rosadista. Nem mesmo por Dix-Huit Rosado, seu ex-colega de parlamento e o de melhor retórica, que costumava utilizar nas falas metáforas grandiloquentes, nem sempre palatáveis ao entendimento popular. Tivera este último, trajetória política marcada por lances dramáticos, com acidentes e eleições espetaculares. E no período mais negro da ditadura militar, tornando-se presidente de um Instituto destinado ao desenvolvimento agrário, trouxe para a cidade uma escola de agronomia. Mas a ditadura também lhe seria ingrata. Abatido duas vezes na tentativa de chegar ao governo por via indireta culminou sua carreira tornando-se alcaide – como gostava de se autodenominar causando admiração aos munícipes – na cidade que fora governada pelo pai e depois por Dix-Sept e Vingt. E ecoou tão forte o seu canto de cisne que até incluiu entre as obras prometidas em vibrante campanha, a construção de um novo cemitério sem importar-se com maliciosas associações teledramatúrgicas.

A disputa pelo governo tomava de assalto corações e mentes, bares e residências mostrando uma tendência de crescente vitória da chapa Aluízio-Walfredo. Porém, embora assustadora, a movimentação da Cruzada da Es-

perança não lograria, ainda, comprometer – pelo menos naquela campanha – o projeto de poder do patriarca da família Rosado. O farmacêutico Jerônimo, com evidente gosto, havia preparado bem a trajetória familiar buscando ressaltar, segundo demonstrou o pesquisador José Lacerda Felipe, elementos simbólicos para a construção do seu poder, sendo o principal deles a postura de resistência como intrínseca ao mossoroense.

Mas um dia – avançamos para 1968 – aquele político angicano impôs aos Rosados o que nem um bacurau mais otimista julgaria possível: uma vitória imposta aos araras em pleito municipal. Uma improvável maioria de 98 votos levou à Prefeitura um candidato que, oriundo das bases rosadistas – e até tendo ocupado a Prefeitura sob as bênçãos de Vingt – pretendia, sem resultado a ela voltar como candidato do grupo. Todos estavam comprometidos em levar à Prefeitura o historiador Vingt-Un, o caçula da família. E quando digo todos, aí incluo o próprio médico Duarte Filho, agora Senador, que decidira homenagear aquele candidato, talvez imaginando que o radicalismo havia sido superado. Aquele eterno idealista chegou a registrar em cartório documento público prometendo a realização de mil obras na cidade. Mota Neto, agora adversário aguerrido dos Rosados, convenceu o médico Antônio Rodrigues de Carvalho, o Toin, filho do velho João Manuel, a ir para a disputa tentando dar o troco pela não obtenção da legenda. Faltava obter o apoio de Aluízio. E Motinha também conseguiu. A vitória aconteceu de forma espetacular. Após eleger o vice

Walfredo para sucedê-lo, Aluizio Alves voltara à Câmara Federal, mas entrou de corpo e alma na campanha, mantendo-se desperto durante os três dias que antecederam o da eleição e discursando 138 vezes!, nos encontros, passeatas e em casas de bacuraus ou de araras que aceitaram recebê-lo. Derrotado quando os correligionários já comemoravam a eleição, só decidida afinal nas últimas urnas de um distrito chamado Baraúnas, restou ao criador da Coleção Mossoroense – com insuspeitado senso de justiça – reconhecer anos depois aquela vitória num pequeno livro da Coleção Mossoroense, com o título *A mais Bela das Campanhas Políticas de Mossoró*.

Ainda menino na década anterior, sem propriamente entender o que se passava, eu acompanhara a previsível ascensão de Vingt Rosado, levado à Prefeitura para soldar a fratura momentânea no projeto de poder com a morte do irmão governador em acidente aéreo. E enquanto meu irmão Alderi fazia a campanha de Raimundo Soares eu me sentia comover com a letra e a melodia da cançoneta que evocava a interrupção do sonho de um mossoroense ocupar o Governo do Estado e que chamava a atenção de que a forma de resistir à amargura coletiva, era levar à Prefeitura outro Rosado:

“Dix-Sept Rosado foi bravo/Alma pura e varonil/
Tombou no campo de honra/Lutando pelo Brasil/
Choram rios, choram montes,/Choram o céu e o
mar/Cobriu-se de dor e pranto/Todo povo potigu-
ar//Vingt Rosado surge agora/Como um guia, um
condutor/Todo povo aplaude e segue/Num tributo a

seu valor/Vamos todos para a luta/Uma voz com um
homem só/Pela terra brasileira se levanta Mossoró.”

O hino sempre lembrado com emoção pelo médico e memorialista Ernani Rosado – que residindo em Fortaleza, onde se iniciara no rádio, veio ser locutor da campanha, fazendo o que do outro lado fazia o meu irmão Alderi – foi certamente um dos fatores que ajudaram a garantir que não iria haver solução de continuidade no projeto do patriarca. E a vitória que levou Vingt Rosado à Prefeitura mereceu comemoração espetacular. Mota Neto – o Motinha – à época um insuspeitado e vibrante aliado da família, foi um dos organizadores dos festejos numa praia chamada Tibau, próxima a Mossoró, onde os vencedores costumavam veranejar. Empolgados, os humildes correligionários foram levados num comboio de caminhões que parecia não ter fim. A festa ganhou até nome: “Sassarico”, aproveitando o grande sucesso de uma marchinha que a vedete Virgínia Lane lançara no carnaval carioca daquele ano. Uma menina chamada Isaura, órfã do governador Dix-Sept Rosado, e sobrinha do eleito lembra-se de haver circulado em meio àquela multidão enlouquecida de alegria. Valendo-se do testemunho dos maiores contou-me um dia que naquela comemoração foram consumidos, com a cachaça, a cerveja e o uísque da vitória, três tonéis de paçoca de carne de sol.

O radicalismo na política local atravessaria décadas e até nos clubes sociais ficava clara sua divisão. No Ipiranga, próximo ao Mercado Público, costumavam divertir-se, predominantemente, os que eram ligados às hostes duartealui-

zistas. Já os rosadistas passaram orgulhosos a frequentar um novo clube, a ACDP, um pavilhão arredondado e charmoso que fizeram construir em local agradável, a que se chegava atravessando a ponte. A despeito da tendência rosadista, o clube realizaria grandes festas reunindo a sociedade mosso-roense e também promovendo espetaculares jogos de futebol de salão na quadra iluminada, em torneios que mobilizavam pequenas multidões. Destacavam-se então jogadores como Edilson Louro, Dorian, Cezimar, Aurino, Valnei logo tornados ídolos naquela que foi a época de ouro do futsal na minha cidade na qual igualmente vimos despontar um quase garoto – Lupércio Luiz – que também nos deixou subitamente em meio à segunda década deste novo século. Criei a seu respeito a história, rigorosamente verdadeira, de ser ele o inventor do drible conhecido como elástico, depois copiado pelo campeão mundial de futebol, Rivelino.

Na época de que falamos, o rio Mossoró ainda estava saudável e gostávamos de admirá-lo, sobretudo quando as chuvas, generosas nas cabeceiras, avolumavam o seu leito. Da ACDP vimos surgir na outra margem a Churrascaria O Sujeito, de Boanerges Perdigão. Era um gracioso espaço, no qual, ecumenicamente, vinham todos divertir-se sob uma enorme estrutura de madeira coberta de palha e decorada com enfeites regionais. Havia um restaurante e uma pista de dança, e ninguém precisava ser sócio. O cearense de estranho nome e esfuziante simpatia, foi quem a construiu. Sempre sorridente, dirigia-se a todos com indistinto tratamento: como vai Sujeito? Sujeito: me dê notícia de fulano? Aqui, Sujeito, vamos servir um galetto

ao primo canto divino. E a festa, na qual assuntos políticos rareavam, dava a impressão de não terminar nunca.

Mas as conversas políticas ganhavam cenário mais requintado nos encontros de final da tarde (ninguém as chamava então *happy hour*), que ocorriam noutro cenário: o bar de João Pinheiro, irmão do grande violeiro Ercílio e seguidor fidelíssimo do líder dos Rosados. Naquele ambiente climatizado – luxo rigorosamente destinado aos clientes importantes – era frequente a presença do deputado Vingt e também do Prefeito Raimundo Soares, a quem havia derrotado na década anterior e agora integrando um só grupo. Esse último político, aliás, seria responsável pelo lance mais original da política potiguar: a civilizada recusa para mudar de time, abrindo mão de tornar-se governador na sucessão do próprio Aluízio Alves. Tendo feito uma administração que se notabilizou, entre outras coisas, pela criação da universidade municipal, o prefeito mossoroense era admirado por sua inteligência, sólida formação jurídica, mas, sobretudo por uma oratória portentosa. Cerca-lourenços e até mesmo reuniões formais ocorreram visando a torná-lo sucessor do político angicano que revolucionara os anos sessenta em Mossoró. A aceitação poderia ter antecipado em três anos o dissabor causado aos Rosados com a derrota para Antonio Rodrigues. Ocorre que sem abrir mão da amizade e dos compromissos com o líder seridoense Dinarte Mariz, de quem Aluízio havia se tornado inimigo preferencial, Raimundo declinou do convite. E comemorou a própria decisão numa daquelas libações que pareciam, no seu caso, tornar Mosso-

ró (como a Paris dos anos loucos de Hemingway) uma festa móvel. Disposto a sorver cada segundo da existência com charme e atitudes originais – sempre distribuindo sorrisos e frases de efeito pelos incontáveis bares da cidade – conta-se desse originalíssimo homem público, que um dia recebeu do seu motorista e compadre Chico Burrego um apelo para fazer-lhe a oração fúnebre. Mas que não esperasse sua morte. Queria-a em vida: para que todos – ele mais que qualquer outro amigo – fizessem ideia do tamanho da saudade. Nesse caso, Raimundo não poderia cometer a indelicadeza de recusar. Sem demora encenou-se o velório. Ajuntaram-se em grave essa três ou quatro mesas, no bar em que se encontravam. Chico Burrego deitou-se compenetrado, mãos cruzadas sobre o peito, olhos fechados, ouvidos atentos. E o prefeito falou de modo tão vibrante e emocionado – pontuando os valores pessoais do seu assessor com citações bíblicas e uns tantos brocados latinos – que há testemunhos de que o próprio morto chorou...



Política, descobertas juvenis, comemorações cívicas, Nelson Gonçalves cantando o drama de Dolores Sierra nas “Ofertas Sonoras” da Tapuyo eram temas do nosso cotidiano aos quais se acrescentavam, aqui e ali, considerações sobre a economia da cidade que continuava a ter como suporte a produção do sal. Embora demonstrassem ainda alguma vitalidade o comércio, a cotonicultura, a extração da cera de carnaúba, do gesso, a pecuária. Mas havia setor informal crescendo a olhos vistos: o contrabando. Especialmente do destilado escocês. O seu consumo não se aproximava do da cerveja, bebida em oceanos gelados no Bar Suez, na Praça Rodolfo Fernandes, no Bar de Friso próximo ao rio, nos clubes e na Zona do Meretrício. Mas era grande e disso posso eu mesmo dar dois rápidos exemplos: quando o patrono de nossa formatura no curso de Contabilidade nos recepcionou na granja a que chamavam Canto de Dix-Sept, à beira do rio Mossoró, mandou que fosse colocado em cada mesa, trinta?, quarenta? ou mais? das ali arrumadas um litro de uísque doze anos, trazido do depósito existente ao lado. Sem preocupação visível com a baixa do estoque ou com a disposição e capacidade ética dos consumidores. E quando, décadas depois,

entrevistei um famoso advogado – no programa “Memória Viva” da TV Universitária em Natal – dele ouvi que, aceitando defender um importador que a Polícia Federal prendera espetacularmente em Mossoró, acabou enfrentando causa complexa digna de quem, como ele, conhecia bem os caprichosos meandros da Justiça. Prolatado o julgamento, o cliente foi posto em liberdade, livre de penas e de culpa. Estava um dia o mesmo advogado em sua casa natalense, longe da tensão dos tribunais, quando lhe avisam que um moço se anunciara dizendo ter a incumbência de entregar-lhe uma encomenda. Sem saber se ficava assustado, feliz ou preocupado avistou a camioneta que chegara abarrotada de caixas do melhor uísque enviadas pelo cliente que defendera.

Num período assim, tão agitado, é que surgiu – embora tendo sido criado na década anterior – um grupo teatral conhecido pela sigla que orgulhosamente exibia: TEAM. Era o Teatro Escola de Amadores de Mossoró. Sob a tranquila liderança de Laurinho Monte, (filho do velho Lauro, um *gentleman* que havia sido sócio do jovem empresário Dix-Sept Rosado na firma Mossoró Comercial e Navegação Limitada) deu a muitos a impressão de estar inaugurando uma tradição. Na verdade, dava sequência à movimentação que a cidade registrava desde o século XIX, com a passagem de companhias itinerantes, espetáculos de variedades, circo tradicionais. E, claro, dramalhões e comédias ingênuas montadas por amadores a despertar a pasmeira de uma cidade que, com a sucessiva chegada de empresários vindos do Ceará, começava a desenvolver-se.

Coube à professora Ida Marcelino, numa conferência patrocinada pelo Instituto Cultural do Oeste Potiguar, convocar a juventude de Mossoró a retomar o movimento teatral, criando um grupo capaz de reanimar o movimento amador. Recobro a informação de fonte absolutamente insuspeita: o livro *Caleidoscópio do Team*, que o próprio Lauro Monte Filho publicou pela Coleção Mossoroense em 1984, para registrar a trajetória do grupo. O escritor Raimundo Nonato, com o auxílio das informações de Francisco Fausto, primeiro historiador da cidade, e do abolicionista Romão Filgueira havia dado também alguns passos por aquela história que mostra ainda um remoto Manoel Gomes de Oliveira, português de origem e residente então na cidade, criando em 1873 um “Recreio Dramático” que animou inicialmente a cena mossoroense e que, se renovou tempos depois com o “Clube Dramático Familiar”. Mais adiante seria criada nas proximidades da catedral de Santa Luzia uma Casa do Teatro para atividades dramáticas.

Com a chegada do século XX surge o Cine Teatro Almeida Castro, na Rua Bezerra Mendes num dos lados da Praça da Independência, fazendo esquina com a Avenida Augusto Severo. Por essa época Mossoró assistiu a momentos de boa criação artística, revelando no teatro e na música figuras notáveis como é o caso de Martins Vasconcelos. Ganharia relevo, já na aproximação dos anos 30, o trabalho do casal de educadores Celina e Elizeu Viana. Ele paraibano, ela natalense e irmã de João Amorim Guimarães, autor do livro *Natal do meu tempo*. Mulher de forte personalidade

era dona Celina ilustrada com leitura de obras sociológicas e acabou se tornando figura cultivada também no espetáculo cívico da cidade ao alistar-se ao pleito de 1927 como eleitora, num tempo em que mulher não tinha direito a votar no Brasil. O marido e ela desenvolveram intensa atividade pedagógica na cidade. E animaram o amadorismo no âmbito escolar, encenando anualmente “revistas” nas quais abordavam assuntos municipais (roteiros que desgraçadamente não chegaram às novas gerações) segundo informou o biógrafo Walter Wanderley, no belo livro *Eliseu Viana, um educador*, publicado pela Coleção Mossoroense. Delas tomavam parte, entre outros, dois dos meninos numerados em francês pelo coronel Jerônimo Rosado – Dix-Huit e Dix-Neuf – além do Lauro Monte sênior há pouco citado, e até mesmo algumas moças, entre as quais se destacava a de nome Ildérica Cantídio. A maior parte dessa movimentação ocorreria no mesmo prédio depois transformado em Grande Hotel que começou a morrer quando, identicamente, faleceu seu último dono: o empresário da noite Antônio Amaral, que o adquirira ao velho Vicente Serafim nosso vizinho na Augusto Severo. Baixo, amorenado, camisas e calças largas, de linho, cabelos e bigodes espessos e negros, Amaral era o pai de Diran, um jovem economista, empresário bem sucedido e amigo inteligente que costumava falar sem considerar os decibéis atingidos em sua argumentação. Cheguei a vê-lo circulando pela calçada e no saguão de entrada do Grande Hotel. E também tive o desprazer de contemplar sua figura tristemente estendida na urna mortuária que haviam

colocado na recepção do seu hotel, antes de se chegar ao pátio amouriscado do edifício.

Da nossa casa, no outro lado da rua, costumávamos admirar a movimentação daquele hotel que abrigou o quanto pôde as artes do espetáculo. Ali se hospedavam artistas famosos que vinham apresentar-se em Mossoró. Roberto Carlos, em início de carreira, chegando num começo de tarde aboletado em prosaica rural willys, (vindo de Natal? De Fortaleza? D'além do horizonte?) trazendo consigo músicos igualmente jovens para uma apresentação do Pax. A cantora Marinês xaxando com sua gente – chapéu, roupa e apragata de cangaceiro – em frequentes e bem sucedidas invasões à cidade. E, sobretudo, me lembro de um grupo musical espanhol que marcou época ao ali chegar, no curso de uma interminável excursão pelo Brasil difundindo a tradição musical ibérica com suas ricas variações. Era a Orquestra de Espectáculos Casino de Sevilla, do maestro Pio Torrecillas. Em meio a *pasos dobles*, canções românticas e de *zarzuelas*, executavam uma música empolgante de nome “La Rodriguez”, cantada por Jose Maria Madrid, castanholas e tacões percutindo no palco do Caiçara, de onde emanava tênue poeira. Era momento de absurda e tensa emoção dominando a plateia do Cine Caiçara. Os gemidos guturais, como *glissades* intermináveis ultrapassando a intensidade dos clarins e a estridência dos pratos da bateria, impressionavam vivamente: “Te llaman Rodriguez por parte de padre/te llaman Fernandez por parte de madre/ tu nombre es Maria, Maria del Carmen/Maria del Carmen

Rodriguez Fernandez”. Não devo ter sido o mais entusiasmado fã daquele cantante agitado e de pequena compleição, pois anos depois conheci outro José Maria, por sinal ótimo locutor da Rádio Difusora, que decidiu incorporar ao nome o topônimo que nomeia a capital espanhola. Era casado com Claudete, uma filha de Dedeca, e neta de Zé... Rodrigues. Mas havia outro cantor de nome e imitação suaves, Alberto Del Monte, que embalava a sensibilidade dos namorados ao cantar: “Hoy he vuelto a pasar/por aquel camino verde/que por el valle se pierde/con mi triste soledad”. O seu biótipo destoava do padrão ibérico, de tão alto que era. Chegava a parecer estranho naquele grupo com o seu casquinho sojigado. Mas a suavidade da melodia ajudava a atenuar a excitação do paso doble.

Olhando as mil janelas do Grande Hotel, também podíamos imaginar com a ajuda dos comentários do meu cunhado Olavo, como teriam se apresentado ali, no tempo do Cine Teatro, outras personalidades importantes. Eram figuras que tinham uma aura de mistério, como uma lendária dançarina, Marquise Branca, que, através do inevitável Google descubro ser nome de teatro em Juazeiro do Norte, Ceará. Em noite memorável – valho-me de uns restos de malícia do Ola – ela assanhou a lubricidade mossoroense com uma coreografia sensual, roupas sumárias e olhares insinuantes aos assistentes.

Da criação do TEAM fiquei sabendo pelo meu irmão Kiko, com quem agora costumava ter conversas de rapazes. Foi ele quem me deu a informação, provavelmente recebida do amigo Nestor Saboia: que havia sido criado na escola de inglês, então existente em Mossoró, um conjunto amador. Que iriam montar uma peça teatral no auditório do Seminário de Santa Terezinha e que ele próprio, Kiko, iria representar um médico, parecendo disposto a vingar-se da estreia desastrosa do Barrabás do Pax. Por esse tempo, Nestor, neto de Vicente Saboia – sobralense que migrara do Ceará e plantara em nossa cidade os trilhos de uma ferrovia que parava em Porto Franco, para escoar a produção do município e facilitar a o transporte de mercadorias que vinham pelo mar – era como se costumava dizer então unha e carne com Kiko. Saboinha, filho do bandeirante e pai de Nestor, casara-se com uma moça de nome Brígida que conheci já idosa, porém revelando ainda um ar de nobreza e de elegância que os cabelos prateados acentuavam. Cumpriram preceitos da igreja e da carne, constituindo prole em Mossoró. Tendo sido registrado com o nome de Ernesto, todos chamavam aquele seu filho Nestor sem notar o quase anagrama sugerido pelo nome verdadeiro. Merecera cuidados especiais na infância, por ser portador de uma fissura lábio-palatal que o levou a torturantes cirurgias, e tornava difícil sua comunicação com interlocutores que não fossem da sua convivência.

A notícia do surgimento do TEAM animava conversas pelo centro da cidade. Lembro-me que um dia, certamente entusiasmada por saber que o filho se encontrava na linha de

frente daquele movimento, a bela senhora nos recebeu para um almoço em sua casa. Naquela mesma cuja fachada continua a exhibir ornatos *art nouveau*, a olhar para os fundos da estação de passageiros da antiga estrada de ferro. Apresentados aos talheres de peixe que ladeavam os pratos sobre a toalha de linho branco no salão senhorial, nós, meninos de escolas públicas, modestos vendedores do comércio, filhos de mecânicos ou de industriários, socializados pelo ideal dos bem nascidos do TEAM, não sabíamos como usá-los, não ajudando sequer a descontração ensejada pelo vinho.

Havia uma forte amizade entre todos os fundadores do TEAM. E ela parecia consolidar-se nos clubes sociais da cidade. Impossível imaginar alguma festa-baile, na ACDP ou no Ipiranga, ou mesmo na Churrascaria, à qual Lauro Monte Filho, Nestor e Kiko, Maria José Melo, Gilson Marcelino, Henriqueta Filgueira, José Gurgel não comparecessem com ânimo dançarino. E já havia naquelas performances individuais em que todos se esmeravam, uma clara intenção de exhibir-se revelando não apenas competência coreográfica, mas uma leve arrogância no embalo das melodias tocadas por Totôezinho e seu Conjunto ou pela orquestra do maestro Dermival Pinheiro. Não eram os únicos, claro. Mossoró parecia toda se movimentar, como num *take* de filme musical americano a mostrar a simultânea movimentação dos casais naqueles bailes. Ao apelo dos metais e das marimbas, ao som da bateria de Raimundo e do sax de Batista o salão logo se enchia. Lembro-me do bom desempenho de João da Escóssia, do comovente esforço bailarino de Chiquinho

Duarte e do natural talento de Chico Macarrão, a quem nos referíamos como Boca Larga – sempre disposto a exhibir o generoso sorriso que ajudava a justificar a maldosa alusão.

Não foi difícil conseguir que me permitissem acompanhar os primeiros ensaios, e de realizar pequenas tarefas – como abrir e fechar a cortina – na preparação do espetáculo de estreia do TEAM, a peça “Os Deuses riem”, de A. J. Cronin, romancista inglês de inúmeros best-sellers, que era adorado por muitos leitores em Mossoró. A proposta da encenação era de tal maneira ingênua, que chegava a divertir os próprios atores e atrizes. Todos se davam sugestões quanto ao comportamento cênico. Todos propunham que fosse assim ou assado. E finalmente todos prestavam atenção nos comentários do velho Lauro, pai do diretor do grupo, respaldados pelas viagens que fazia ao Rio de Janeiro, onde costumava ver todas as peças em cartaz. O certo é que ficamos eufóricos com o resultado, obtido com a especial ajuda de Maria Bezerra, uma moça de Açu, a qual havia feito algumas experiências teatrais em sua cidade e veio para os últimos ensaios. Com a professora Ida e outras mulheres atuantes da cidade, Maria Bezerra ajudou-nos a colocar na lata do lixo nosso secular machismo, levando-nos a reconhecer, admirados, o valor da inteligência feminina. Era moça elegante, trajando com sobriedade e, aqui e ali, citando Saint-Exupéry para aprofundar intenções discursivas. Tendo formação universitária, se iniciara no Serviço Social ajudando um importante bispo de Mossoró, Dom João Batista Portocarrero Costa, que conhecera em uma das

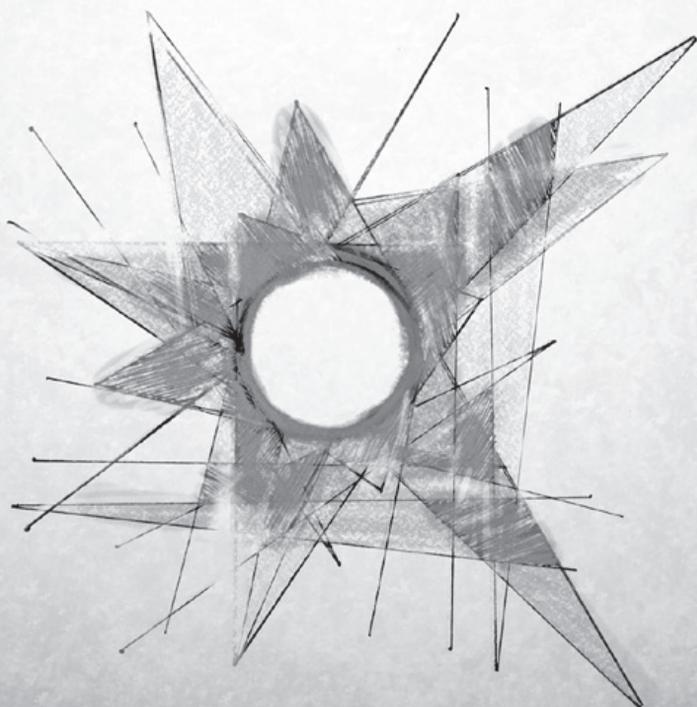
viagens pastorais por ele feita a sua cidade. Diferentemente da maioria das moças do nosso tempo, Maria era viajada. Havia feito cursos fora do Estado e conhecia figuras importantes na capital onde acabou se fixando. Tinha pelo diretor do TEAM uma tão grande amizade que, não raro, especulava-se sobre uma atração que existiria entre ela e Lauro Monte Filho, coisa que se de fato houve, não prosperou.

Foi por intermédio de Maria Bezerra que o grupo mossoroense veio a conhecer e desenvolver uma longa e proveitosa relação com Meira Pires, Diretor do Teatro Alberto Maranhão em Natal que havia sido ator limitado e adiante passaria a desenvolver uma frenética atividade de dramaturgo – numa obsessão de projetar obras primas, que não lograram confirmar-se. Mas iria conhecer sucesso e um justo reconhecimento como animador dos movimentos amadores e, sobretudo, como administrador, cuidando do teatro estadual, com um zelo quase neurótico, desde a espetacular reforma que pessoalmente comandara no prédio da Ribeira, ainda no governo Dinarte Mariz. Até mudara-lhe o nome – ao invés de Theatro Carlos Gomes, Teatro Alberto Maranhão, homenagem a um governador que amava as artes. E sob sua direção o teatro, amado por meio mundo das artes cênicas brasileiras, pôde renascer: pintou fachada paredes laterais e salões; recuperou todo o teto, o forro e comprou cortina de veludo; deu-lhe bons urdimentos de palco e recursos técnicos, com camarins dignos, modernos equipamentos de iluminação, som e refrigeração. O temperamento forte de Meira Pires levou-o a protagonizar com regular fre-

quência momentos de tensão administrativa com o governador eleito, Aluizio Alves, que preferira mantê-lo no cargo mesmo sendo adversário político. Mas o diretor do TAM bombardeava também interlocutores, distantes ou não, com ofícios, memorandos, bilhetes, reiteradas cartas ou telegramas quilométricos nos quais expunha suas intenções. Informado da existência do TEAM, logo buscou se comunicar com Lauro Monte Filho decidindo que o grupo deveria participar de um festival que iria realizar reunindo amadores de teatro do Nordeste. Para justificar tal disposição, avocou a si a condição de paraninfo. E o TEAM, logo iria revelar que a amizade alimentada pelo amor à cidade onde surgiu, garantiria uma harmoniosa convivência de contrários, dissesse isto respeito à condição social dos seus integrantes, ao posicionamento político de cada um, ou mesmo ao talento individual que seus atores e atrizes pudessem revelar.



IMAGENS
NO TEMPO





Tio Alexis soldado.
Num jardim do centro
do Rio e em traje de gala.

Na foto ao lado ele é o
segundo no conjunto em
que aparecem Armagilo
(então na Marinha) e
Altamiro e Aluízio já
retornados a Janduíis.





Ícones femininos
do humor familiar:
do lado Gurgel, Stelita
que se prevenia das
doenças graves com a
pobreza; do lado Avelino,
Aparecida que se tornaria
professora de safadeza do
meu papagaio em Natal.



o amor à primeira vista; Foi
tanto, junto ~~foi~~ estava com uma
bastante, ~~por quem era~~ ^{moça a quem oendura, e} ~~completamente~~
~~na~~ ^{na} ~~fora~~ ^{fora} ~~obrigado~~ ^{obrigado} a casa.
nada, ~~nada~~ ^{nada} ~~podia~~ ^{podia} fazer contra os
os - do amor;

mas gostava de Maria Pitar, e via
e quando ia a feira; Maria
~~na~~ ~~ela~~ ^{na} ~~era~~ ^{era} junta com João Pereira
ele tinha três filhos, e
outro (o mais velho) tivera - o ~~uma~~
uma moça, numa ~~retirada~~
na das ~~retiradas~~
as ~~retiradas~~

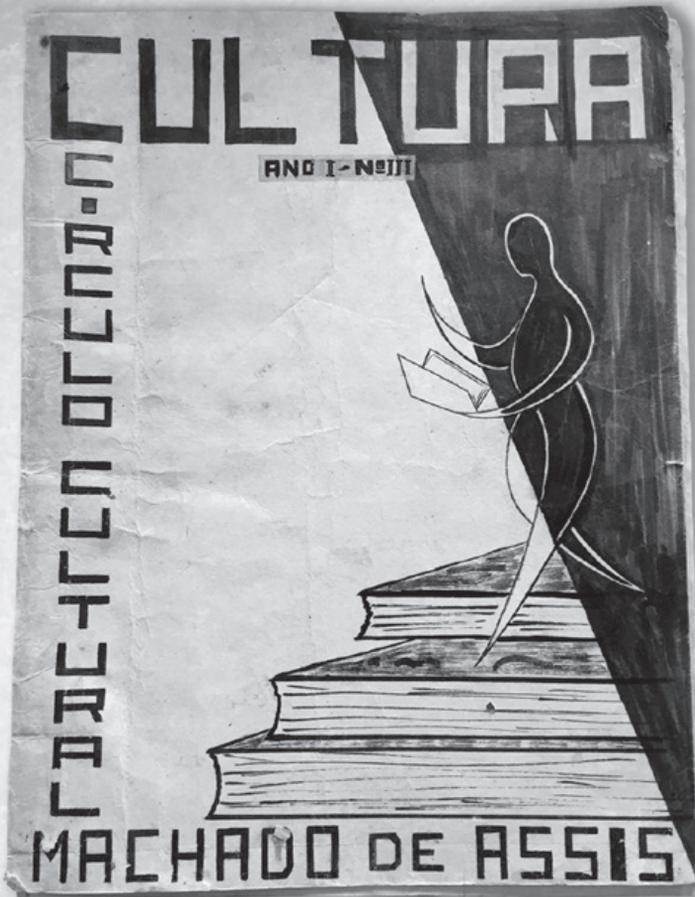
por vezes ^{para} ~~para~~
que a ~~a~~
mica ~~coisa~~ ^{coisa} ~~de~~
coi - dizia

Monroio - 26 de 2 de 62

Miséria

Aquilo dia requentava de ser o ab
Monroio; nascida sobre o ~~retas~~ ~~negras~~
estava clara e ~~o~~ ~~moço~~ ~~estava~~
Tudo parecia calmo, e ~~as~~ ~~noites~~
(apesar das duas colunas) ~~era~~ ~~aque~~
gru ~~ru~~ ~~caiam~~ ~~as~~ ~~bruzas~~ ~~vindas~~ ~~da~~
As mar.

Foi Antonio Tomou uma "chamada" ~~na~~
desloquiu a boca com as costas ~~do~~
e ~~peru~~ ~~conu~~ ~~o~~ ~~he~~ ~~que~~ ~~eu~~
A ~~atravessou~~ ~~a~~ ~~peru~~, e ~~para~~ ~~imar~~
refletiu ~~na~~ ~~gua~~, tal era a claridade
na; ia ~~o~~ ~~obscuro~~ ~~o~~ ~~e~~ ~~na~~
giana ~~a~~ ~~beleza~~ ~~na~~ ~~primeira~~ ~~do~~ ~~atras~~
no ~~monroio~~ ~~adormecido~~; ~~por~~ ~~isso~~
bruz ^{minipak} ~~que~~ ~~eu~~ ~~batu~~ ~~no~~ ~~rosto~~ ~~e~~
Vou o ~~fo~~ ~~ço~~ ~~do~~ ~~bre~~ ~~piro~~ ~~que~~ ~~re~~



Tentando ser regionalista
aos 16 anos iniciei um
romance miserável.
E participei da revista
editada por Luiz (Lulu)
Alves no Círculo Cultural
Machado de Assis.
A capa instigante desse
número é do Jotagê.

SUMÁRIO:-

DIRETOR:- José rodrigues
REDATOR-CHEFE:- Luis alves

-o-o-o-o-

EDITORIAL - o redator
PALCO DA VIDA:- Luis alves
UM POEMA DE AMOR - raimundo carlos
CRÔNICA, TENTATIVA DE EDITORIAL - tarcsio
LÂMPEJOS - domínó
CONTO DE NATAL - José rodrigues
LIVROS E ESCRITORES - gilvan marcelino
I FEIRA DE LIVRO EM MOSSORÓ - silva e silva
UTOPIA - tarcsio gurgel
O HOMEM DE SÓCRATES - carlos e sousa
PÁGINAS ESCOLHIDAS -
VIDA COTIDIANA - anchieta cardoso
ENCONTRO FORTUITO - licrínio
SINFONIA DA MORTE - francismar
PRÉTO E BRANCO - laneto

ARQUIVISTA :- gilvan marcelino

TEATRO ALBERTO MARANHÃO

DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1961 ÀS 21 HORAS



o teatro de estudantes de amadores de mossoró

a p r e s e n t a

“êles não usam black-tie”

3 atos de gianfrancesco guarnieri



programação de teatro do 10. Festival do Escritor Norte Rio-grandense, promoção do Plano Cultural do Governo Aluizio Alves.

Entre os guardados do mano Deífilo, o filho Alexandre descobriu o programa da estreia do TEAM em Natal. Sob desconfianças e surpresas começava uma trajetória espetacular do grupo amadorista de Mossoró.

DISTRIBUIÇÃO

maria
tião
chiquinho
otavio
romana
terezinha
jesuino
joão
dalva
bráulio

irismar ribeiro
francisco santos
tarcisio gurgel
lauro monte filho
maria josé melo
délia mendes
gilson marcelino
josé gurgel
henriqueta lima
wilson maux



arranjo musical
contra regra
sonoplastia
assistente de direção
direção

totóezinho
ernesta sabóya
ida marcelino
lauro monte filho
wilson maux



Após uma partida tumultuada no Rio, o TEAM chega a Porto Alegre e juntamente com amadores de todo o Brasil posa para a revista Manchete. No detalhe, integrantes da Comissão Julgadora do festival de que fazia parte Patricia Galvão.

PASCHOAL, CARLOS MAGNO E LUCY BLOCH, ENTRE OS ESTUDANTES, NA PRAÇA JÚLIO DE CASTILHOS. NA FOTO MENOR: LUIS PEIXOTO, JORACY CAMARGO.

OS ESTUDANTES ACRED

O IV FESTIVAL DE TEATRO EM PORTO ALEGRE FOI UM ATO DE FÉ

OS estudantes acreditam no Brasil. Vi isto, ao vivo, assistindo ao IV Festival Nacional de Teatros de Estudantes, em Porto Alegre, no qual tomaram parte mais de duas mil pessoas ligadas ao ensino, vindas de todos os Estados e empolgando um público inumerável, que participava de sua fé em nosso futuro. Sem exceção, demonstravam um entusiasmo de que dão ideia perfeita as declarações que deles ouvi. Reconhecem que a incerteza ainda domina alguns: minoria insignificante, sempre pronta a descortinar situações sombrias onde o próprio povo encontra motivo de crença absoluta. Mas sabem que a razão está com eles. E é por isso que acreditam. Sem exceção, os estudantes elogiam a ação do Embaixador Paschoal Carlos Magno, idealizador e realizador dos Festivais como de tantas outras, e tão úteis, promoções de interesse estudantil. Dá uma satisfação enorme auscultar o otimismo dos moços. Fica-se com a certeza de que eles têm razão e de que os derrotistas acabarão falando sózinhos.

Reportagem de Lucy Bloch • Fotos de Schläpfer Jr.

SEQUE

LUCIA BENEDETTI, PATRICIA GALVAO E JOEL PONTES, DO JORI.

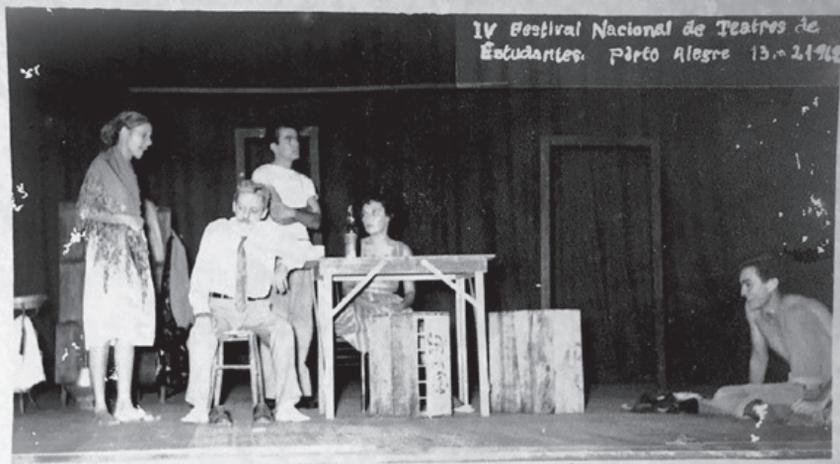
ITAM NO BRASIL



IV Festival Nacional de Teatros de
Estudantes. Porto Alegre 13.º 2.1969



MONUMENTO AO GAÚCHO - PORTO ALEGRE



Contexto do IV Festival Nacional: o monumento ao Gaúcho na entrada da cidade; Chiquinho e Tezinha alheios aos problemas do barraco e a loirinha que tietou o adolescente mossoroense. Na página anterior: Romana chega para pôr ordem na casa. E o grupo posando na Reitoria da UFRGS: Tarcísio, Irismar Ribeiro, Wilson Maux, Henriqueta Filgueira, Lauro Monte Filho, Mazé Melo, Kiko Santos, Ida Marcelino, Gilson Marcelino, Délia Mendes. Na foto, sem que eu lembre o porquê, não se encontra José Gurgel Melo – o Jotagê.





Já premiado no festival o grupo posa diante do Teatro São Pedro. Na primeira fila: Lauro Monte Filho, Ida Marcelino, Délia Mendes, Henriqueta Filgueira, Orlanda Carlos Magno (irmã do Embaixador), Maria José Melo (Melhor Atriz do festival), Paschoal Carlos Magno e Lucy Bloch. Na fila seguinte: Nestor Saboia, Wilson Maux, Irismar Leite e Gilson Marcelino. Na última fila: Kiko Santos, Tarcísio Gurgel e José Gurgel Melo.



RODEIO TEATRAL NO SUL

Reportagem de LUCY BLOCH • Fotos de Schleiniger Júnior



PASCHOAL CARLOS MAGNO, ENTRE LUCY BLOCH E JORACY CAMARGO, MEMBROS DO JURI.

O IV Festival Nacional de Teatros de Estudantes, realizado em Pôrto Alegre, por iniciativa do Embaixador Paschoal Carlos Magno, sob os auspícios da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura e da Universidade do Rio Grande do Sul, constituiu um êxito notável. Reuniu, para sete dias de atividade, mil e duzentos estudantes dos teatros universitários dos diversos Estados, desde o Amazonas ao RGS. Figuras de relevo do meio teatral e literário formaram o júri, que viu três espetáculos por dia, em ambiente de verdadeiro entusiasmo e acirrada competição. Cinco espetáculos foram considerados os melhores. "Histórias para serem contadas", da BIBSA, do Rio; "A bilha quebrada", do Teatro Universitário do RGS; "Uma girafa para Inocência", do Teatro Universitário de Pernambuco; "Os fuzis da Sra. Carrar", do grupo da Mackenzie (São Paulo) e "Entre quatro paredes", do Teatro do Estudante do Paraná. O melhor conjunto estreante: o Teatro do Estudante de Mossoró. As melhores atrizes foram: Rosa Azevedo (Paraná), Yetta Moreira (RGS), Lala Schneider (Paraná), Ruth Rosenbaum (Pernambuco), Ana Maria Cerqueira Leite (SP), Lillian Dias (RGS), Iara Amaral (SP), Ruth Paula Mezech (RGS), Cecília Babelo (Bahia) e Maria Regina Viana (RGS). Os melhores atores foram: Anatólio Oliveira (Bahia), Moisés Aichenblat (Rio), Mário Madsley (Santos), Alfredo Sérgio Bessa (Pernambuco), Edson Cisne (idem), Lúcio Lombardi (idem), Arnaldo de Freitas (Campinas), Sérgio Manberth (São Paulo), Eusey Azancort (Amazonas) e José Luis Nunes (Goiás). Vários outros prêmios foram distribuídos, inclusive bolsas de estudos, pelo Governo da França. O IV Festival Nacional de Teatros de Estudantes, inaugurado pessoalmente pelo Ministro Oliveira Brito, da Educação e Cultura, demonstrou a coesão nacional e os altos pendores artísticos da mocidade estudantil brasileira.



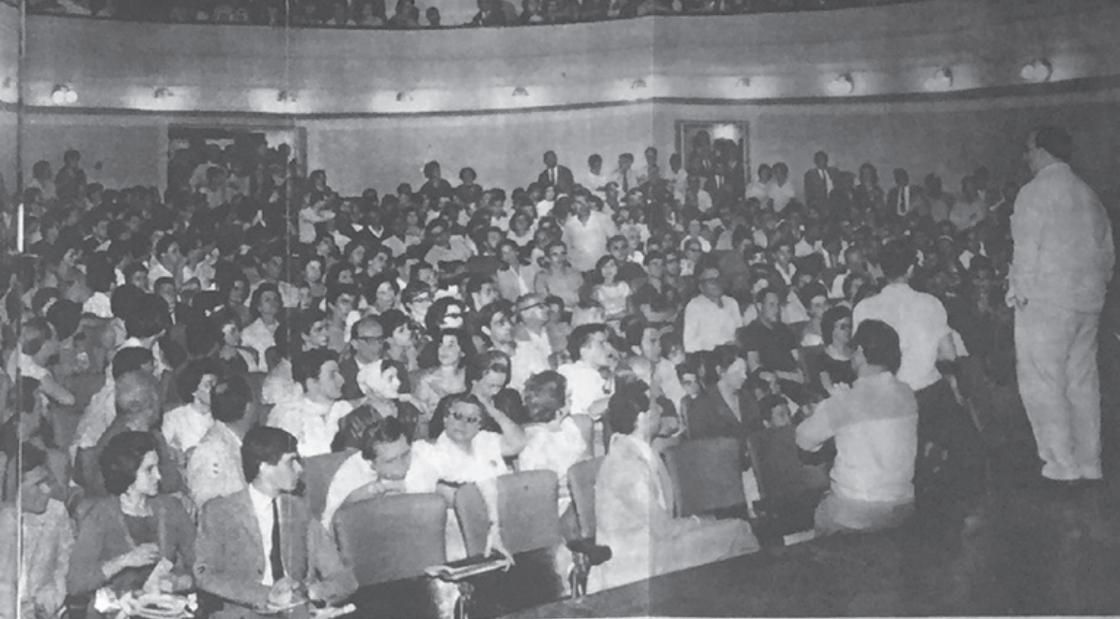
ASPECTO DA PLATEIA DE UM DOS VARIOS TEATROS



AS MELHORES ATRIZES AMADORAS REVELARAM



ESTES RAPAZES, REPRESENTANDO OS MAIS DIVERSOS



EM QUE SE DESENOLOU O FESTIVAL DE TEATRO UNIVERSITÁRIO, QUANDO O SEU PROMOTOR DIRIGIA A PALAVRA À SOCIEDADE UNIVERSITÁRIA.



TALENTO CAPAZ DE EMULAR COM OS NOSSOS MELHORES PROFISSIONAIS DO PALCO.



ESTADOS E ESCOLAS, SÃO OITO DOS DEZ MELHORES DO FESTIVAL, EM PORTO ALEGRE. OS MELHORES: MARIA JOSÉ DE MELO (MOSSORÓ) E C. HEEMANN



A revista Manchete fez uma cobertura espetacular do evento em terras gaúchas. E no encerramento publicou um balanço mostrando os premiados, com destaque para melhor atriz, Maria José Melo (do Teatro Escola de Amadores de Mossoró) e melhor ator, o gaúcho Cláudio Hemman





Cenas da apresentação carioca: a festa de noivado de Tião e Maria, na foto superior, e o grupo agradecendo ao final do espetáculo. Na foto maior, Tarcísio Gurgel (Chiquinho) e Délia Medes (Tezinha) num namorico inocente.

ELES NÃO USAM BLACK-TIE, alguns anos mais tarde e montado por um grupo amador, resiste surpreendentemente bem à passagem do tempo. Se uma ou outra passagem que nos pareceram fracas quando vimos suas duas produções iniciais do Arena continuam a parecer fracas, e talvez mesmo até mais fracas. (Quase todos esses casos se referem a uma deficiência de entonação de certos personagens.)

A repercussão na imprensa foi espantosa, com registros noticiosos e críticas também no Rio de Janeiro, onde a já temida Bárbara Heliadora fez uma análise entusiasmada do espetáculo amador. Os recortes amarelecidos foram carinhosamente guardados pelo meu irmão José.

Domingo, 25 de Fevereiro de 1962

Tribuna Livre

Guarnieri pelo Teatro de Mossoró

BARBARA ELIODORA

O espetáculo do Teatro de Estudante Amador de Mossoró foi uma das surpresas mais agradáveis que temos tido nos últimos tempos. Reper o texto de Guarnieri depois de três anos — e depois do espetáculo ter sido montado com bastante competência pelo Teatro de Arena de São Paulo — não era experiência que nos atraísse muito, mas lá fomos nós ao Parisiense para ver onde estavam os níveis do amadorismo por esses brasis af. ra.

ELES NÃO USAM BLACK-TIE, alguns anos mais tarde e montado por um grupo amador, resiste surpreendentemente bem à passagem do tempo. Se uma ou outra passagem que nos pareceram fracas quando vimos suas duas produções ini-

tos acertos com tão pouca preparação técnica. De qualquer modo, Wilson Maux demonstrou ter possibilidades.

BLACK-TIE foi escrita para teatro de arena, mas não sofre nenhum prejuízo ao ser apresentada em palco de prosênio, e o cenário de Francisco Santos, embora não seja muito original, solucionou o problema cenográfico não só de maneira satisfatória como também com bom gosto.

O elenco do TEAM apresenta rendimentos diversos mas tem um aspecto fundamentalmente positivo: todos parecem saber que estão fazendo no palco e ter uma noção boa do que estão dizendo. Se esse comen-

to. O elenco do TEAM apresenta rendimentos diversos mas tem um aspecto fundamentalmente positivo: todos parecem saber que estão fazendo no palco e ter uma noção boa do que estão dizendo. Se esse comen- tário parecer, a quem quer que seja, indulgente ou primário, esse alguém não deve ir muito a teatro, e pode- mos garantir que dizer isso é dizer

tem
ape-
há
erti-
lo-
uma
mam
um
ian-
ávio,
Melo,
jeito
o ver
ncis-
beiro
e re-
ora
um
(ou
ncipi-
em
arcí-
eguiu
lávio
per-
coi-
) é
nicar
uito.
cional
TEAM
e só
todas
tra-
amos

Mossoró no caminho da renovação

MEIRA PIRES

D.M. 28-12-61

Louvável, sob tódos os pontos de vista, a colaboração que se possa oferecer aos moços que fazem o Teatro de Estudantes Amadores de Mossoró.

Sempre manifestei a Jaime Hipólito, quando das nossas conversas em Natal, a confiança na possibilidade de existir, em Mossoró, um grupo de teatro amadorista. Acreditava ser viável organizá-lo em face do progresso crescente da capital do Oeste. Com a realização do 1.º Festival Nortista de Amadores do Autor Teatral Brasileiro, no ano passado, julguei que essa seria a oportunidade de projetar o conjunto que ahi engatinhava sob o comando de d. Ida Marcelino, Maria Bezerra e Lauro Monte Filho. Ninguém poderia acreditar que fosse possível «le-

lizam-no por vaidade o que somente tem servido para afugentar o público que não comparece mais ao Teatro Alberto Maranhão porque os nossos grupos deturpam, até, as mensagens dos textos. Essa é, sem dúvida, uma verdade irrefutável e mesmo que surgisse alguém para contradizer, eu não tomaria conhecimento porque jamais haverei de utilizar o nome que consegui fazer com esforço, estudo e trabalho persistente, para servir de escada à subida de falsos amadores.

Por tudo isso é que julgo indispensável e louvável a ajuda que se possa oferecer ao Teatro de Estudantes Amadores de Mossoró. É um grupo muito jovem, ainda. Nêle, fácil será indicar muitos defeitos cênicos, entretanto, até êsses defei-

MOSSORÓ - RIO GRANDE DO NORTE

Teatro de MOSSORÓ Estado no Festival de

O TEAM encenará peça de fundo social no IV Festival de Teatro de Estudantes * Fala à reportagem o teatrologo Wilson Maux, a cuja direção artística está confiado o êxito dos mossaoroenses nos pampas

Wilson Maux vai levar o Teatro Estudantes Amadores de Mossoró ao Rio Grande do Sul para representar o Estado no IV Festival do Teatro de Estudantes, a ter lugar na capital gaúcha em janeiro de 1962.

Em uma autêntico certame de arte a que estarão representados todos os Estados da Federação, o que

O jovem teatrólogo, há alguns dias nesta cidade, dirige os ensaios da peça indicada para a represen-

Jean Francesco Guarnieri, em 3 atos, de fundo eminentemente social, em que figuram 10 persona-

ali será realizado por promoção do Ministério da Educação, Governo e Universidade do Rio Grande do Sul. Em 1960, por exemplo, foram realizados em Brasília, 19 com apenas o Amazonas e Rio de Janeiro, e em Mossoró agora o pioneiro festival deste tipo.

tem, ao manter contato com o teatrólogo, quem conversamos exclusivamente sobre a

INDUSTRIA
INSUPERAVEL
PREFEIRAS DE
ERECOS E CON
PREFEIRAS PELO
DOKARIBANDAS

UM ESPETÁCULO
DE COMÉDIAS
BRASILEIRAS

1 - comédia carioca:

"A OCASIÃO
DESFAZ O
LADRÃO"
DE FLÁVIO MIGLIACCIO

2 - comédia nordestina:

"O VASO
SUSPIRADO"
DE FRANCISCO PEREIRA DA
SILVA

3 - comédia no folclore:

FERNANDO
LEBÉIS - cantor

TEATRO JOVEM

Praia de Botafogo, 599
(Mourico) - Tel. 46-3166



TODO MUNDO RI

TEATRO JOVEM

"A OCASIÃO DESFAZ O LADRÃO" :

- | | | |
|------------|--------------------|-------------------|
| 1.º LADRÃO | - Hugo Mayer | — Jorge Campos |
| 2.º LADRÃO | - João das Neves | — Tarcísio Gurgel |
| 3.º LADRÃO | - José Pedro | — João Damasceno |
| 4.º LADRÃO | - Osvaldo Neiva | — Tarcísio Gurgel |
| VELHO | - Dirce Migliaccio | — Hugo Mayer |
| GUARDA | - Ginaldo de Souza | — José Pedro |

"O VASO SUSPIRADO"

- | | | |
|-----------------|--------------------|----------------|
| D. INÁCIA | — Virgínia Valli | — Maria Teresa |
| D. JOANINHA | — Dirce Migliaccio | — Maria Teresa |
| BISPO | — João das Neves | — Hugo Mayer |
| 1.º SEMINARISTA | — João Damasceno | — Jorge Campos |
| 2.º SEMINARISTA | — Tarcísio Gurgel | — Jorge Campos |

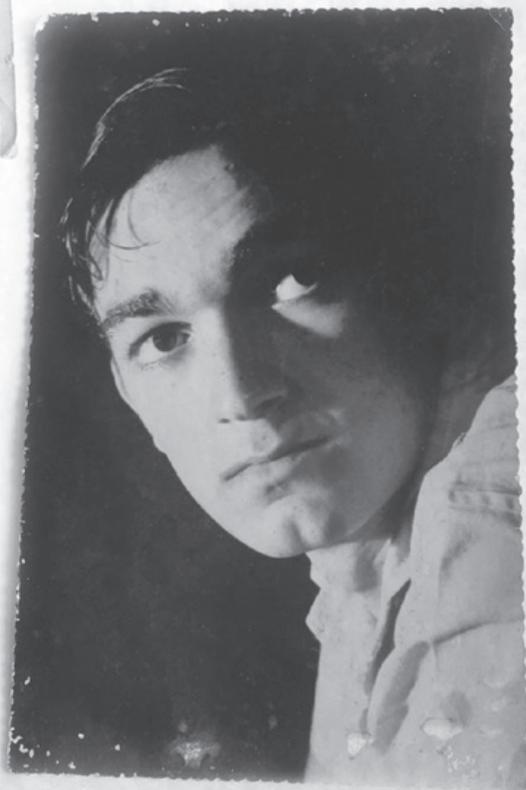
No Rio, em 1963, a experiência do Teatro Jovem. O programa do espetáculo, que juntamente com o cenário fora feito por Anísio Medeiros era um primor. Antes, ainda em Mossoró, a instigante experiência de interpretar um snob inglês, envergando o smoking do morto. Na foto de cima, o riso irônico diante da chuva de acusações. Na foto abaixo, o mesmo riso irônico é mantido nos agradecimentos ao final de *Esquina Perigosa*.

- | | |
|------------------|--|
| PRODUÇÃO : | — Geraldo Alves e Ginaldo de Souza |
| ASS. DE DIREÇÃO | — Tarcísio Gurgel e Maria Teresa |
| CARACTERIZAÇÃO | — Joel Ghivelder |
| SECRETÁRIA | — Celina Whately |
| ELEM. CÊNICO | — Dirceu Nery |
| EX. DE CENÁRIOS | — Antonio Eckart Netto, Jorge de Carvalho e José Gomes de Moraes |
| EX. DE FIGURINOS | — BALERINA |





O cinismo do escroque londrino, impressionaria B. de Paiva que montando um espetáculo para homenagear Shakespeare fez o ator mossoroense sonhar com o papel de Hamlet. Iria contentar-se com o triste Romeu. Fotos feitas pelo grande fotógrafo Geraldo Oliveira, do *Correio do Ceará*. Também é desse tempo a iniciação no jornalismo. A loirinha da foto é Carolina Borges, de Mossoró, que entrevistei em Fortaleza.









Novo *intermezzo* mossoroense. Interpretando o tímido estudante na peça Irene, de Pedro Bloch com a protagonista Kátia Monte. Na foto horizontal, uma confraternização após o espetáculo. Em primeiro plano, o Jotagê, Tarcísio e Rubens Pimenta; na segunda fila: Kiko, Kátia Monte, Ivonete Paula, Irismar Ribeiro e Adauto Paula; na última: Eliane Monte, Lauro e B. de Paiva e, na sequência: Joanhina Costa, Maria Aparecida, Nestor Saboia, José Gomes, Airton Duarte e Maria Lúcia Escóssia.



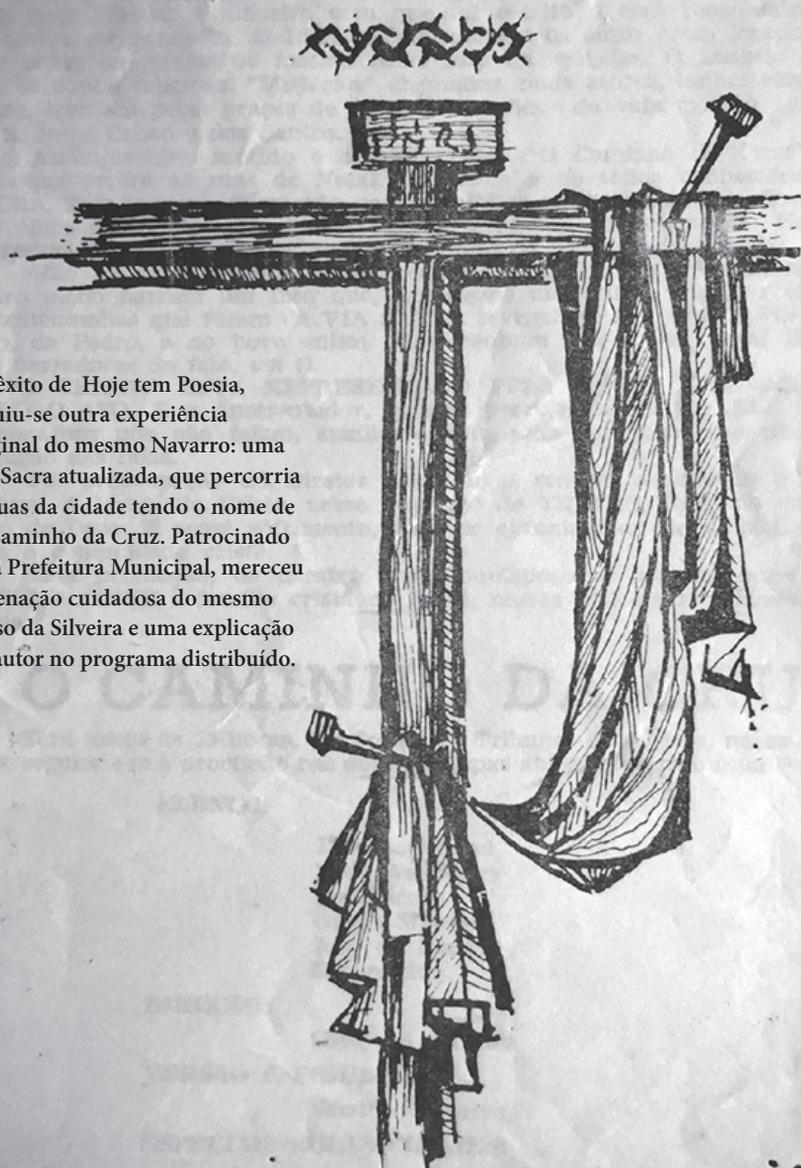
Anunciando um novo tempo:
outra vez em Natal e novamente
arranchado na casa de Deifilo,
retomo a atividade teatral no
querido Teatro Alberto Maranhão.
O espetáculo chama-se *Hoje tem Poesia*.
De autoria de Newton Navarro, foi
dirigido por Celso da Silveira.
Quem o fotografou foi Frederico Marcos.
Em cena, comigo, José Medeiros.





O claro-escuro da iluminação era um dos pontos altos do espetáculo que valorizava poetas e cronistas da cidade. Na bela foto encontro-me no primeiro plano, junto à escada e comigo contracenam: José Medeiros, José de Souza (também radialista e cantador) e, apenas entrevista, na dramática penumbra, Terezinha Iris.





Ao êxito de Hoje tem Poesia,
seguiu-se outra experiência
original do mesmo Navarro: uma
Via Sacra atualizada, que percorria
as ruas da cidade tendo o nome de
O Caminho da Cruz. Patrocinado
pela Prefeitura Municipal, mereceu
encenação cuidadosa do mesmo
Celso da Silveira e uma explicação
do autor no programa distribuído.

ECCE LIGNUM CRUCIS

EXPLICANDO O "CAMINHO DA CRUZ"

"O Caminho da Cruz" é mais um poema dramático do que propriamente uma peça teatral. A maneira com que foi escrito e será representado lembra os textos e encenações da Idade média, quando os autos eram levados ao Povo, nos oitões de igrejas ou mesmo pelas ruas das cidades. O assunto geralmente era de cunho religioso. "Mistérios" chamados, onde atores, tantas vezes improvisados, levavam pelas praças de feiras, evocações da vida, paixão e morte de N. S. Jesus Cristo e dos Santos.

Assim, será o sentido e a feição desse "O Caminho da Cruz" que logo mais percorrerá as ruas de Natal. Seu tema é de todos conhecidos: a VIA SACRA. Três atores, declamarão para o público as legendas, que vão mostrando aos olhos de todos, as tortuosas vias da cruz e o sofrimento do Homem que carregava uma cruz enorme, pesada de todos os pecados do mundo.

Não há propriamente personagens DEFINIDOS. Os três homens do primeiro plano narram um fato que, em alguns momentos, parecem viver, como se testemunhas que foram da VIA SACRA, revivessem a figura de Pilatos, de Simão, de Pedro, e do povo enfim. Mas, nenhum deles, tem papel DEFINIDO. São narradores do fato, em si.

"O CRISTO" ESTÁ REPRESENTADO PELA "CRUZ" QUE ACOMPANHA TODO O ATO. E o Apresentador, quando preciso, falará por ELE. Os outros personagens que não falam, auxiliarão com seus movimentos a melhor interpretação das falas.

Foi preocupação do Diretor ressaltar o sentido ecumênico que o texto encerra. A Igreja do Cristo, nessa evocação de TREVAS, sofrendo com todo o Povo de Deus. E nesse sofrimento, mais se aproximando do Cristo, através de toda a comunidade cristã.

Esta promoção, de carater artístico-religioso, é homenagem do Prefeito AGNELO ALVES à família cristã de Natal, nesses dias de recolhimento e penitência.

O CAMINHO DA CRUZ

Terá início às 20 horas, em frente ao Tribunal de Justiça, na av. Junqueira Aires, seguindo-se à procissão nas suas 14 etapas até o seu término na Praça Pio X.

ELENCO:

Tarcísio Gurgel
Yêdo Wanderley
Rui Lucena
Guido Monte
José de Souza
Edson Lira

DIREÇÃO:

Celso da Silveira

VERSÃO E FIGURINO:

Newton Navarro

ESPECIAIS COLABORAÇÕES:

Côro do Seminário de São Pedro
Escoteiros do Alecrim

PROMOÇÃO DA PREFEITURA DO NATAL

Administração AGNELO ALVES

DEPARTAMENTO DE TURISMO E CERTAMES

Natal — Abril — 1966



Numa das estações estão os recitadores José de Souza, Iedo Wanderley, Tarcísio, Ruy Lucena e Edson Lira. O público acompanhou contrito a encenação ocorrida na Semana Santa.

A multidão participando de um espetáculo a céu aberto representava uma inovação na cena natalense. Houve quem estimasse um público de 5 mil pessoas.





Ivonete Paula, Judas Tadeu, Felipe Caetano, Maria Lúcia Escóssia e Jose Gurgel, numa época marcante

huit Rosado e sua vice Sandra Rosado frente às questões culturais tem justificado essa nossa irresistível esperança.

Igreja e teatro de mãos dadas

O que eu gostaria de deixar bem claro é que temos consciência de que não estamos fazendo nada de no-

austero Mons. Mota na peça "Maturino, o Velho Lobo do Mar", isto em 1912, no Colégio Diocesano Santa Luzia.

Nos anos 60 o Pe. Alfredo Simonetti foi responsável por inúmeras montagens, dentro e fora do Seminário Santa Terezinha. Inclusive foi dirigido por ele que eu pisei pela primeira vez num palco, em 1966, numa comédia de Millôr Fernandes: "Do tamanho de um defunto". Logo, não sou o primeiro pa-

José Melo, Jandira Hipólito, Isa Alencar e tantas outras!

É a contribuição do TEAM - Teatro de Estudantes Amadores de Mossoró, que projetou definitivamente o nome de Mossoró para além de nossas fronteiras, ganhando prêmios em festivais e fazendo a crítica especializada do eixo Rio/São Paulo se curvar diante do nosso talento? Sérgio Mamberti quando esteve aqui em

Tendo voltado a Mossoró para acompanhar meu pai doente, experimento a direção teatral e enceno "O Vaso Suspirado" de Chico Pereira da Silva, com ótima interpretação do pequeno elenco: José Gurgel (o bispo) Ivonete Paula e Maria Lúcia (as beatas) e Tadeu Azevedo e Felipe Caetano (os seminaristas).



As fotos desta página mostram os bispo sendo socorrido pelos seminaristas após a briga das beatas que aparecem na foto seguinte.



Com o entusiasmo de Lauro Monte Filho vi-me obrigado a insistir na direção, pensando contar com Kiko no papel de Zé do Burro. Tendo ele desistido, fui eu mesmo interpretá-lo, tendo com parceira a mesma Dorinha Gomes que fez uma ótima Rosa.

8 - DN / Revista
Nasal, 09 de outubro de 1993

Grande Ponto



Mossoró e o Teatro Potiguar

Lauro Monte Filho *

As primeiras manifestações teatrais da cidade, datam de 1873, registradas em "O Mossoroense", edição de nº 47 de 6 de setembro de 1873.

O interesse pela arte cênica, teve o apoio de homens ilustres do início do século fundando o "Clube Dramático Familiar".

Professor Elizeu Viana apresentou várias operetas no grupo Escolar 30 de Setembro, nas décadas de 1910 e 1920. Outros estabelecimentos escolares também se movimentaram nesta área.

Estes foram em síntese sumaríssima os precursores do nosso teatro. Em



Tarcísio Gurgel e Dorinha Gomes interpretam O Pagador de Promessas

Depois do TEAM, alguns movimentos sérios apareceram como o Teatro Operários do SESI. O Grupo Terra teve a sua participação principalmente em protesto ao regime ditatorial vigente na época. A Cia Escarcéu surge mais cedo no teatro infantil e teatro de rua. O GRUPO TUM foi implantado na FURRN e cresce que carece mais de um pouco de apoio de nossa Universidade.

O Grupo de Teatro Mutirão tem apresentado espetáculos bons e dignos.

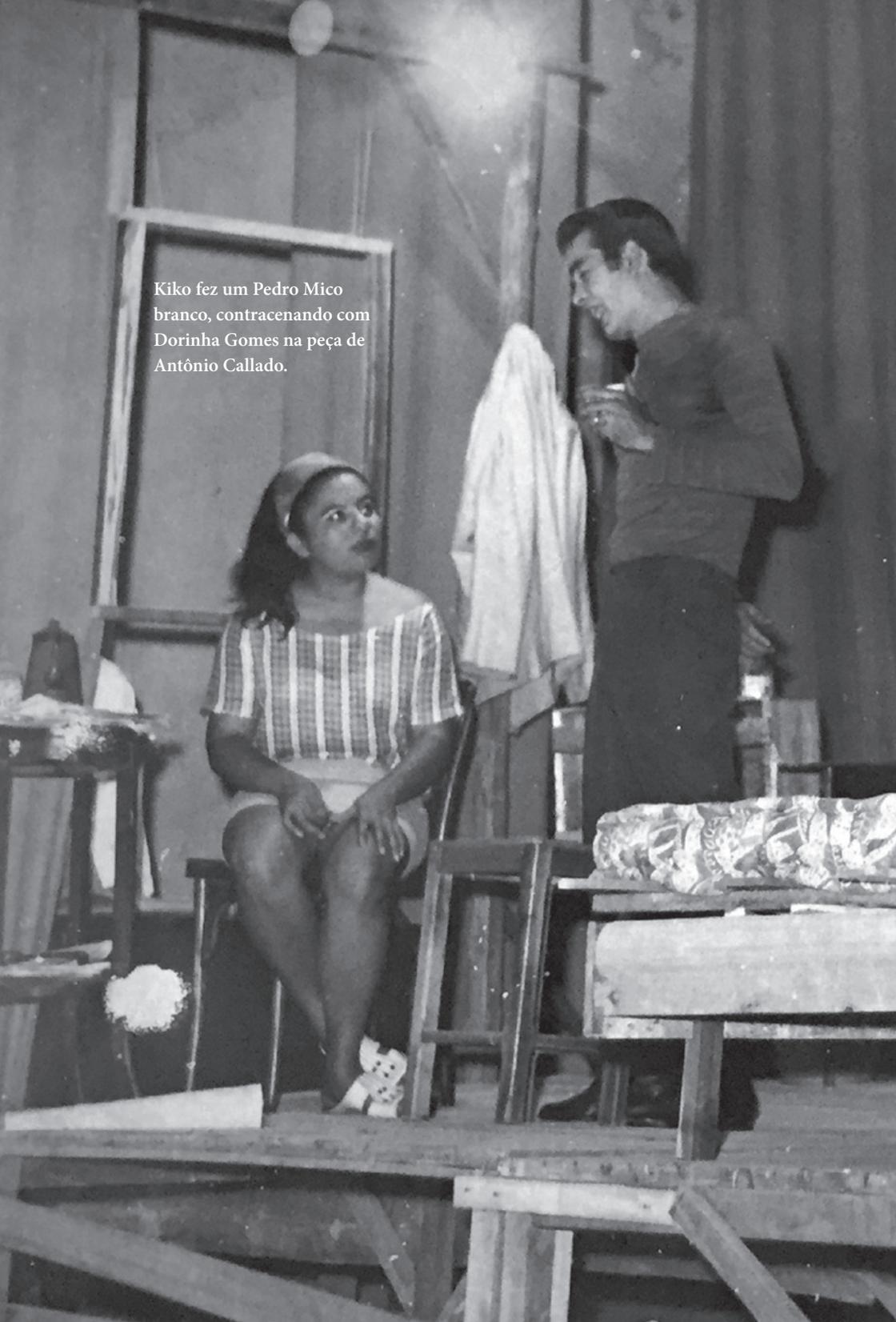
Ultimamente o "Nocaute à Primeira Vista", dispôs com um trabalho muito sério e já conquistou o prêmio "Melhor Altriz" coadjuvante em Caminho da Grande, com Tony Silva. Juntamente com a COOCAR e a Fundação de Cultura de Mossoró, acredito que todos estes conjuntos trarão as luzes dos refletores do teatro potiguar, de volta à nossa cidade, pois o "País de Mossoró" não pode prescindir de seus trabalhos e orgulho da Cultura Norte-rio-grandense.

Lauro Monte Filho é escritor e fundador do TEAM.

Dumaresq
desnuda a
Imprensa

Jornalista de múltiplos talentos

Kiko fez um Pedro Mico
branco, contracenando com
Dorinha Gomes na peça de
Antônio Callado.





Com Vilma Groissman, Eudes e o providencial Jotagê, montamos na SNOB um show que tinha as melhores intenções, mesmo se chamando “Snobossamba”.

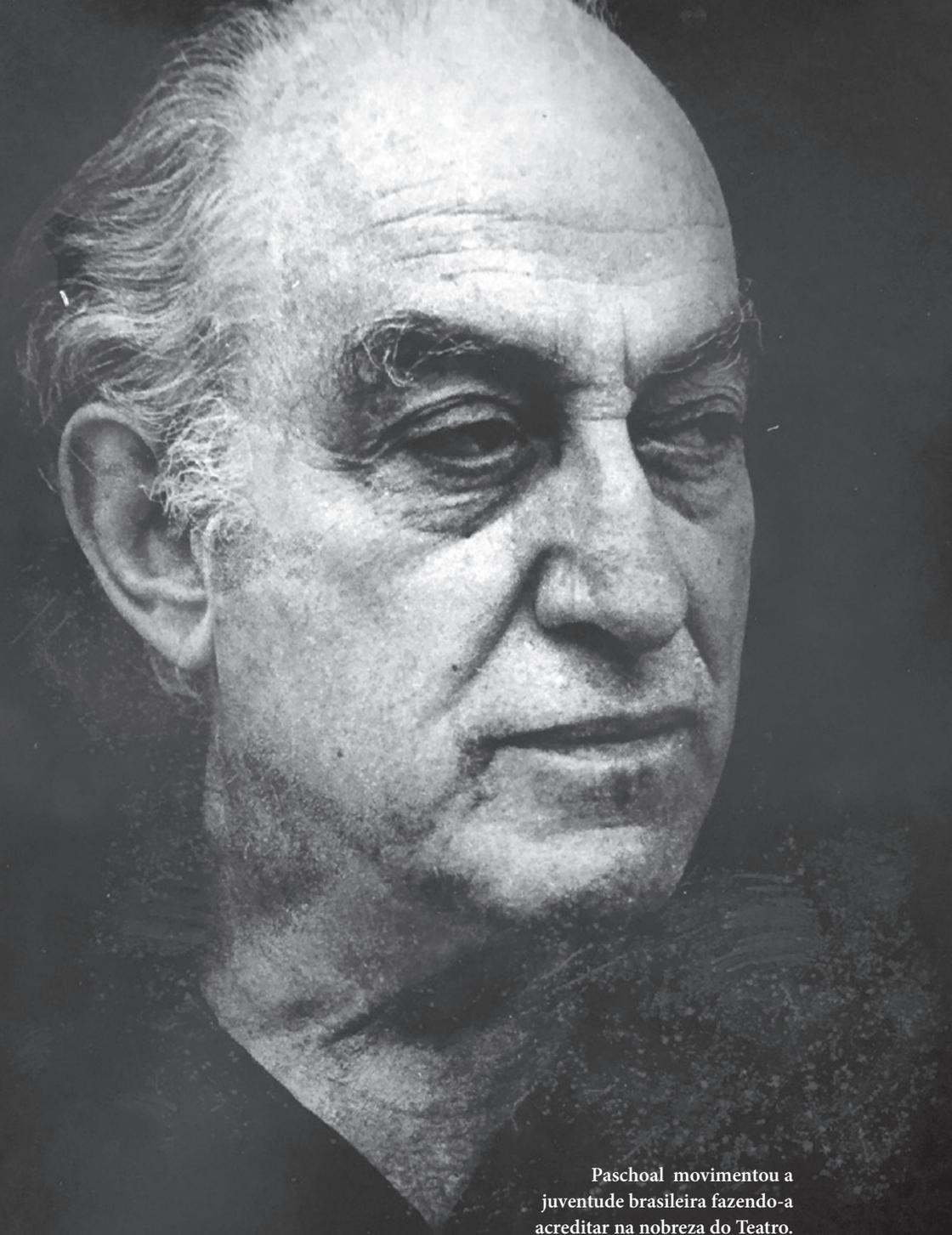
A ALDEIA DO TEATR



No teatro ao ar livre de Arcozelo, jovens de todo o Brasil encarnaram personagens do repertório de todas as épocas. Na foto menor, embaixo,

Reportagem de MARCO AURELIO BORBA ● Fotos de OMAR SAMPAIO e JOSE ROBERTO

Novamente na estrada: Em Arcozelo, os estudantes reúnem-se para outra vez concretizar o sonho de Paschoal Carlos Magno: a arte dramática produzida por jovens.



Paschoal movimentou a
juventude brasileira fazendo-a
acreditar na nobreza do Teatro.



Festival
Internacional
Da Canção Popular
RIO

O belíssimo galo de Ziraldo
que convocava a todos para o
festival, da parede do Viet-Bar.



A estreia da peça de Cronin ocorrera, conforme já ficou dito, no Seminário de Santa Terezinha. Naquele mesmo palquinho acanhado que assistiu um dia à torturante tentativa de um menino chamado Dorian Jorge Freire lançar-se à vida artística. Dolorosa e inutilmente ele ali se esforçara para confirmar qualidades de pianista, das quais a mãe o considerava possuidor, na apresentação preparada para homenagear o reverendíssimo Senhor Bispo Dom Jaime de Barros Câmara. Tentar, bem que tentou, buscando confirmar de algum modo o sonho da mãe que já podia imaginá-lo na vida glamourosa dos concertos. Não contava dona Dolores Couto é que a nervosa movimentação dos dedos curtos do filho o levaria a se tornar um virtuose, mas utilizando outros teclados. Nas redações de jornal pelas quais passou. Numa longa e emocionada crônica que selecionei para seu livro *Os Dias de Domingo*, o jornalista mossoroense descreveu o sofrimento infantil de quem, inseguro, percutia mil vezes as teclas do piano sem completar a frase musical. Tentava outra vez e voltava a errar, sob a torturante certeza de que a mãe aguardava na coxia, com ameaçadora chinela na mão.

Se a projetada apresentação do pianista mirim frustrou-se por absoluta falta de vocação do artista, a estreia do TEAM pareceu a todos altamente promissora. E mal diminuíra a repercussão nas conversas das calçadas, cafés e clubes de Mossoró, já o incorrigível otimista Laurinho Monte – antebráço direito flexionado, a mão enfiada no intervalo dos botões da camisa qual Napoleão da salinésia – vislumbrava futuras campanhas e o sucesso do TEAM no cenário do amadorismo teatral do país. E embora parecesse temerário o surpreendente convite feito por Meira Pires para participar de um festival que reuniria grupos importantes do Nordeste em Natal, decidiu que o TEAM ia aceitar. Todos, é claro, fizeram coro ao seu entusiasmo. O problema é que a experiência do conjunto estava restrita àquela modestíssima encenação. E, com a exceção do diretor Laurinho e de Maria Bezerra, ninguém conhecia a mais elementar gramática de uma encenação: impostação vocal, ensaio de mesa, inflexão, tapadeiras, boca de cena, direita baixa/direita alta, bambolina, refletores, ciclorama, nada. De autores como Molière quase nada sabiam. E quanto a Shakespeare, tinha-se vaga ideia porque alguém informara que na casa de seu Ribeiro havia uma coleção desse autor cujo nome Maria Júlia, para irritá-lo, decidira chamar Chico Pires.

Em boa hora o grupo ficou sabendo que o convite formulado assegurava a presença de um diretor pernambucano, de nome Walter de Oliveira, para dirigir seu espetáculo. Havia, contudo, outro problema: uma vez na capital, o ilustre representante da família que animou a cena teatral

pernambucana por décadas seguidas, não passaria da Corrente no rumo de Mossoró. A porta de entrada e saída por ele utilizada seria o aeroporto de Parnamirim que o deixava – literalmente – a um pulo de Recife onde cumpria outras obrigações profissionais. Isto obrigou o elenco a mudar-se para Natal – operação tornada possível graças ao irrevogável otimismo laureano o qual, pertencendo a uma família importante em Mossoró, tinha fácil acesso ao poder, justificando férias fora de época ou licenças de última hora. E lá se foi o grupo, com dedicação exclusiva, ensaiar a peça intitulada *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueiredo, autor que – ninguém à época creio que soubesse – vinha a ser irmão de João, General que fechou o ciclo dos presidentes da ditadura. O texto – certamente escolhido por Meira, amigo do dramaturgo – recriava algumas das fábulas de Esopo, vivas na tradição ocidental. Os diálogos, agradáveis e bem escritos, discorriam sobre amor, liberdade e ética, tomando como ponto de partida a fabulosa inteligência de um escravo. Após relutar, Maria Bezerra foi convencida a atuar como atriz, e interpretou Cleia esposa do boquirroto Xantós, personagem que coube a Kiko. As demais eram: Melita (Maria José Melo) e Esopo (Lauro Monte Filho), além de um figurante negro, de nome Cícero França, que fazia um escravo etíope – pobre eunuco que Melita simulava perversamente seduzir. Havia ainda Roberto Mendes, que entrava mudo e saía calado na pele de Agnostos.

Surpreendendo a todos o meu irmão aceitou ser conduzido pelo método draconiano de ensaios imposto por

Walter de Oliveira. E acumulou horas intermináveis de desconposturas, emagrecendo a olhos vistos e comprometendo a aparência de galã. Mas, viu chegada a oportunidade de exibir o talento de que era possuidor. Sua performance era irreverente e sedutora. E seu *timing* para as situações cômicas acabou surpreendendo a todos, a ponto de merecer o melhor aplauso dos que julgavam o desempenho dos atores no Festival. Pouco lhe faltou para ser escolhido o melhor ator, prêmio afinal atribuído a Wilson Maux, que por sinal logo voltaria a cruzar com o grupo mossoroense. Os demorados e exaustivos ensaios de *A Raposa e as Uvas*, que mereceu belo cenário de Ubirajara Galvão – arquiteto que participara até pouco tempo de rica atividade amadorística na cidade com Woden Madruga, Augusto Severo Neto, Celso da Silveira entre outros – seriam lição sempre lembrada. E aquele espetáculo acabou conquistando o prêmio principal. De minha cidade eu acompanhava com grande interesse cada passo do grupo. E a ele busquei me reintegrar tão logo retornou, ganhando por minha vez o prêmio de poder ligar as luzes do palco, ao invés de abrir e fechar as cortinas, na estreia mossoroense de *A Raposa e as Uvas* que inaugurou o auditório do Colégio Estadual, recém-construído.

O desempenho do TEAM ao encenar o segundo espetáculo em Natal teria surpreendentes desdobramentos. Não se passara ainda um ano daquela participação e chegou a informação de que o Embaixador Paschoal Carlos Magno – obviamente estimulado por Meira Pires – demonstrara entusiasmo quanto a uma possível participação do grupo

mossoroense no “IV Festival Nacional de Teatro” que no início do ano reuniria na capital gaúcha amadores de todo o país. Sem consulta prévia Meira garantiu a nossa participação como representantes do Rio Grande do Norte. Menos mal que a monocrática decisão não pareceu magoar ninguém em Natal. O bom Sandoval Wanderley, que já revelara admiração pelo trabalho do grupo de Mossoró em crítica sobre a “A Raposa e as Uvas” na *Tribuna do Norte*, preferia continuar às voltas com seus dramalhões e provincianas comédias de costumes. Celso da Silveira, já ensaiando sair de cena, nem chegou a se manifestar. A veterana atriz Clarice Palma, não demonstrou interesse. E Jesiel Figueiredo, jovem ator que se iniciava na direção, também não fez restrição quanto a viajarmos para representar o Estado.

A perspectiva de seguirmos viagem até Porto Alegre, lá embaixo do mapa, deixou todos naturalmente excitados. E uma onda de entusiasmo pareceu dominar a própria cidade. Tanto que a decisão de participarmos daquele festival conseguiu o milagre de mobilizar um universo de colaboradores que misturava indistintamente Capim e Fulô, clero e comunistas, classes liberais e contrabandistas, políticos e prostitutas, todos juntos em irrestrito apoio. Restava escolher a peça. Como sugeria o momento, animado por movimentos reivindicatórios e campanhas de mobilização nacional (uma ainda recente, possibilitara a posse do vice-presidente João Goulart, no cargo que Jânio Quadros abandonara), optou-se por levar ao festival uma peça de autor nacional capaz de fazer o espectador refletir criticamente.

A escolha não poderia ter sido mais oportuna: o drama proletário intitulado *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. E Meira indicou Wilson Maux, já conhecido do grupo, para dirigi-lo. Morando em São Paulo, onde atuava profissionalmente no rádio e se iniciara na direção teatral, o ator natalense havia testemunhado o impacto da montagem feita por José Renato para o Teatro de Arena. Ao invés do palco italiano, aquele importante diretor preferira um simulacro de picadeiro justificando o nome do teatro. Sem cenários e com impoatção rigorosamente naturalista, o público chegava a sentir a respiração dos atores.

Tão logo chegou a Mossoró, Maux cuidou de selecionar atores e atrizes no salão do velho Clube Ipiranga. Como havia entre as personagens um adolescente, eu, claro, me inscrevi. Tinha boas razões para acreditar em minhas chances de ser selecionado. Se por outro motivo não fosse, pela velha tradição mossoroense de as coisas quase sempre se resolverem em contexto familiar. O fato de ser irmão de Kiko haveria de ser um *handicap* considerável. E o alegre exercício de nepotismo teatral, de fato se confirmou: fui aprovado. Também o foi o adorável birrento Zé Gurgel Melo, o Jotagê, meu companheiro do Círculo Cultural Machado de Assis e irmão de Maria José, já escolhida para o papel de Romana, protagonista do espetáculo. Outro selecionado foi Gilson Marcelino, filho do advogado José Marcelino e da professora Ida, os quais também viajariam conosco na condição de preceptores informais, da menina Délia Mendes, por sua vez prima de Laurinho Monte. Era assim *in illo tempore*: Dé-

lia, que faria a menina Terezinha, de quem o tal Chiquinho não desgrudava, só obteve permissão da mãe, dona Ivete, para conosco viajar, quando teve a certeza de que alguém haveria de zelar por sua segurança e integridade, o que lhe foi garantido através da eterna vigilância do primo e do casal mencionado. Também se inscrevera naquela seleção Lulu, o nosso Luiz Alves Neto. Não tendo parentes no grupo e – como ele próprio admitia – sem vocação para as artes cênicas, não chegou a ser aprovado. O palco de sua luta, como adiante veremos, seria outro.

Depois de demorados ensaios, o grupo viajou com destino a Natal, aonde se daria a estreia, durante as comemorações do primeiro ano do governo Aluizio Alves. Fomos conduzidos no ônibus novinho que servia aos alunos do novo Colégio Estadual. O acerto quanto à participação do TEAM mobilizou, além da Prefeitura de Mossoró, o Secretário Estadual de Educação, Grimaldi Ribeiro e nos garantiu também o transporte, uma vez que os alunos daquela escola encontravam-se de férias. E lá veio o motorista Pereira, querido da estudantada e que se revelou extremamente atencioso conosco, dirigindo no rumo de Natal. Já na capital, em meio ao clima festivo, pudemos ver de perto pessoas ilustres como Câmara Cascudo, Djalma Maranhão (cuja administração na Prefeitura também comemorava o primeiro ano), o mesmo esfuziante Meira Pires e até um visitante ilustre que voltaríamos a encontrar em Porto Alegre: o escritor gaúcho Manoelito de Ornellas. Não dou conta da presença do governador Aluizio na noite de estreia do espetáculo,

e sua ausência talvez fosse previsível pelas impertinências administrativas do diretor do Teatro Alberto Maranhão com quem vivia às turras.

O fato de ali estarmos, no palco do mesmo teatro oficial – que dava um pouco de temor em metade do elenco, por parecer gigantesco – para estreiar a nova peça do TEAM no contexto de grandes comemorações já parecia uma aventura tão grande (tamanho e tão intensa a movimentação de autoridades e de espectadores comuns, e tanta a expectativa criada pela passagem anterior do grupo), nos dava a sensação de viver um momento mágico. E o resultado, repercutindo elogios e afagos superou a expectativa mais otimista de quantos compunham aquele grupo. Ficara a sensação de que o espetáculo estava bem ensaiado. Todos poderiam ficar tranquilos: não iríamos dar vexame em Porto Alegre. Retornados a Mossoró, tomamos as últimas providências para a viagem ao Sul, começando com uma ida ao alfaiate e à modista. Tiramos as medidas dos ternos e *tailleurs*, que vestiríamos na sessão solene de abertura e em outras recepções oficiais, se viessem a ocorrer. E o anacronismo de nossa elegância causaria forte impressão nos participantes daquele festival.

Baixinho e roliço, o novo diretor do TEAM revelava não pequena vaidade, talvez pela consciência do grande talento de que era possuidor, quiçá como mecanismo de defesa, pela insegurança que lhe causava um pequeno defeito físico, numa das pálpebras levemente arriada em decorrência de uma cirurgia que fizera. Volta e meia ficava encaramujado. Com alguns integrantes do grupo chegaria mesmo a desenvolver uma crescente relação de amor e ódio. A parte do amor, ele certamente herdara do alegre casal que o pusera no mundo, Zé Maux e dona Anatilde, também pais de outros filhos queridos na cidade que os viu nascer: Paulo, o Rei Momo, a bibliotecária Virgínia, o advogado -professor – e eterno romântico – Arthunio, entre outros. Tresandando ternura, o velho Maux fazia-se notar por seu tipo físico avantajado, sua costumeira alegria, e até por ser representante dos charutos Suerdieck em Natal, tornando-se nesta condição fornecedor exclusivo do escritor Luís da Câmara Cascudo. Fez questão de nos receber em sua casa quando chegamos para a estreia. E numa manhã especialmente luminosa e fresca, conduzidos por Wilson, invadimos cada cômodo daquela casa alegre com suas cores claras

e arrumados com gosto. Aquela algazarra divertia o casal anfitrião que nos adotou numa só felicidade. Era como se vivêssemos o dia da criação nas cercanias da velha catedral e da Praça André de Albuquerque onde a cidade surgira.

A voz do nosso novo Diretor traía sua condição de ator e radialista, impressionando a todos. Tanto pela beleza do timbre, cheio e levemente rouco – as cordas vocais permanentemente aquecidas pela fumaça dos incontáveis cigarros fumados durante o dia – nos ensaios especialmente – como pelas dramáticas pausas que fazia na conversação com inflexões cheias de colorido. Mas, sobretudo, por sua ótima dicção. Como disse no livro anterior, ele costumava emocionar a todos os que o ouviam quando declamava um admirado “Poema das mães” do paulista Giuseppe Ghiaroni do qual transcrevo os versos iniciais:

“Mãe: hoje volto a te ver na antiga sala
onde uma noite te deixei sem fala
dizendo adeus, como quem vai morrer
E me viste sumir pela neblina,
Porque a sina da mãe é esta sina:
Amar, criar, cuidar e depois perder.
(...)”

Quando, já em Recife, iniciamos a subida da escada do DC-6 do Loide Aéreo, que nos levaria ao Rio, Wilson Maux surpreendeu quem como eu o secundava ao empacar subitamente no quinto degrau iniciando uma performance

assustadora. Enquanto outros aviões pousavam ou repousavam sob o sol e a alegria dominava o grupo prestes a iniciar viagem, voltado para mim e para os demais que, tensos, aguardávamos, começou a declamar com surda dramaticidade, os versos iniciais de outro poema: “Morte no avião”. Carlos Drummond de Andrade, autor e contumaz usuário do transporte aéreo entre Rio e Belo Horizonte, nele se refere à aterradora expectativa do eu lírico antes de seguir para a viagem.

“Acordo para a morte.
Barbeio-me, visto-me, calço-me
É meu último dia: um dia
cortado de nenhum pressentimento.
Tudo funciona como sempre.
Saio para a rua. Vou morrer.
(...)”

O avião no qual viajamos não caiu: Deus seja louvado. Não morremos, nem nos tornamos notícia em razão disso, tal como sugere a assustadora experiência confessada pelo eu lírico no poema famoso. E até devo dizer que para além de perspectivas tenebrosas, antes mesmo do embarque já desfrutávamos dos serviços de terra, parecendo veteranos naquele clima de glamourosa agitação de aeroporto e voos partindo e chegando. Lembro-me de termos sido apresentados então, pelo próprio Maux, ao jornalista e animador cultural Afonso Laurentino e a Newton Navarro, os quais pareciam retornar a Natal após viagem ao Rio de Janeiro, onde o primeiro

articulara um encontro que trouxe a Natal escritores como Jorge Amado, Milton Pedrosa – contista mossoroense então radicado em Belo Horizonte – a esfuziante jornalista Eneida, e entre alguns mais, o editor da legendária Civilização Brasileira, Ênio Silveira, numa festa de cultura das promovidas por Aluizio Alves ou Djalma Maranhão.

Chegados ao Rio de Janeiro nos hospedamos para o pernoite – como muitos dos amadores que ali chegavam – no belo casarão do Embaixador Paschoal em Santa Tereza. Na manhã seguinte cada qual tomaria o ônibus que lhe fora reservado para seguirmos em caravana, agora por terra, no rumo de Porto Alegre. Nesse novo embarque, ocorreria algo inesperado e assustador. Interrompendo a alegria dominante, um diplomata furioso que mal havíamos visto na noite passada estava a acusar em altos brados o grupo de Mossoró de tê-lo traído. Mas que traição? Qual o motivo do despropósito? Simplesmente por havermos levado, entre nossos pertences, as partes componentes do cenário confeccionado pelo maquinista Nilson do Teatro Alberto Maranhão. Modulável, cabia em três pequenos caixotes de madeira, que teimavam em não se acomodar no bagageiro do ônibus. Um problema que nem de longe imaginávamos poder causar, embora soubéssemos da recomendação de evitar conduzir bagagens que não as pessoais. Ora, aquele cenário havia sido projetado justamente para não atrapalhar a vida de ninguém, facilitando nossos deslocamentos nas encenações itinerantes, além de tornar mais fáceis as tarefas de Nestor, nosso diretor de cena, que não concordaria em

largar um alfinete que fosse por onde passávamos, aproveitando para nos caixotes enfiar o bule, as canecas, o rádio que Otávio simulava consertar, entre outras coisas.

Em sua forma tão exígua e leve, traves e ripas fazendo vértice numa coluna também montada por encaixe, a completar o ângulo das paredes, porta e janela, tudo suspenso por fios de plástico transparente. Aquele cenário, concebido para palco italiano, surgira de simples conversas entre Maux e Kiko e permitia, com a iluminação, adivinhar através das paredes vazadas o infinito que se perdia para além do morro, com um intenso azul e o amarelo da lua projetada sobre o ciclorama. Da perspectiva dos espectadores era, sem dúvida, uma mágica visão. Um caixote a servir de cadeira aqui, uma mesa tosca acolá – tudo era desmontável e logo guardado nos tais módulos que nós mesmos conduzíamos, como se malas fossem. Seria tão difícil acomodá-los em meio àquela montanha absurda de pacotes e bagagens pessoais? Que o Embaixador fosse reclamar com as negas dele... Não seríamos nós os responsáveis por aquele e outros eventuais atrasos dos ônibus, que lentamente iam se enchendo com uma pouco apressada multidão de amadores. O certo é que a despeito da gritaria as coisas arrumaram e finalmente pudemos partir, com a certeza de que o nosso cenário seguia junto, continuando a longa jornada Brasil adentro, na direção do outro Rio Grande.

Na viagem apenas iniciada previram-se duas paradas: a primeira na capital paulista, onde embarcariam colegas de outros grupos, alguns dos quais iriam adiante se tornar

famosos, casos de Iara Amaral, Sérgio Mamberti e Dina Sfat. A outra seria em Curitiba, para um pernoite e embarque de um grupo paranaense. Como adiante viríamos saber, não era propriamente animadora a expectativa da nossa participação naquele festival. A boca pequena dizia-se ser uma ousadia um grupo nordestino sem qualquer tradição, encenar um espetáculo cuja montagem original – aquela do Arena – estava definitivamente consagrada. Difícil imaginar o que resultaria da encenação da peça de Guarnieri em palco italiano, mostrando um drama urbano/proletário situado no sudeste, falado com sotaque nordestino em plena capital gaúcha... Buscamos atenuar a nervosa expectativa, com a certeza de que reencontraríamos ali alguém capaz de nos dar apoio com sua presença: o escritor Manoelito de Ornellas. Tendo assistido a estreia natalense, havia ele demonstrado grande entusiasmo e logo estabelecera forte empatia com o grupo prometendo ficar por perto quando chegássemos. Amigo do governador Brizola (e também um dos seus auxiliares, segundo creio), aquele escritor gaúcho havia protagonizado com Câmara Cascudo quando de sua visita a Natal um episódio de elevado simbolismo fraterno: derramara no Potengi uma pequena quantidade de água do Guaíba trazida num pequeno frasco. O gesto, conforme fiquei sabendo tempos depois ao ler o livro *Ontem* – um dos registros memorialísticos do escritor potiguar – repetia o que inversamente fizera Sérgio Severo, filho do aeronauta Augusto, numa visita a Porto Alegre. Espécie de pacto das águas do qual o progresso predador jamais tomou conhecimento.

Aquele pesquisador competente da presença mourisca na formação do outro Rio Grande acumulou-nos de atenção. Até nos recebendo para jantar em seu apartamento, quando autografou para o elenco mossoroense exemplares de *A Cruz e o Alfange*, *Cadernos de Portugal e de Espanha*, e *Tia-rajú*. E até ficamos com a sensação de que foi, de fato, o responsável por um convite que nos levou aos estúdios da TV Farroupilha, para uma entrevista coletiva. Lembro-me que esbanjando petulância adolescente, ao ser provocado mostrei como se dançava o xaxado, o que pareceu ter levado os gaúchos sempre tão ciosos das questões regionalistas – ao menos os que se encontravam no estúdio davam essa impressão – a acreditar na tosca coreografia, felizmente mostrada em plano fechado. Já circulando em meio à multidão alegre de jovens amadores e de outros artistas dos quatro cantos do país, íamos curtindo a chance de melhorar nossa cultura teatral, vendo espetáculos de autores importantes como Kleist, Sartre, O’Neill, Tchecov, Gil Vicente, Ariano Suassuna, Brecht.

Porém, à medida que se aproximava o dia de nossa apresentação, era possível notar que crescia a tensão em alguns, visivelmente preocupados ante a possibilidade de uma apresentação embaraçosa. Afinal, para quem conhecia teatro amador, o Brasil parecia acabar em Recife, onde, por sinal, havia sido realizado o primeiro daqueles encontros nacionais de amadores. Em alguns de nós chegou a bater a ideia de que sim, talvez tivesse sido uma ousadia injustificada pretender encenar nosso espetáculo diante de tantas

autoridades e tantos grupos experimentados em festivais. Que nossa ingenuidade e a obstinação de Meira poderiam resultar numa vexatória apresentação no palco do Teatro São Pedro. Que eu me lembre, ninguém reclamou que houvessem destinado ao grupo de Mossoró o horário das dez horas da manhã do sábado. Melhor assim. Afinal, era o dia de encerramento da mostra, os principais grupos já teriam se apresentado. Alguns até retornado aos seus Estados.

Machado de Assis lembrou um dia, numa das crônicas de *A Semana* que “(...) os sucessos deste mundo, domésticos ou estranhos, uma vez que se liguem de algum modo aos nossos primeiros anos, ficam-nos perpetuados na memória”. Alegre testemunha do que ocorreu em Porto Alegre, creio não exagerar fazendo registro de algo verdadeiramente marcante para quem mal atingira os dezesseis anos. Muito já se falou da nossa participação naquele festival e penso que muito ainda há para ser dito, porque contrariou-se uma lógica que apontava para uma quase indigência da cena dramática potiguar, levando-nos a desenvolver uma espécie de complexo de vira-lata como o inventado por Nelson Rodrigues, que só os devaneios meirianos – encontrando terreno fértil em nosso bairrismo mossoroense conduzido pelo idealismo de Lauro Monte Filho – poderiam derrubar. Amadores de Mossoró num festival nacional em Porto Alegre? Não seria uma rematada pretensão, tchê?

Relembremos o momento histórico: o país tinha acabado de atravessar uma crise institucional, espécie de ópera bufa, como as que são periodicamente encenadas em nossa política, nessa ressaltando uma personagem loucamente carismática,

que abusava da bebida e falava escandindo as sílabas. Demoraria apenas seis meses até que os eleitores viessem a entender o tamanho do equívoco de ter alçado Jânio Quadros à presidência da República. A eleição fora tão improvável quanto empolgante. Seu principal adversário, Teixeira Lott, era um empedernido general nacionalista que se não chegou à presidência, ao menos recebeu dos comandados uma espada de ouro, acontecimento que Manuel Bandeira, udenista, glosaria num poema impressionante. A patética encenação de renúncia de Quadros excitou a direita militante e os bisnetos de Deodoro e Floriano que embalaram um sentimento golpista. E só o caudilhismo radiofônico liderado, justamente, pelo governador do Estado que sediou o IV Festival Nacional de Teatro de Estudantes, o gaúcho Leonel Brizola, pôs fogo em corações e mentes obrigando a uma resistência que garantiu a aparente volta à normalidade. E com evidente má vontade os udeenegolpistas tiveram de aceitar o retorno do Vice-Presidente João Goulart, da China, lugar para onde (teriam Jânio e os outros oportunistas de plantão pensado nisso?), mandava-se no meu tempo pessoa indesejável no fecho de alguma discussão. A justiça histórica manda dizer: a ação vigorosa do governador gaúcho é que garantiu retorno e posse. Mas logo arranjou-se um regime parlamentarista com a intenção de inibir a esquerda que continuaria lutando pela volta ao presidencialismo, afinal recomposto dois anos depois. O ânimo pelas coisas da política era, portanto, bem forte em Porto Alegre refletindo-se diretamente no da maioria dos participantes daquele festival.

Um jovem ator e jornalista chamado Fernando Peixoto, que depois se tornaria o maior divulgador de Brecht no Brasil – e que compunha à época um grupo de brilhantes e provocativos artistas da cena dramática gaúcha, na qual, aliás, também se movimentava um ator de estranho nome, Antônio Abujamra – recuperaria parte desse clima de agitação jovem reunindo importantes textos jornalísticos num livro lançado pela Editora Hucitec, de São Paulo, com título também provocativo, mas igualmente esclarecedor: *Um Teatro Fora do Eixo*. Aí ressaltou também toda a intensidade do movimento cultural da capital gaúcha, dando notícias sobre o IV Festival Nacional de Teatro Amador, tal como, noutra direção viria a fazer Lauro Monte Filho com o seu *Caleidoscópio do TEAM*.

Porto Alegre é bom esclarecer desde logo, era, quando para ali viajamos, uma cidade de singular importância cultural e não apenas na atividade teatral ou na política. Notável era a movimentação nas artes plásticas e na música erudita. E quanto à vida literária e a literatura, já repercutia há um bom tempo, o trabalho de autores locais com obras de grande repercussão nacional como, entre outros, Augusto Meyer, Mário Quintana, Érico Veríssimo. A capital gaúcha orgulhava-se de possuir, com o nome de Livraria do Globo, uma empresa que, sendo também editora, era capaz de ombrear-se em importância à José Olympio e Civilização, no Rio, ou à Brasiliense e Nacional, em São Paulo. Sob a entusiasmada liderança do seu proprietário e editor Henrique Bertaso, apresentaria ao Brasil autores como James Joyce,

Marcel Proust, Virgínia Woolf, Balzac e Somerset Maugham, contando com um elenco de tradutores da dimensão de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz, José Geraldo Vieira e Mario Quintana. A realização do IV Festival Nacional de Teatro Amador confirmava essa pujança.

Paschoal Carlos Magno havia reunido um time de notável expressão para compor a Comissão que iria julgar o desempenho dos grupos. E a revista *Manchete* repercutia nacionalmente a importância do encontro nomeando os integrantes: Joracy Camargo, vivendo a eterna fama de autor da peça “Deus lhe pague” que ajudara a consagrar Procópio Ferreira; Glauce Rocha, de olhar triste, e pele quase translúcida de tão branca; o poeta e crítico Walmir Ayala, baixinho, cabelo impecavelmente penteado e discreta elegância, à *coté* da artista plástica Silvia Charell, de quem mais parecia um neto. A atriz Laura Suarez, a desfilar um retardatário ar de Prima Dona e dona Lucy Bloch, distinta e muito vistosa em sua beleza madura, representando Adolfo, o marido e proprietário da revista que fazia a cobertura do festival. Também o crítico Sábado Magaldi, que não recorro de ter visto, e os escritores Dinah Silveira de Queiroz, Josué Montello, e Hermilo Borba Filho, os dois últimos igualmente fora do alcance de minha memória naqueles dias agitados.

Mas havia também entre seus componentes uma impressionante figura de mulher, que revelava uma eternidade de sofrimento no olhar mortiço. Parecendo sempre alcoolizada, acabaria despertando comentários perversos em

alguns de nós sem que soubéssemos seu nome. Nos anos oitenta, já residindo em Natal e lecionando Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, volto à reportagem da revista que cobriu o festival, revendo a cópia que me havia sido mandada de Fortaleza por Maria José Melo. E tomo um grande susto. Uma das fotos na qual ela aparece com outros membros da comissão revelava sua identidade: era Patrícia Galvão, que vinha se dedicando com empenho ao movimento teatral em Santos, onde morava. A surpresa com a tardia descoberta não foi maior que a tristeza de ver naquela senhora a representação angustiada de quem fora um dia a bela Pagu. Embora não tenha sido eu o único a não se dar conta da sua presença, hoje lamento a juventude e a ignorância. Como foi possível, tendo-a diante de mim não poucas vezes naquela semana, não lhe pedir o obséquio da palavra, uma foto, um autógrafo que fosse para exibir pelos corredores acadêmicos como troféu único? Chego mesmo a me perguntar se a presença da autora de *Parque Industrial* não teria tido alguma influência na atribuição de um prêmio que, contrariando todas as expectativas o TEAM acabou ganhando. O caso, bastante curioso, merece explicação. Com sua reconhecida impetuosidade, já parecendo esquecido do episódio do Rio, Paschoal Carlos Magno – que se dirigia ao grupo dizendo sermos filhos de ricos salineiros, e nos chamando de “Mossoró elegante”, por conta de nossos ternos e *tailleurs* – lideraria pessoalmente, como logo veremos, um movimento para modificar o Regulamento do certame, criando o prêmio de “melhor conjunto estreante”, que

afinal seria atribuído ao TEAM. Penso então se não teriam pesado o caráter de denúncia social do nosso espetáculo e a nossa juventude, naquele prêmio capaz de evocar o passado de militante comunista daquela mulher, agora voltada à atividade teatral?

A propósito do ânimo contestatório então reinante, lembro-me da sessão solene de abertura do festival, ocorrida no superlotado auditório da Reitoria da UFRGS. Uma informação dada pelo cerimonial de que o governador Brizola não estaria presente, causou intensa frustração logo traduzida em ruidosas manifestações de protesto. Na mesa que conduzia a sessão, as autoridades exibiam natural constrangimento. Pareciam incomodados o comprido e esguio Ministro da Educação, Oliveira Brito, o Reitor da universidade gaúcha, o Secretário de Educação que devia representar o governador, o Embaixador e a sra. Lucy Bloch. Tudo não passou de rebate falso. Caminhando a sessão para o seu final, o líder gaúcho surgiu em pessoa. Entrou triunfalmente e, como era do seu feitio, colhendo aplausos demorados, proferiu o flamante discurso que dele se esperava.

Retornemos ao sábado, o dia do encerramento e da nossa apresentação.

O auditório do Teatro São Pedro, lotado, pareceu comover-se já na cena de abertura do espetáculo de Mossoró. Tião e Maria, fugindo de uma chuva torrencial na madrugada do morro chegam ao precário abrigo do barraco, em cujo piso dorme o moleque Chiquinho, que eu interpretava. Saindo de um agitado sonho, percebo a presença dos dois e

com eles começo um alegre diálogo. Entra Otávio xingando os pelegos que não desejam a greve. E, finalmente, Romana para pôr as coisas em ordem, lembrando que todos precisam dormir. Do palco, sentíamos a energia que começava a dominar a plateia, projetando-se sobre nós, sem parar de crescer. Tantos anos passados, ainda reponta na memória um vendaval humano que tomou conta da cena, ao ser dita a última fala, não permitindo sequer que agradecêssemos os aplausos entusiasmados. Reaberta a cortina, nos vimos agarrados, sacudidos, beijados, sob a óbvia liderança do Embaixador, que tentando se equilibrar num dos caixotes da discórdia (aqueles da saída do Rio), discursava sem ninguém ouvir. Uma comoção que acabaria sendo uma espécie de *gran finale* para aquele encontro, cujo anúncio da premiação ocorreria à tarde. E o prêmio antes mencionado, decidido no calor daquela manifestação, não seria o único, nem mesmo o principal reconhecimento a nossa encenação de “Eles não usam black-tie”. Maria José Melo, uma das atrizes fundadoras do TEAM, foi escolhida como a melhor de todas as amadoras brasileiras do IV Festival Nacional de Teatro Amador, por sua antológica interpretação de Romana, coisa que ninguém julgava possível, após a performance de Lélia Abramo na legendária encenação do Arena. Ocorre que, movimentando-se como uma fera aparentemente mansa pelos quatro cantos do minúsculo barraco, sem lhe faltar picardia e recursos irônicos, Maria José simplesmente dominava a todos, abusando da prosódia mossoroense assimilada da mãe Anita de quem reprodu-

zia o tom escrachadamente naturalista do falar. E, embora se valendo apenas da intuição, teve também momentos de distanciamento como o proposto pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht em seu teatro pedagógico/revolucionário. Acabaria superando atrizes que viriam a se tornar estrelas da cena dramática e televisiva brasileiras: Dina Sfat, Regina Duarte, Lilian Lemmertz e Yara Amaral, (esta, numa interpretação memorável de outra mãe, em *Os fuzis da Senhora Carrar*, de Brecht). Até uma já consagrada atriz paranaense, Lala Schneider, não menos impressionante como uma das torturadas personagens de “Hui-Clos” de Sartre.

O fato de ser na vida e na arte um adolescente revelava a curiosa coincidência de ser também o irmão caçula da personagem interpretada por Kiko. Não mereci prêmio algum. Em compensação fui tietado nos deslocamentos dos ônibus do festival por uma loirinha aluada, obviamente por me confundir com o moleque cantante e folgado, à margem dos fortes problemas do barraco, preocupado apenas em namorar Terezinha. Com seu discreto estrabismo, a insuspeitada fã – que nem sabíamos propriamente o que estava a fazer ali – jactava-se de exibir “o melhor joelho do festival” usando saias minúsculas num tempo em que Nara Leão mal começara a popularizá-las no Brasil após a inglesa Mary Quant as espalhar pelo mundo. Protagonizamos cenas de bulinação explícita nos deslocamentos dos ônibus que nos conduziam para o Teatro São Pedro, o restaurante universitário, os alojamentos, sobrando-me ao final piadas e recomendações de moderação para não tirar a atenção dos motoristas.

Em nenhum dos dias daquela viagem deixou Laurinho de se comunicar telegraficamente com Meira Pires e com o pai. Vibrando como uma criança o velho Lauro monitorava como podia os nossos passos, dando conta da ansiedade pelo nosso retorno. Porém, tivemos de atrasar: na vigésima quinta hora cogitou-se de outra apresentação nossa para homenagear Porto Alegre e o seu povo pela acolhida ao festival. Acontece que o corre-corre com vistas à divulgação dos nomes vencedores, o afã dos amadores na preparação da viagem de retorno e, sobretudo, o problema de pauta no Teatro São Pedro carecendo recuperar-se daquela invasão e ocupação amadora revelou inviável tal ideia. O Embaixador não se deu por vencido. Queria porque queria divulgar nosso trabalho. E arrumou pauta extra no Teatro Nacional de Comédia, no Rio, criando a chance de satisfazer a curiosidade explícita de inúmeros conterrâneos ali residentes, entre os quais Vingt-Un Rosado, na Presidência do Instituto do Sal, e o irmão Dix-Huit, que tendo ocupando confortável cadeira no Palácio Monroe – agora desativado- parecia manter ainda uma base carioca. Logo se conseguiu a passagem para que o próprio Guarnieri viesse de São Paulo. Não o vi senão brevemente, o tempo de com ele trocar umas poucas palavras, o que não me impede de registrar sua enorme generosidade. O caso é que terminado o espetáculo fui, na companhia do meu irmão Alderi, deixar tia Inacinha em sua casa, da rua São Francisco Xavier, onde dois anos antes me recuperara de uma cirurgia. Sem demonstrar preocupação em perder a última ponte aérea, o autor de “Eles não usam

black-tie” não arredou pé do Teatro Nacional de Comédia enquanto o ator adolescente não retornasse ao teatro. Não admitia embarcar de volta, sem completar o agradecimento feito individualmente aos demais. Teria de esperar também para ficar sabendo da reação da crítica mobilizada por Paschoal para ver o espetáculo dirigido por Wilson Maux. Não deve ter ficado triste se leu os comentários de Henrique Oscar, José Maria Monteiro, Luíza Barreto Leite, Barbara Heliodora nos vários jornais que então circulavam. Em *O Globo*, 3-2-62, um homônimo do ex-Reitor Geraldo Queiroz, tomado pelo entusiasmo, chegou a afirmar que se a peça do autor paulista não fosse conhecida, aquela nossa apresentação teria tido “impacto semelhante ao de ‘A Compadecida’ (sic) de Suassuna quando apresentada pelos amadores de Recife, no Festival organizado pela Fundação Brasileira de Teatro”.

Não é difícil imaginar que fomos recebidos de volta como verdadeiros heróis. Cortejo de carros e bicicletas, rojões, banda de música, discursos. Chave da cidade, por desnecessário, não houve. Mas aconteceu a inevitável recepção na ACDP para a qual – como de hábito – contou-se com a efficientíssima colaboração de William Gurgel, nosso primo doidinho e alegre erotômano, festeiro como ele só, na distribuição dos convites. E continuamos, durante mais algum tempo, usufruindo os doces resultados daquela grande comemoração iniciada no encerramento do festival em Porto Alegre.

Ainda com ar adolescente, porém tendo adquirido algum traquejo de palco, sentia-me apto a participar de outras experiências. O meu irmão galã havia concordado em tentar a vida no Rio de Janeiro e fui escalado para atuar em uma nova peça: “Esquina Perigosa” do autor inglês J.-B. Priestley. Um cearense magro e simpático que revelava uma deformação num pé ao caminhar – a quem Lauro Monte Filho se afeiçoara desde o festival anterior, aquele de “A Raposa e as Uvas” – foi convidado para dirigi-la. Não consigo lembrar se à época alguém chegou a notar o detalhe curioso

de que no interior de sua identidade civil, estava o nome daquela animadora açuense que fora decisiva para a consolidação do TEAM. Chamava-se ele José Maria Bezerra de Paiva. Mas, ao invés de usar o nome comprido e pouco artístico, decidira-se por uma marca de fantasia: B. de Paiva, homenagem explícita e charmosa a um diretor de cinema, Cecil B. de Mille, que brilhava em Hollywood à época, com seus filmes espetaculosos. O nosso novo diretor, revelando trato ameno além do inegável talento, desenvolveria conosco natural afinidade. E até tinha ainda outra credencial, que só valorizei na justa medida quando me tornei professor de literatura: era sobrinho-neto do escritor Manoel de Oliveira Paiva, que se ligara ao grupo responsável pela criação em Fortaleza da Padaria Espiritual, movimento literário voltado às ideias simbolistas, que repercutiu nacionalmente, no século XIX. Algumas das belas páginas de Pedro Nava em *Baú de Ossos* são dedicadas a enfatizar o fato de também ele, o memorialista famoso, ter tido um tio padeiro: Antônio Sales que foi, aliás, não apenas um dos líderes do movimento, mas, durante muito tempo, o cuidadoso guardião de um romance do tio do nosso diretor, cujo texto teve capítulos publicados na *Revista do Brasil*. Até que Lúcia Miguel Pereira o lançou integralmente, em edição póstuma: o belo *Dona Guidinha do Poço*.

Favorecido pela magia do teatro, saí de um barraco de favela diretamente para os salões da aristocracia londrina, tornando-me um lorde sem caráter, na encenação de “Esquina Perigosa”. Com aquela peça, o espectador

mossoroense pôde conhecer a engenhosa carpintaria teatral de que o dramaturgo e crítico inglês tinha ótimo domínio, fruto, talvez da familiaridade com os intrincados enredos de romances policiais tão apreciados na cultura britânica. Eram estonteantes as idas e vindas da história em que todas as personagens apareciam como possíveis suspeitas de um crime que nem sabiam propriamente qual fora, nem, claro, quem o cometera. O autor utilizava-se com competência do recurso do *flash-back*, misturando planos e ações; criava versões conflitantes e obrigava o espectador a manter-se em permanente e tensa expectativa de um desfecho impossível de prever.

Ao se aproximar o dia da estreia, um problema apresentou-se como sério desafio: o fato de eu não dispor de um smoking para compor o tal black-tie com que agora apareceria em cena. Outro traje social não tinha além do simpático terno negro com o qual chegáramos a Porto Alegre. E tendo em vista a ambientação requintada e elegante da nova peça – as personagens mostrando-se elegantemente vestidas – não poderia me apresentar já se vê, com uma vestimenta plebeia enquanto os demais iriam aparecer em traje de gala. É quando entra em cena Nestor, garantindo a B. de Paiva, que iria conseguir um smoking para eu vestir. Ninguém duvidou que o fizesse. Afinal, o TEAM era para ele religião e família. E, de fato, parecíamos ser uma extensão da sua, já então desfalcada do irmão Edson, morto em acidente aéreo como lembrou Francisco Fausto em suas memórias. Havia ainda Eduardo é, verdade, seu outro irmão,

e as irmãs Margarida, Maura e Maury. Mas as duas últimas também tinham sofrido perdas terríveis: Maura, a do marido Analino, um simpático empresário morto da forma mais absurda atingido por uma bala que tinha outro destinatário. E Maury, que ficara viúva do médico Almir de Almeida Castro, homem de gosto requintado, orgulhoso proprietário de uma baratinha revestida de madeira, que brilhava ao sol de Mossoró em ocasiões especiais, sobretudo naquelas em que, pessoalmente, transportava a Miss Brasil em visita à cidade. Um infarto fulminante o derrubara.

Com seu alegre poder de convencimento, Nestor conseguiu que Maury emprestasse ao TEAM a roupa de gala com que o falecido doutor Almir costumava participar de casamentos e outras festas de gala da alta sociedade mossoroense. E às vésperas do ensaio geral chegou trazendo o smoking impecavelmente engomado. Tornei-me, deste modo, herdeiro insuspeitado – embora transitório – daquela vestimenta tão importante. E pude me apresentar trajado com toda a prosápia, como se pertencesse à elite londrina na encenação de “Esquina Perigosa”, na qual, aliás, acabaria protagonizando sem querer uma situação bizarra. É que, acuado diante de insinuações a respeito da má conduta da personagem que interpretava, eu devia reagir segurando pelas abas o smoking do lorde acusador – um comprido e magro bancário, também locutor de nome Airton Duarte – fazendo-o girar e bruscamente sentar numa poltrona para, quietinho, escutar minhas razões. Fazíamos o movimento com boa sincronia, após ensaiar exaustivamente. Num dos

espetáculos, obedecendo a rígida marcação do diretor, após confrontar meu colega que, aliás, parecia um remanescente da colonização britânica na Índia, cabia-me sentar justamente na cadeira da qual ele se levantara. Não suportando a violência da cena anterior, ela quebrara uma das pernas, mantendo-se firme quase por milagre. Tive o cuidado, claro, de concentrar meu peso na beirada do assento. O problema é que já convocado para novo entrevero deveria pôr-me de pé, em seguida. E aconteceu que a panturrilha da perna direita fez levíssima pressão contra o assento agora trípede. A modernosa poltrona tomada de empréstimo a Móveis Lindomar virou num movimento de câmara lenta, parando fora da marca. Obscena. Com as pernas restantes para cima.

Mas devo dizer que mesmo com os pequenos acidentes, aquele ano tinha tudo para ser inesquecível: o novo espetáculo do TEAM renovava o orgulho mossoroense; cerveja e uísque continuavam sendo servidos de forma generosa nas comemorações; líamos com entusiasmo as reportagens que a imprensa publicava sobre a Revolução Cubana; visitávamos as pensões do Alto Louvor; e nos emocionávamos com os dramalhões de Arturo de Córdova e Libertad Lamarque nos filmes da Pelmex, que o Caiçara exibia quase semanalmente. Sem falar que a seleção brasileira de futebol, campeã do mundo há quatro anos, repetiu a conquista naquele 1962, com inesquecíveis atuações de Garrincha. Mas a grande novidade para nós, mossoroenses, era mesmo a instalação de mais uma empresa radiofônica na cidade: a Rádio Rural. Animada pelo bispo Eugênio Sales, e também incluindo

Natal e Caicó, a ideia pedagógico-evangélica pautava-se pela experiência colombiana, transmitindo aulas pelo rádio e também orientações ao homem do campo. Com isso, passava a lidar abertamente onde já atuavam frentes pedagógicas da esquerda com as campanhas de alfabetização popular “De pé no chão também se aprende a ler”, e a experiência de Angicos, (ambas balizadas pelo método criado por Paulo Freire) e também interferia na questão agrária que as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião espalhavam pela região.

Vindo da mesma pátria da qual viera um dia Maria Bezerra, chegara a Mossoró para coordenar as ações de implantação e dirigir a nova emissora, um padre com notável vocação de liderança: Américo Simonetti. Alto, corado, óculos de grossa armação, sempre montados no nariz fino, a voz clara e potente, vinha para ficar. E logo cuidou de preparar o funcionamento da Rádio Rural, buscando conquistar também uma fatia da audiência que contemplava o segmento jovem, com a febre da Jovem Guarda e – além do jornalismo – animava os finais de tarde com mensagens para a área rural, tendo um apresentador chamado Seu Mané granjeado então grande popularidade. Era algo novo na disputa entre as Rádios Difusora e Tapuyo. Pragmático, sem adiar decisões, padre Américo encomendou cursos de preparação de pessoal, a começar dos locutores. E anunciou-se uma seleção. Parecia uma chance de ouro para um jovem ator de aparência assim-assim, curso ginásial completo, quite com o serviço militar, com experiência teatral, que lhe

assegurava noções de como respirar bem, exercitar a dicção, projetar a voz, usar boas inflexões, etc. Fiz curso e concurso. E fui reprovado. Num exercício de autocomiseração planejei uma retirada para o Rio de Janeiro, convencido de que havia sido vítima de um complô. E utilizei-me, para convencer os de casa, de uma informação do otimista incorrigível Laurinho. Ainda excitado com os êxitos de Porto Alegre, ele me estimulava, dizendo que havia bolsas para interessados em estudar a arte teatral na capital do agora Estado da Guanabara. Que a informação era do próprio Paschoal Carlos Magno, com certeza o responsável pela atribuição das mesmas.

O animador maior do amadorismo teatral no Brasil, também autor de um belo romance de cunho biográfico, *Sol sobre as palmeiras*, tinha forte presença física impressionando com seu porte de senador romano. Era elegante, tinha olhos claros, e uma cabeça magnífica, de larga calva, com discreta cortina dos cabelos restantes nas laterais. E uma boca cujos vincos se acentuavam em pequenos esgares que precediam os comentários irônicos que fazia com evidente prazer. Assim podemos admirá-lo na bela foto de Carlos Furtado feita numa de suas passagens por Natal. Sua história de vida estava definitivamente associada ao amor pelas artes e especialmente pelo teatro, que costumava assistir como adido à Embaixada brasileira em Londres, durante os anos da Segunda Guerra Mundial. Gostava de rememorar as não poucas vezes que assistira fascinado a apresentações artísticas no cenário da cidade devastada

pelos bombardeios, comovendo-se ao lembrar a força do povo londrino o qual, sem perder a sensibilidade, emergia dos abrigos antiaéreos após a chuva de fogo para assistir a programas de música erudita em meio aos escombros. Terminada a guerra e retornado ao Brasil, voltara-se generosa e definitivamente ao amadorismo teatral, tornando-se aí Embaixador muito mais eficiente que na carreira diplomática, propriamente. Assim, esperava revê-lo e com ele conseguir a bolsa que me aliviasse a frustração.

Em casa, além da informação que Laurinho poderia confirmar, eu argumentava que tinha como ficar arranchado no Rio: naquele mesmo apartamento da Rua do Russel, onde Alderi continuava morando. O único problema era o deslocamento. Passagens aéreas eram como artigos de luxo por essa época. E seguir de ônibus para Estado da Guanabara estava fora de cogitação, por demorado e oneroso, com as refeições do trajeto. Sem nada fazer para impedir que eu fosse o meu pai não parecia disposto – como havia acontecido três anos antes – a patrocinar tal viagem. Ainda mais agora que, tendo desistido da aventura carioca e retornado a Mossoró, Kiko havia assumido a padaria. Dispondo apenas da parca aposentadoria e uns poucos alugueis como rendimentos, o velho Juvenal não queria saber de despesa extra. Viagem pro Rio... Ora, ora! Só se eu estivesse doido. Nesse caso com certeza haveria de me acudir, pois, como disse no livro anterior, doença em qualquer dos filhos era coisa que o deixava desnordeado. Mas, nessa hipótese, nem haveria necessidade de sair do Estado. Bastava me levar

amarrado para Natal, já que Mossoró não tinha manicômio nesse tempo. Por que eu não ia estudar para um concurso do Banco do Brasil?

Decidido e contando com poucas ajudas da minha mãe, do próprio Kiko e de Ninha, viajo a Natal, imaginando conseguir vaga num dos aviões da FAB que saíam com destino ao sudeste partindo de Parnamirim. Muitos migrantes recorriam por essa época à aeronáutica na tentativa de chegar ao Rio de Janeiro ou São Paulo. Havia porém, fila de espera, e eu teria de aguardar meses até conseguir uma vaga. Deu-se que conversando com meu irmão Deífilo, que mais uma vez me hospedava, soube que o jornalista Calazans Fernandes, trazido por Aluízio Alves tornara-se o novo Secretário de Educação, ao substituir Grimaldi Ribeiro que havia deixado o cargo para disputar uma vaga na Câmara Federal. Meu irmão poeta ponderava: Calazans é uma figura estranha. Usa uns paletós esquisitos, (não creio que à época, ao menos em Natal, os chamássemos de *blazers*), e tem um topete arrogante. Mas é culto. Com certeza gosta de teatro. E o que é mais – lembrava com natalense ironia – provém do Oeste. Mossoró não é a capital do Oeste? Por que não tenta um contato com ele? O fato de eu haver aceitado a provocação não me surpreende tanto quanto Calazans não ter criado dificuldade alguma para me receber. A Secretaria de Educação, àquela época, funcionava onde um dia existiu a residência do governador Antônio de Souza: a Vila Potiguar, casarão olhando para a Praça Pedro Velho, a poucos passos do local aonde Djalma Maranhão iria construir o chamado Palácio

dos Esportes. Lembro-me da sala, de aspecto grave, o birô de madeira escura, por trás do qual pude ver a imagem de um homem parecendo contrafeito por me receber. Temeroso, sentei-me na cadeira por ele indicada e fui explicando meus motivos. Exibindo seu já conhecido ar *blasé* ele me ouvia sem nada dizer. Servi-lhe a salada julgada infalível: o TEAM, o festival de que participara em Porto Alegre, a peça de Guarnieri, bolsa de estudos, Paschoal, hospedagem garantida, a dificuldade de dispor de uma vaga na FAB e antes que me faltasse o fôlego lembrei-me de dizer que tendo nascido em Mossoró, tornara-me próximo de outros conterrâneos do alto oeste, supondo até que seus primos: a professora Ida e seu filho Gilson. Minha nervosa desenvoltura deve tê-lo convencido. Sem fazer comentário e até dando a impressão de que esperava que eu mesmo percebesse que a audiência já havia ultrapassado o tempo por ele julgado razoável, o Secretário chamou um auxiliar e mandou que providenciassem uma passagem aérea para eu chegar ao Estado da Guanabara. Apenas de ida. Na volta eu me virasse.

Passar bem.

Tão logo me vi instalado na Rua do Russel, tratei de ir ao encontro do Embaixador. Obedecendo ao horário que fora marcado, dirigi-me ao imponente prédio do MEC, o mesmo que havia proporcionado grande notoriedade a Niemeyer e à equipe de que também fez parte Lúcio Costa antes da criação de Brasília. A contemplar os vãos gigantes-cos, ângulos e curvas, o painel de azulejos de Portinari, a escultura de Bruno de Giorgio num dos pátios, tive noção da insignificância de minha missão ali. Antes de subir ao sexto andar, demorei-me caminhando entre os pilotis, por onde o poeta Carlos Drummond um dia brincou de esconder, em trajes de burocrata, numa sequência tão breve quanto anto-lógica do documentário de Fernando Sabino e David Neves.

Após percorrer uma ala interminável, guarnecida de lambris escuros com intervalos de janelas envidraçadas, entrei numa sala e fui levado até Paschoal Carlos Magno, que ali se encontrava em provável disponibilidade concedida pelo Itamarati, integrando, segundo penso, um Conselho de notáveis. Certamente preocupado em me deixar à vontade, saudou-me sorridente com a expressão “Mossoró elegante”, a sugerir que não esquecera aquela nossa passagem no fes-

tival famoso. Porém, mal iniciamos a conversa, tratou de desenhar o equívoco da decisão que eu havia tomado. Para começar esclareceu que não havia bolsa alguma. Tudo não passara de um mal-entendido, sonhos de uma manhã de festival. Aquilo era coisa para a Europa. No Brasil, não havia. Claro que ficava preocupado com o fato de eu vir de tão longe e com propósito tão sério e por isso lamentava. Mas o fato é que a tal bolsa não havia. Agora: se o que eu desejava mesmo era fazer teatro, poderia me encaminhar para contato com um grupo carioca que, em Botafogo, estava realizando um trabalho semiprofissional com bons resultados, nele incluindo a valorização de autores e atores novos ou desconhecidos. No dia seguinte, levando uma breve carta de apresentação por ele assinada fui eu bater à porta do Teatro Jovem, cujas atividades ocorriam num prédio arrendado a uma entidade religiosa denominada União das Operárias de Jesus. Ficava no Mourisco, e dispunha de um pequeno auditório, tendo as paredes negras decoradas com belos cartazes de espetáculos nacionais e estrangeiros. O mesmo espaço se tornaria referência na valorização do samba, com a temporada de “Rosa de Ouro” dois anos depois, tendo à frente Kleber Santos e o poeta Herminio Bello de Carvalho e reunindo Aracy Cortes, Clementina de Jesus, Nelson Sargento, e jovens sambistas como Paulinho da Viola e Elton Medeiros num espetáculo antológico.

Minguado de corpo e possuidor de um crânio recoberto por vasta cabeleira negra o diretor do Teatro Jovem, Kleber Santos, enxergava o mundo valendo-se de uns óculos enor-

mes escanchados no pequeno nariz, e parecia ter entre os dedos de uma das mãos um cigarro permanentemente aceso. Sob sua liderança, o grupo que ali atuava iniciara de fato uma série de encenações exitosas. De uma ele não parava de lembrar: “Aconteceu em Irkutsk”, peça do russo Aleksei Arbusov. Nela havia se destacado uma jovem atriz chamada Irene Ravache, também escalada para o espetáculo que estavam a ensaiar quando cheguei, do qual, contrariamente à peça anterior, nem ela nem os demais pareciam gostar. Logo me vi integrado ao grupo, dando-me uma confortável segurança o fato de Santos ser admirador, demonstrando nisso especial carinho, da dramaturgia de um autor piauiense Francisco Pereira da Silva, do qual já havia encenado duas peças. Chico, como todos o chamavam, era uma espécie de Ariano Suassuna que não lograra se tornar famoso certamente por sua timidez.

Aquele trabalho em regime de cooperativa não visava ao lucro, e eu tinha de me virar já que da minha estratégia de sobrevivência no Estado da Guanabara constava a necessidade de comer algo que no minúsculo beréu da Russel conjugava-se apenas em sentido figurado e incluí uma ida diária ao Calabouço. Quem, vivendo no Rio de Janeiro no início dos anos 60, frequentou aquele gigantesco e mal cuidado galpão público, próximo ao Aeroporto Santos Dumont, atuou no mesmo cenário onde em 1968 – num confronto dos estudantes com a polícia – morreria o jovem Edson Luís e deve lembrar que para ali convergiam, juvenis ou não, fomes de todo o Brasil. Era o meu caso. Diariamente, após receber do meu

irmão Alderi uma importância que hoje equivaleria a um ou dois reais, eu saía em busca do rango consolador. Depois de enfrentar uma fila quilométrica, chegava ao balcão no qual, diante de imensas panelas fumegantes, homens e mulheres quase sempre negros vestidos de branco, profissionalmente risonhos e suarentos, serviam bandejas com a comida chilra: bifes da espessura de papel, arroz anêmico, meia dúzia de carochos de feijão preto, animados pelo cheiro do louro, duas ou três finíssimas rodelas de tomate e pepino borrifadas de vinagre e azeite. E um pouco de leite servido num recipiente de papel, em forma de cone invertido, enfiado em suporte de plástico. Tipos os mais estranhos animavam aquele ambiente de atmosfera carregada cheirando a comida fervente, bodum, cigarro e revolução. O barulho de vozes, bandejas, talheres e cadeiras entrechocando-se ou sendo arrastadas chegava a assustar. E os assuntos altissonantes eram o futebol e a política. Neste último ressaltando o ódio devotado a Carlos Lacerda agora governador.

Naquele ambiente de pura excitação distribuía-se um jornal intitulado *O Metropolitano*, publicado pela União Metropolitana de Estudantes, a UME. O seu editor cultural era alguém que eu conhecia: o poeta e crítico de artes gaúcho Walmir Ayala, o mesmo que integrara a comissão julgadora do festival em Porto Alegre. Abrindo espaço para jovens estudantes que produziam algum tipo de literatura, a publicação fez repontar em mim o sonho de ser poeta. E fui ao seu encontro, não no Calabouço, (não creio mesmo que houvesse redação ali) mas num café que ele costumava

frequentar na rua Araújo Porto Alegre, diante da Associação Brasileira de Imprensa, bem no centro do Rio. Além de sua grande produção intelectual e do incentivo aos novos na publicação, Ayala dava outras cotidianas lições de generosidade. A mais grandiosa delas era assistir o romancista Lúcio Cardoso cuja trajetória de escritor fora interrompida por um derrame cerebral. Compunha uma equipe de anjos, que, sob a coordenação da memorialista Maria Helena, irmã do autor de *Crônica da casa assassinada*, mantinha alguém sempre ao seu lado. Com o festival de que ambos havíamos participado ainda animando conversas, dispôs-se a não apenas me ouvir, mas acolher e publicar no suplemento que editava duas baboseiras líricas que ainda mantinha comigo. Na precipitação da vaidade, logo remeti a Mossoró o exemplar d'O *Metropolitano* que as havia publicado. O entusiasmo do meu irmão José, foi comovente, levando-as a um xará colunista no *Diário de Mossoró*, José Jaime, que as reproduziu. Felizmente não houve pessoa que além deles notasse. Restou a sensação de tempo desperdiçado. Não voltei a reencontrar o poeta. Nem lembro se agradei. Sei que não o fiz aos Josés pelo que tardiamente me penitencio. Menos mal que a literatura salvou-se daquele despropósito.

Porém, não seria apenas de decepções e projetos frustrados a temporada carioca. Dela ficaram momentos que vão e que vêm agradavelmente à memória. Pude ver de perto e até conviver com figuras extraordinárias: o já mencionado Chico Pereira da Silva, o notável cenógrafo Anísio Medeiros, Marie-Louise Nery, Fernando Lébeis, cantor e pesquisador

do folclore. E atores e atrizes de grande talento: Dirce Migliaccio – lembrando Giuletta Masina com o seu inigualável *timing* de comediante – a citada Ravache e João das Neves, que fez história no CPC da UNE. Foi ele, aliás, quem criou o bispo na pequena obra prima que é “O vaso suspirado”, peça de um ato que o autor piauiense destinou ao Teatro Jovem. Virgínia Valli – veterana convocada do Tablado de Maria Clara Machado – e a mesma Dirce, importada de São Paulo, criaram então beatas impagáveis a disputar como feras ensandecidas a relíquia que o prelado utilizara em seu desarranjo intestinal. Nessa encenação, como um dos seminaristas que o auxiliavam na visita pastoral atribulada, tive direito a três ou quatro falas tendo como colega uma curiosa figura: João Damasceno. Jovem, simpático e cardiopata. Não era ator, mas tinha credenciais: ser sobrinho da cantora Nora Ney, a qual inundara de ternura e mistério minhas noites de criança em Natal – sendo nessa condição primo da Miss Guanabara, Vera Lúcia Maia – e torcer pelo Clube de Regatas do Flamengo.

Na companhia de Damasceno vivi uma das maiores emoções da minha vida, ao assistir ao Fla x Flu, que encerrava o campeonato de 1963. O prélio – como então se dizia – mexia com os nervos da torcida excitando rubro-negros como nós e José Lins do Rego, e tricolores como Nelson Rodrigues e Moacyr Cirne. Antevendo as dificuldades, combináramos chegar ao estádio por volta das catorze horas, o jogo começando às dezessete. Ocorre que outros milhares de torcedores haviam tido a mesma ideia e já ocupavam

cada centímetro das enormes arquibancadas. Logo constatamos o risco de despencar, empurrados pela gigantesca onda humana que fazia um vai-e-vem assustador. Por isso, buscamos salvação no espaço que, com o nome de geral ainda existia no Maracanã. Aproveitamos o surto psicótico de um sujeito que, aos gritos e encontrões, abriu um buraco na maré humana que não parava de fluir em sentido contrário, mesmo já tendo começado o jogo. Uma vez chegados à geral, em meio à multidão que de pé revelava força simbólica capaz de ultrapassar os limites de qualquer imaginação, nos sentimos seguros e até pudemos acompanhar partes do jogo cujo desenrolar nos preocupava. Por trás do gol do lado de cá, assistíamos ao assustador bombardeio tricolor. Escurinho e Valdo, velozes e perigosíssimos, não davam trégua abastecidos por cruzamentos perfeitos de um quase menino Carlos Alberto, o mesmo que sete anos depois levantaria no México a para sempre desaparecida taça Jules Rimet. Ocorre que Marcial, um goleiro que o Flamengo havia contratado do Atlético Mineiro, neutralizava os ataques com uma frieza que, longe de tranquilizar, nos apavorava. E assim foi até o final. O zero a zero, que nos garantiria o título de campeões, não evitava que tivéssemos a atenção desviada aqui e ali para outro espetáculo: o arremesso de bebuns do alto das arquibancadas. Alguns, com graciosa vocação equilibrista, davam lindos passos descendentes sobre os que conseguiam manter-se sentados, até parar em algum improvável pedaço do cimento banhado de cerveja, vômito e urina. Não mais vi meu colega terminado o jogo e a temporada. Nem sei se

suas coronárias resistiram a outras emoções como as daquela tarde. Os números (menos os do placar final) foram impressionantes. E o público de então continuará sendo até a eternidade o maior já reunido em qualquer evento esportivo estadual. Penso que mesmo nos eventos disputados pelo mundo a fora, todos ainda sem estádios que se aproximassem da dimensão do Maracanã. Foram contadas ali 194 mil pessoas. 177 mil das quais, incluídos os seminaristas da peça, tinham comprado ingressos. Considerando-se a aritmética carioca aplicada aos eventos esportivos, mais de 200 mil pessoas presentes. Não será demais lembrar, que a população de Natal era então de 162 mil habitantes.

Mas outras emoções ainda estavam reservadas para mim na aproximação do final de 1963. Por exemplo, a pioneira encenação brasileira de “My Fair Lady”, com Bibi Ferreira, no Teatro João Caetano. Ou a festa da qual participei (nos altos de São Conrado?, Alto da Boa Vista?, no Joá?) na mansão de uma mulher de estranho nome, Pomona Politis, jornalista do *Diário de Notícias*, que fora casada com Thiago de Melo. Nós, do Teatro Jovem, em meio a uma multidão de granfinos, não nos surpreenderíamos se déssemos de cara com o senhor Gatsby. E o que dizer do aperto de mão do franzino e sempre sorridente bispo Hélder, que, com alegria e frágil voz, comandava a realização da Feira da Providência no Rio de Janeiro? Juro que não irei exibi-la para lembrá-lo, como fez o conterrâneo Dix-Huit, sobre o cumprimento trocado com Mao Tse-Tung. Mas o momento de fato me tocou: o bispo e a população tentando reunir meios

para urbanizar uma favela em pleno Leblon. E a doação daquele terreno, segundo tardiamente sou informado por Mr. Google, fora obra de um potiguar: o presidente Café Filho.

Aquele tempo de surpresas traria uma noite ao Teatro Jovem um senhor discreto, muito branco e completamente calvo, a exhibir espesso bigode e terno de burocrata. Vinha para o ensaio geral do novo espetáculo que o diretor decidira chamar “Todo Mundo Ri”. Se para nós era uma presença intimidadora, também ele não escondia seu desconforto. Mas de nada reclamou. Não fez um corte sequer. E quem era esse homem? Um senhor de nome Augusto. Augusto da Costa. Que havia sido beque direito do Club de Regatas Vasco da Gama – o legendário Expresso da Vitória – e da malfadada seleção de 50 e integrava agora os quadros da temida Polícia Especial do Rio, desempenhando a função de censor. Por lembrar sua figura, vejo também ressurgir na memória outra passagem marcante daquela temporada: o contato com o sambista Luiz Soberano autor de um clássico: “Não me diga adeus”. Acompanhamo-lo no mutirão para colar cartazes com a enigmática frase que dava nome ao espetáculo composto de duas peças em um ato: “O vaso suspirado”, de Chico Pereira da Silva, e “A Ocasão desfaz o ladrão”, de Flávio Migliaccio e um entreato musical do cantor folclórico Fernando Lébeis. Por pouco não paramos na cadeia. Com o nevoeiro político se adensando, a direita reagiu mal-humorada ao que parecia ser uma provocação.

O ano acabaria com duas estreias rigorosamente especiais. A primeira, da peça “O Círculo de giz caucasiano”, de Bertolt Brecht, dirigida por José Renato – o mesmo que, sem saber, fizera indiretamente parte da nossa história com a encenação do Arena. Uma didática montagem do texto traduzido por Manuel Bandeira, no teatro que me dava alegres recordações: o Teatro Nacional de Comédia. O dramaturgo alemão transformara um episódio bíblico em pura pedagogia levando o espectador a discutir sobre o direito agrário, com a óbvia premissa de que a terra deve caber a quem dela cuida. Inesquecível a cena em que, vitoriosa a revolução, a rainha fujona (que largara o filho, preferindo salvar as joias), e que era interpretada por Margarida Rey, volta anônima e tenta retirar do círculo de giz desenhado no chão, a criança que fora cuidada pela camponesa Grucha. O juiz Asdak, Alberico Bruno, qual Salomão que se excedera nas comemorações da vitória, aplica a justiça garantindo a posse da criança à camponesa ao perceber que esta, não querendo machucá-la, lentamente dela se desprendia enquanto a verdadeira mãe buscava retirá-la com toda a força do círculo de giz. Uma multidão de atores trabalhava naquele espetáculo, mas ainda é fácil lembrar Francisco Milani, e um potiguar: Rofran Fernandes, amigo querido da poetisa Hilda Hist que anos depois, viria a Natal dirigir um espetáculo sobre Augusto dos Anjos com o hoje falecido Sérgio Dieb no papel principal.

Outra importante estreia foi a do filme “Vidas Secas”, numa adaptação do romance de Graciliano Ramos por

Nelson Pereira dos Santos. Assisti àquela exibição, reconhecendo em cada personagem um irmão forçado a largar a terra, e não pude evitar o choro silencioso e intermitente na gelada sala de exibição do Cine Metro, na Cinelândia. A intensa luz solar, o gemido interminável do carro de boi e o chão crestado por onde se moviam as personagens desgarradas eram apelo telúrico, um chamado da terra, como no poema de Zila Mamede. E o drama retirante fez aflorar uma sensação da qual jamais desconfiaria: considerar-me uma espécie de estrangeiro no Rio. De repente pareceu-me inútil ter frequentado o primeiro ano do curso clássico da MABE na rua do Riachuelo, haver trabalhado com o grupo do Mourisco, engolido a boia do Calabouço. Com o angustiante sentimento do desterro, encontro um dia o conterrâneo Esdras Alves que parecia coordenar um programa de assistência aos estudantes necessitados, em trânsito pelo Rio ou desejando voltar aos seus Estados. Sabedor de que ele iria estar na UNE, endereço que conhecia muito bem até por localizar-se ao lado da sede velha do Flamengo numa breve distância da Glória – bem próximo, portanto, de onde morava – busquei informar-me se o programa em que atuava incluía a concessão de passagens. Sentia-me à vontade para fazê-lo, pois, se não chegávamos a ser amigos, eu o conhecia dos tempos do Colégio Santa Luzia e sabia que sua origem era a mesma região da qual chegara o Secretário Calazans. Não demorou e eu estava com o bilhete que, como o outro, garantia apenas um trecho, mas me dava o direito de entrar no Viscount da VASP cujo nariz apontava na direção da minha terra.



A Mossoró que comovido revi, após minha temporada carioca, pouco havia mudado. Minto: havia mudado, sim. Estava bem visível a intenção de embelezar o centro da cidade lançando mão da “arquitetura moderna” que ali chegara não com o arrojo do prédio do MEC, claro, mas sacrificando lindas fachadas de casas que ainda remanesciam dos primeiros anos do século XX. Eliminavam-se histericamente os adornos *art nouveau*, restando agora uma sucessão inexplicável de linhas retas e ângulos antipáticos. Já no plano educacional as informações sobre o ensino superior começavam a circular. Falava-se, por exemplo, da Faculdade de Ciências Econômicas, que surgira no início da década sob a liderança de João Batista Cascudo Rodrigues, embora desde os anos 40, fosse um sonho dos contabilistas da União Caixeiral, que até chegaram a criá-la. Mas acabara ficando no limbo até que durante os anos JK/AA, uma temporada de projetos resultantes da SUDENE – ou de acordos com estados americanos, com o estabelecimento de cavilosa Aliança para o Progresso – colocasse em circulação palavras como planejamento, projeção, estratégias, ajudando a ativar a ideia de que a cidade precisava de profissionais com esse perfil.

Com tal espírito surgiu a Faculdade de Ciências Econômicas – FACEM, dando início ao ensino superior na cidade, tendo se instalado depois ao lado da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, olhando a pracinha minúscula. O prédio da nova escola homenageava um homem e seu nome estranhíssimo: Epílogo de Campos, que então ocupava a Divisão de Ensino Superior do MEC. Mossoró jamais ouvira falar dele, o que não impediu que ficasse perpetuado na fachada do edifício, certamente como um agradecimento ao apoio dado para sua construção. O mesmo Cascudo Rodrigues, contando com o aval do então prefeito Raimundo Soares animaria o surgimento de outras faculdades que logo passariam a compor a nascente Universidade Regional do Rio Grande do Norte – depois Estadual – o que me levaria adiante a iniciar um curso de Ciências Sociais, onde encontrei um grupo alegre e irreverente, formado por, entre outros, Conceição Maciel, Luíza Maria, Felipe Caetano.

O TEAM havia encenado mais uma peça: “O beijo no asfalto” de Nelson Rodrigues, sob a direção do mesmo B. de Paiva. Com a escolha desse texto reafirmava-se a postura corajosa do grupo. Sem exhibir propriamente perfil ideológico ou se preocupar em bater de frente com o *establishment*, o TEAM e seus integrantes sempre deram a impressão de fazer teatro divertindo-se com as mazelas e maus hábitos da sociedade jamais dissociando o lado de entretenimento da possibilidade de chocar setores da chamada burguesia da minha terra. Com extrema dignidade encenou-se a situação bizarra sugerida pelo autor de *Vestido de Noiva*: nas vascas

da morte, como se dizia antigamente, um atropelado roga ao moço que se aproxima tentando socorrê-lo, o consolo de um beijo. Na boca. E disso resulta um espetáculo de mal-entendidos e sadismo patrocinado pelo ânimo destruidor do repórter sensacionalista, que chega ao local rápido como um raio e, sem piedade amplifica a inusitada demonstração de solidariedade. Chantageado, o improvável samaritano Arandir e sua família acabam protagonizando mais uma tragédia carioca.

Mossoró que foi a primeira cidade nordestina a encenar a peça não ficou chocada. Talvez porque, embora continuando radical em questões político-partidárias, já convivesse razoavelmente com o avanço das diferenças. Ainda apelidados de marical, corruptela que substituía o antipático maricas, (só bem adiante é que seriam utilizados os designativos bicha, veado, boiola ou baitola) nossos homossexuais, especialmente os provindos das camadas mais humildes, atuavam na cena social, com razoável nível de tolerância, divertindo as pessoas com o seu jeito de falar, o molejo do corpo, os ditos chistosos. Pelo menos três deles adquiriram grande popularidade: o negro Chico Meia Noite, feio e magro, boca murcha sem dentes, óculos-fundo-de-garrafa e uma carapinha arrumada em trunfas, era cria e serviçal na casa de Raimundo Jovino, a mesma onde um dia serviram banquete ao candidato Getúlio Vargas e que hoje hospeda a Reitoria da Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Debochado e alegre, Chico desfilava pela cidade com ares de quem fazia questão de revelar a condição homossexual.

Outro era Raimundo Sacristão, o eterno gerente da Sacristia da catedral, do qual já falamos. E um terceiro, que também marcou época na cidade, foi o esfuziante Mister Bráulio, um mulato ainda jovem, fornido de corpo, com sua roupa muito justa e andar picado, calçando mocassins, o qual, sem jamais revelar mau humor, administrava competentemente o atendimento aos senhores respeitáveis da cidade que, devidamente acompanhados, costumavam divertir-se nos bordéis em que ele trabalhava como garçom nas noites do Alto Louvor.

A cidade dialogava com todos numa divertida convivência. E nós os víamos passar – menos o gerente eclesiástico – diante da Padaria Santa Rita, no desfile que costumeiramente faziam pela Meira e Sá, caminhado sob ruidosas saudações. Do balcão podíamos adivinhar sua aproximação, anunciada pelas réplicas bem humoradas que dirigiam aos que os provocavam para se divertir. Quanto aos que provinham de famílias abastadas, é certo que também havia. Mas a respeitabilidade de classe os isentava de riscos e cobranças embaraçosas. Eram apenas diferentes. Mossoró com eles se divertia respeitosamente. Ninguém os tratava com o epíteto de maricais se me lembro bem.

Mas se o clima dava a impressão de convivência amena nessa área, o mesmo não era possível dizer-se no tocante à política, com o risco crescente de embates entre capim e fulô, sob uma atmosfera estranha que toldava o clima fazendo surgir provocações e atritos. Esse aguçamento eu já notara antes mesmo da viagem ao Rio e a ele acrescentava-se agora uma

beligerância que se transmitia nacionalmente e não parava de crescer. Para nós, que um dia acreditamos serem possíveis as reformas propostas pelo governo Jango, parecia um escárnio, acompanhar o radicalismo municipal e estadual, que não apontava para qualquer renovação e saber que um radicalismo maior se sobrepunha às questões provincianas.

Eu me tornara nesse retorno ainda mais próximo do primo *José Gurgel* da Silva Melo, o Jotagê, companheiro do TEAM e como eu remanescente do valoroso Círculo Cultural Machado de Assis. Nossa convivência reforçava-se com os encontros noturnos com outros amigos sempre à noite e que ocorriam em dois momentos: o primeiro sob a morticida luz de um poste no canto da Praça Rodolfo Fernandes, diante do Cine Pax. Era ali que costumávamos iniciar, na curiosa rotina de observar as pessoas que chegavam para ver que filme haviam programado para exibição, enquanto apreciávamos o cruzamento dos poucos carros, as muitas bicicletas da cidade. Além de ficar cubando as meninas que passavam sem considerar nossa presença porque éramos um grupo de feios, muito embora fizéssemos questão de exibir nossa modesta elegância, vestindo camisas volta-ao-mundo, fumando cigarros baratos, alguns calçando alpercatas ou tênis, o que, aliás, flagrantemente conflitava com os padrões de elegância do Jotagê. Aquela atividade de assumidos aprendizes de *vitelonni*, críticos iniciantes do regime, encerrava-se quando, iniciada a sessão no Pax, Luiz dos jornais começava a recolha da boia. Saíamos, então, para a segunda etapa, na outra praça, a da Catedral onde

logo iria esplender, entre prédios tristes e amesquinhados, outro cinema, construído pelos Rosados para homenagear um infante que não teve tempo de ser político: o Cid. Havia ali um modernoso coreto – pequena arquibancada em meia lua – que parecia estar sempre disponível para nós. E ficávamos horas esquecidas, a espalhar ironia e maledicência, sem poder esperar da vida mais que a perspectiva de um novo dia e seu horizonte ácido, enquanto tartarugas enormes e lerdas nadavam no tanque circular que igualmente não mais existe. Com a principal igreja da cidade a vigiar silenciosa, contávamos piadas, falávamos de filmes vistos e livros lidos, e de algum crime do Alto Louvor. E fazíamos duros comentários sobre a política local, o cenário conturbado do país, ou sobre a falência de alguma grande empresa, como a FITEMA – Fiação e Tecelagem de Mossoró S/A – que um dia orgulhou a cidade. E até mesmo a respeito dos sempre projetados concursos pro Banco do Brasil. Não havia então muitos moradores no entorno, embora continuasse a ocorrer o encontro de final da tarde na calçada do Monsenhor Mota – já encerrado quando chegávamos – reunindo grupos de matizes variados, pessoas que iam lá dentro buscar as próprias cadeiras, as quais o velho vigário-prefeito, acomodado na sua, de balanço, abençoava com a fumaça do inseparável charuto. O velho Ginásio Diocesano Santa Luzia, onde estudaram Deífilo Gurgel e colegas que posteriormente se tornaram governadores ou reitores – desativado e lembrando timidamente, com o nome de uma gráfica, um empresário benfeitor da diocese – ainda guarnecia o lado

esquerdo da praça, com sua arquitetura simplesinha, sem desconfiar que alguns anos adiante seria demolido para dar lugar a um horroroso prédio de agência bancária. À nossa direita, um hotel que o charme governante decidira batizar com o nome de Esperança Palace – hoje transformado em Câmara Municipal – havia sido inaugurado durante o governo Aluísio Alves, no terreno onde um dia existiu um dos mais imponentes casarões da cidade, o do comerciante Delmino Freire. Seguiu-se o sobrado onde passou a funcionar a Rádio Rural, colado à casa já citada do Padre Mota. Nas amorosas descrições do memorialista Obery Rodrigues, há o registro de que nesses arredores existiu, em priscas eras, um café famoso: o Botijinha, do eterno cafeísta Raimundo Soares de Brito a reunir políticos, comerciantes e intelectuais. Já no tempo de que dou esse testemunho, vi ali funcionar – na esquina que abria a rua Rodolfo Fernandes – a sorveteria que a prima Landinha, filha do tio Josa e casada com Dodoca de seu Caboco Lúcio, ignorando a fórmula do Gelado de Ervatan, que o pai concebera, instalou aproveitando a inauguração do novo cinema.

Ninguém parecia, pois, incomodar-se com a irreverência do grupo na Praça Vigário Antônio Joaquim, que, mal iniciava seus trabalhos, via-se enriquecido com a chegada de três Luízes: o Aquino, o Mauro e o de Quinino, que esbanjavam humor e ironia cortante. Não demorava e surgia, com seu vozeirão de barítono, a figura de Judas Tadeu, dando notícia do nascimento de algum filho. E vinha também Hildeberto, Bel de seu Ribeiro, destilando fino humor. E

mais ainda: Rogério Xavier e Neto de Moisés. E os irmãos Fifica e Tarcísio Falcão. E havia ainda outros mais que, ou pela pressa de chegar em casa ou por desinteresse sobre o assunto em pauta logo passavam. Mas a animação da assembleia crescia de intensidade, toda vez que chegava o advogado Uziel Santiago, voz de baixo e discurso gongórico. Se considero a presença fraterna daqueles amigos na assembleia, a figura de Santiago merece relevo por ser o único negro que dela participava com regularidade. Atuara na política estudantil e se tornou advogado. Até havia se metido em política partidária, com pelo menos uma tentativa para se tornar vereador. Provinha do Açú segundo me disse um dia Tadeu. E tinha medo de sapo. Do olhar frio e calculista do batráqueo, justificava-se. O seu conterrâneo Chaguinha – meu contemporâneo do Santa Luzia – tempos depois me deu outra informação importante: Santiago era primo do cantador Chico Traíra.

Naquela Mossoró que sempre se orgulhou de ser abolicionista, poucos eram os remanescentes da escravidão que logravam adquirir alguma visibilidade social com inserção no mundo dos brancos. Se bem me lembro, era tímida a presença da raça entre os colegas do Colégio Santa Luzia, parecendo ser exceção a figura de um garoto de grandes recursos atléticos – e também grande jogador de futebol – que, igualmente oriundo do Açú, parecia não se incomodar com a alcunha de Chico Lamparina. Era Francisco de Assis Cosme, na identidade civil, o qual viera para o internato do colégio na mesma época que os irmãos Chaguinha e Edgar

e também Antônio de Pádua, nosso bravo Padiola, goleiro da 4ª. Série, um mulato claro, sempre de bom humor. Se não me falha a memória, só muito raramente passava de passagem por nossa assembleia um garoto negro chamado Damião, que, chegou a se ensaiar como amador de teatro, participando conosco de uma peça num grupo que adiante criaríamos, quando iniciamos o curso de Ciências Sociais. Também chegou a tentar a Literatura para a qual não revelava talento, nele remanescendo o sofrimento da raça. Havia ainda seu Mané, analfabeto assumido o qual, com sua bela voz, divertia a tarde dos ouvintes rurais pela emissora dos padres e abastecendo as piadas urbanas ao ler os recados dos moradores dos ermos. Ficou famoso o transmitido à dona de uma propriedade distante, pedindo para que não esquecesse de prender o garoto, quando na verdade Seu Mané devia ler a palavra garrote, a quem deviam trazer de volta para pernoitar no curral. O certo é que vivendo em guetos de pobreza, raros, bem raros eram os remanescentes da escravidão que adquiriam alguma visibilidade em espaços de brancos na terra que sempre se orgulhou da abolição. Era o caso também já referido de Maria (Mãe) Preta e sua filha a professora Francisca. Uziel era, pois, alguém especial no contexto humano de minha cidade. Consciente da sua inteligência, jamais perdia a chance de exibi-la, não parecendo importar-se se alguém o considerava arrogante. Fazia uso frequente da ironia e de palavras castiças com que ilustrava os discursos, aos quais não faltavam brocardos, provérbios e citações latinas tal como costumeiramente fazem os ad-

vogados. Um estudo sóciobiográfico que lhe ressaltasse a força do talento tonitruante, a ironia, o humor, sua sede de justiça, sua grandeza humana, afinal, faria um grande bem à consciência negra e à história cultural de Mossoró.

J á o ano de 64 atingindo o seu primeiro trimestre, com o teatro e a política continuando assuntos obrigatórios no nosso dia-a-dia, soube de algo que me deixou curioso. Tendo dirigido uma sucessão de peças em Mossoró, B. de Paiva informou a Lauro Monte Filho que o Ceará planejava (nós, mossoroenses, nos referíamos assim às coisas da outra capital) comemorar os 400 anos de Shakespeare. Que ele, Paiva, pretendia dirigir um espetáculo grandioso em Fortaleza, com guarda-roupa e cenários caros, muitos atores e atrizes. E completando a informação – vendo o peixe pelo preço da fatura, tal como se dizia em Mossoró e Areia Branca – falou entusiasmado sobre a grande admiração que B. de Paiva, dizia ter pelo nosso trabalho e da boa impressão que lhe ficara daquela cínica performance de dois anos antes, quando interpretei o escroque com o smoking do morto. Sabedor do meu retorno do Rio, considerava a oportunidade de me aproveitar na tal comemoração. A informação, por si só já me deixava envaidecido, mas poderia ter morrido ali, não fosse por um acréscimo singular e inquietante feito pelo mesmo Lauro: o diretor, pensava em encenar o *Hamlet*. E lhe dissera – tchan-tchan-tchan-tchan! – que

havia possibilidade de eu ganhar o papel. Ora, para alguém abarrotado de expectativas e curiosidades, pronto a exercitar o seu tarcisismo em qualquer parte, (mesmo desconfiando da existência de muito mais coisas entre o céu e a terra, do que nossa filosofia poderia dar conta), nada mais natural que ir tirar a limpo aquela história. Ao menos para que não viesse a me arrepender por não haver tentado. A recente experiência da bolsa do Embaixador havia me colocado sal na moleira. Mas não custava ir ver in loco. Meu ânimo viajor justificava a aventura: Fortaleza, afinal, ficava bem ali, bastando passar o Boqueirão do Cesário e Mecejana.

No dia 1º de abril de 1964, coisa de cinco horas, se bem me lembro, caía um sereninho indeciso antes do quebrar da barra quando embarco num ônibus em Mossoró na companhia do Jotagê que visitaria a irmã atriz, já esquecida do Prêmio de viagem à Europa conquistado em Porto Alegre. Agora casada, Mazé iniciava uma longa e vitoriosa carreira no Banco do Nordeste, o BNB, junto com o marido Ivon, que conhecera ainda em Mossoró. Sem querer acreditar no noticiário nacional, o Jotagê e muitas outras pessoas haviam passado a noite anterior ouvindo notícias sobre o que ocorria no Brasil, os rádios sintonizados em emissoras estrangeiras como a BBC de Londres e a Rádio Central de Moscou. Ficaram todos sabendo do golpe militar que derrubou o presidente constitucional João Goulart. Quando o ônibus deu partida já estávamos certos de que se esfumara o sonho das reformas por ele propostas. Ideia não tínhamos do que estava por vir. Lembro-me de que quase não conversamos

naquela viagem. Apenas, ruminando nossa frustração, fumávamos sem parar gemendo versos das músicas aprendidas com o pessoal da encenação de “Os Fuzis da senhora Carrar”, na viagem de Porto Alegre.

Não houve *Hamlet*.

O projeto do espetáculo mudara-se em uma encenação que reuniria trechos de peças do gênio inglês. Acolhido pelo diretor e pelos novos colegas fui escalado para fazer um Romeu, digamos, pouco zeffireliano. Minha inalcançável Julieta, postada num dos camarotes próximos do palco entre tules e samambaias era Tereza Bitencourt, a esposa do nosso diretor, bailarina com formação clássica, que dirigia o corpo de baile do teatro oficial com seu forte sotaque carioca. Fizemos a famosa cena do balcão. Cá de baixo, o Romeu mossoroense a destilar seu lero-lero amoroso ao som de aves madrugadoras, enquanto Tereza, coitada, respondia do camarote devidamente customizado – como se diz nesta segunda década de século – para simular uma varanda de castelo em Verona. Mas quem esteve na plateia numa daquelas noites da breve temporada, certamente não se arrependeu, pois, além daquela pôde ver cenas de *Macbeth*, *Sonhos de uma noite de verão*, *Otelo*, *O Mercador de Veneza*, do *Júlio César*, e, até do próprio *Hamlet*, porém neste caso com um ator chamado José Maria Lima. Residindo há anos em Fortaleza, onde era muito admirado por outras performances teatrais, tinha aquele ator outra singularidade que nos aproximava: também havia nascido em Mossoró. Ou seja: entre ser ou não ser, de fato não fui. Mas o papel acabou

ficando em casa como orgulhosos poderiam dizer nossos conterrâneos. E, afinal, não me cabia mesmo lamentar. O movimento teatral era tão rico na cidade que até havia um grupo denominado Comédia Cearense (óbvia versão cearense da famosa companhia francesa) ao qual logo me engajei passando a fazer parte de um elenco mais ou menos fixo, para montagens que se sucediam no Teatro José de Alencar.

De imediato estabeleceu-se uma boa camaradagem entre mim e meus colegas cearenses. E não havia nisso novidade, pois, como outros conterrâneos que ali residiam, eu simplesmente fizera movimento inverso ao de incontáveis nativos do Ceará para minha cidade (especialmente os oriundos de Sobral), desde o começo do Século XX. Um intercâmbio entre potiguares e cearenses que, aliás, parecia ter começado bem antes, ainda nas páginas coloniais, quando Martim, cruzando os mares da ficção romântica veio dar às praias da terra de Alencar, iniciando arenga amorosa com Iracema. Naquele ano de 1964, entre os mossoroenses que se destacavam na cena local, estava uma diáfana Dalva Stella, admirada professora e integrante do excelente Coral da Universidade. E no plano empresarial, o talentoso contabilista Edmilson Moura, que, atento à sacada comercial que enriquecera o apresentador Silvio Santos, ali instalara uma fábrica de redes (com o óbvio nome de Mossoró – redes Mossoró), comercializadas através de pagamento mensal, o comprador fidelizado por um carnê bancário. Vendeu tanto, os clientes atraídos pelo baixíssimo valor das parcelas, que chegou a patrocinar programa na TV Ceará, com prêmios

e tudo o mais. Não surpreendia, assim, a sensação de acolhimento um quê de familiaridade logo estabelecida. E me acostumei a circular pelo edifício do Teatro José de Alencar, de bela arquitetura e com impressionantes estruturas metálicas, mandadas vir da Inglaterra. Pelo enorme palco no qual B. de Paiva reinou serenamente, durante bem mais de uma década, também havia passado no final do Século XIX o arquiteto mineiro, Herculano Ramos, o qual, conforme registrei no livro *Belle Époque na Esquina*, participara do projeto e montagem da área destinada às apresentações. Trazido a Natal pelo então governador Alberto Maranhão, comandou depois a primeira reforma do teatro ainda chamado Carlos Gomes, participando decisivamente do processo de modernização e aformoseamento da ainda provinciana capital.

A história do encenador, cuja convivência em Mossoró e o entusiasmo laureano me haviam estimulado a vir, tinha sido marcada por desafios, grandes dificuldades, justificados êxitos. Jovem, ainda, B. de Paiva trabalhara com Valdemar Garcia, figura icônica do teatro cearense que cheguei a conhecer envelhecido, ruminando antigas montagens, humilhado definitivamente pelos novos tempos. A presença de um enorme bócio fazia crescer sua tristeza de esteta. Depois, associou-se com Haroldo Serra, Marcus Miranda e outros colegas, criando o Teatro Experimental de Artes. Teve de se deslocar em seguida para a capital da República, onde passou por tratamento doloroso e prolongado tentando livrar-se de uma ulceração num dos pés. Após curar-se teve seu nome de jovem talentoso reconhecido no meio teatral

do Rio de Janeiro, com a ajuda daquele mesmo Paschoal Carlos Magno, que o acolheria para trabalhos no Teatro Duse. E voltando a Fortaleza, com Haroldo Serra criou a já citada Comédia Cearense, que movimentou a arte teatral no Ceará como jamais acontecera antes. Cumprida uma etapa de grandes realizações dramáticas e pedagógicas voltou outra vez ao Rio, onde dirigiu uma escola de teatro oficial no prédio da antiga UNE. Posteriormente, retomou a direção – numa montagem que marcou época, tendo como protagonista Glauce Rocha, além de participar como ator em vários filmes, até se fixar em Brasília, onde igualmente tornou-se referência. Octogenário, voltou de vez à cidade na qual nasceu.

A convivência com aquele homem de teatro, deu-me a oportunidade de confirmar sua extraordinária capacidade de imantar temperamentos. Lembro-me, por exemplo, das reuniões que de hábito ocorriam nos jardins do José de Alencar, antes de começar cada ensaio noturno. Nelas podiam ser vistos, além do elenco, jornalistas, representantes da esquerda festiva e até notórios provocadores, nesse caso destacando-se um rapaz que, tendo o nome de Augusto, haviam apelidado de Morcego numa possível e divertida alusão à soturnidade de Augusto dos Anjos, autor de soneto famoso com o nome do hematófago. Talentoso, aquele jovem superlativamente estranho, pelo riso cabuloso, que aumentava a acidez dos comentários feitos, viria a se tornar depois figura marcante na publicidade e na música, chegando até mesmo a ocupar a Secretaria de Cultura do Ceará com sua

identidade civil: Augusto Pontes. Mas outras pessoas que participavam daquela Comédia Cearense eram de fato admiráveis: Aderbal Freire, que após mudar-se para o Rio de Janeiro e recuperar o Filho no nome, tornou-se um Diretor de expressão nacional, mantendo o mesmo riso tímido e reconhecida gentileza; José Humberto Cavalcanti, magríssimo e olhudo, o qual era considerado com o seu vozeirão o mais importante ator da terra; Hiramisa Serra, a talentosa esposa de Haroldo – ele também um excelente ator de comédias – à qual fui apresentado durante os ensaios de uma bela encenação de “O médico à força”, de Molière. Além de Lourdinha Martins, outra figura de destaque nesse período, que a todos cativava pela simpatia e comentários chistosos. Moça humilde, belamente brasileira, rosto redondo e voz clara e musical, era atriz naturalista à altura da nossa Mazé Melo ou Hiramisa Serra.

Posso dizer – sem receio de me equivocar – que aquela experiência cearense feita de gentileza, glamour e até um pouco de aperreio, acabaria sendo decisiva na minha formação. A partir da demonstração de grandeza de B. de Piva acolhendo-me fraternalmente e me levando, não poucas vezes, para fazer refeições em casa, um pequeno apartamento no bairro de Fátima segundo me parece. De tão pequeno não havia ali espaço aonde pudesse me abrigar e, por isso, passei a morar num camarim existente nos fundos do pequeno palco do teatrinho do Curso de Arte Dramática, que enfrentava interminável reforma. Constrangido, o diretor apressou-se em justificar a oferta, lembrando que nos tem-

pos da juventude também ele havia morado num camarim nos fundos do auditório da velha UNE.

O CAD, da UFCE, ficava localizado a alguns quarteirões do Teatro José de Alencar, em uma rua que levava, me parece, ao bairro do Benfica. Por trás do muro com grades a delimitar o pequeno jardim, começava o edifício propriamente, com a porta dando acesso ao espaço que seria destinado às encenações. Sem cadeiras e sem luzes, era caminho para o tosco alojamento que me cabia ocupar, num dos lados do palco onde se amontoavam tralhas de cena de mistura com cavaletes de madeira, sacos de cimento, pás e escadas. Para atingi-lo, eu caminhava penosamente pela área destinada à plateia. E tendo acendido a luz pendente do teto do palco, abria a porta do estranho apartamento. Já no seu interior, acendia outra luz e apagava a anterior para, finalmente, me encerrar no aposento para dormir na companhia de chapéus de mosqueteiros, máscaras de esgrima, floretes, escadas, refletores, tronos de reis assassinados e caixas de sei lá o quê.

Uma noite, noite de pesada chuva, voltando de um ensaio, encharcado por haver atravessado a pé aquela meia dúzia de quarteirões, tentei inutilmente despertar aos gritos o vigia para abrir o portão da entrada. Enquanto o temporal caía inundando as ruas e a alma, derreado na cadeira, ele parecia morto, embora roncasse num sono de pedra. Optei por uma solução extrema, nem de longe imaginando que podia ser confundido com um ladrão: escalei o muro e as grades e invadi o espaço da salvação, pondo-me ao abrigo do dilúvio. E pude penetrar no vão

do auditório. Movimentava-me cautelosamente, já que a primeira luz a ser acesa, como antes expliquei, pendia sobre o palco ainda distante. Devo ter dado uns dez passos, calculadamente, até a metade da sala, quando um barulho inesperado cortou o silêncio escuro:

- Sshhhh!

Sem alternativa que não fosse me movimentar tentando romper aquela súbita paralisação de terror – pois não poderia atribuir o chamado ao vigia, roncando no seu sono hiberna – prossegui caminhando com cautela na direção do palco e sem saber muito bem como, acabei atingindo meu objetivo. Localizado o ponto onde deveria encontrar-se a lâmpada pendente com seu interruptor, tratei de acendê-la, tendo o cuidado de não me deixar eletrocutar, molhado que estava até a alma. Ao dar o penúltimo passo tornei a ouvir apavorado:

- Sshhh!

E foi trêmulo de medo que pude perceber: ao flexionar um e outro pé, as sandálias de couro compradas no mercado de Mossoró, totalmente encharcadas, produziam um estranho chiado, silvo que o silêncio do comprido salão da plateia amplificava de forma assustadoramente nítida. Era o excesso de água da tempestade que as camadas de couro do solado esguichavam, produzindo o maldito efeito a cada pisada inutilmente cautelosa.

- Sshhhh! – fez outra vez a sandália do pé direito quando mudei a passada. E recobrei a confiança, abrindo finalmen-

te a porta do cubículo aonde iria me recolher, conseguindo acender a luz. Agora trancado e seguro, pude retribuir com uma nervosa irreverência, o sorriso que adivinhei por trás da máscara de esgrima pendurada na parede.

Mas pesadelos de uma noite de inverno não iriam abalar meu idealismo teatral. E até cheguei a ter a impressão de breve sucesso ao participar de um espetáculo da Comédia Cearense – “A Barragem” – de Guilherme Neto, um dirigente da TV Ceará. As emissoras de televisão ainda veiculavam produções locais. Com sua linda imagem em preto-e-branco, a tv dos Associados tinha um cast de estrelas: Gonzaga Vasconcelos, Renato Aragão, Emiliano Queiroz, Marcus Miranda (popularíssimo, com as alegres aventuras de uma personagem tipicamente cearense, o Pachequinho), Irapuan Lima, Ary Sherlock, Narcélio Lima Verde, Augusto Borges, além da cantora Ayla Maria, atração obrigatória nos musicais. Após curta temporada no José de Alencar, abriu-se um espaço para uma apresentação de “A Barragem” em horário nobre da programação. A versão televisiva foi um sucesso. E veio o sonhado reconhecimento. Conheci um brilhareco momentâneo, gloriola que reponta na lembrança com nostálgico bom humor.

Mas a temporada cearense proporcionou-me ainda a chance de trabalhar numa atividade na qual iria me profissionalizar anos depois: a de jornalista. B. de Paiva conseguiu-me um emprego no jornal *Correio do Ceará*, dos amigos Associados. Passei a receber uma grana regular para as refeições e fui morar noutra local: um pensionato no qual

reencontrei um companheiro do Santa Luzia: Carlito Meireles. No jornal associado que tinha uma versão dominical – o *Unitário*, lançado no início do século XX por João Brígido – trabalhei com um profissional intitulado Stênio Azevedo. Parece-me estar a vê-lo: sempre apressado, com seus paletós curtos e a indefectível gravata borboleta, pautando missões com sua vozinha meio infantil. O cabelo cortado à escovinha lhe dava um ar algo cômico, acentuado pelo bigodinho à Hitler e uma projetada barriga. O seu Departamento de Promoções atuava com uma pauta de rentável beleza: concursos de Rainha do Algodão, Miss Ceará, Miss Elegante Bangu. Não posso me queixar de haver aí atuado, quanto mais não fosse, pela chance de namorar ainda que brevemente uma Rainha dos confins de Canindé: garota cuja voz de aeroporto me deixou encantado já no primeiro contato telefônico. Mas esse ensaio jornalístico seria abreviado por um episódio singular: a entrevista que eu mesmo me pautei com a cantora Nara Leão. Numa tarde especialmente calorosa, ela, dentuça e linda, a exibir franja reluzente e minissaia, recebeu-me no Clube Náutico onde iria se apresentar, orgulhosa com o sucesso de sua interpretação minimalista de “A Banda”, de Chico Buarque. A entrevista ia bem. Mas ela resolveu passar um pito no jovem repórter quando lhe perguntei sobre o que, na pobre visão da esquerda parecia um sacrilégio: o irresistível crescimento da bossa nova nos EUA e o grande êxito de João Gilberto e Tom Jobim, remunerados em dólar pelo *show business*.



Farnesim é corruptela bastante usada no Nordeste, tendo como referência a palavra frenesi. Pode ser entendida como ânsia, ou algum sentimento indefinível que não deixa a pessoa quieta fazendo-a, no mais das vezes, recorrer a uma viagem – santo remédio para acalmar. Se o leitor associou um estado assim ao meu comportamento de jovem não estará completamente errado. Porque tenho de admitir: aquele ano em Fortaleza não foi suficiente para me estabilizar o espírito. Assim, tomei um ônibus para Mossoró, onde reencontrei minha família que a esta altura já parecia tranquila quanto à indefinição do caçula, até tendo arquivado os lembretes sobre concursos do Banco do Brasil. De volta a minha cidade, preenchi o tempo atuando em outra montagem do TEAM. Era a peça “Irene”, de Pedro Bloch, texto de qualidade apenas mediana, que B. de Paiva aceitara dirigir com uma certa relutância, quando eu ainda me encontrava em Fortaleza. Tenho pra mim, que, ao optar por aquele texto, e – quiçá tomando como modelo ligações amorosas que se desgastam com o passar do tempo – o diretor acautelava-se quanto a futuros assédios do TEAM. Na verdade – e uso o adjetivo desta feita em sua significação mais

costumeira – o diretor cearense desenvolvia uma atividade frenética, dividindo-se entre a Comédia Cearense e o Curso de Arte Dramática da UFCE, montando espetáculos simultaneamente e dando entrevistas, aulas, cursos e palestras. E a impossibilidade de ele se deslocar a Mossoró acabou obrigando o grupo a retroagir no tempo: como na época de “A Raposa e as Uvas”, teve de sair para ensaiar em outra cidade. Porém, agora, em deslocamentos semanais para Fortaleza. Eu, que vivia os últimos dias daquela estada, tinha apenas de aguardar a chegada alegre dos conterrâneos. Mas estreando o espetáculo que me faz lembrar Kátia Monte, (Irene) e sua avó, Ivonete Paula, além do grande Aduino Paula, em interpretações simples e comoventes, voltei a ajuntar mudas de roupa, livros e planos e – evoé 1965! – ganhei de novo a estrada. Larguei-me na direção de Natal, aonde, generosos e felizes reencontrei meu irmão poeta, e sua esposa Zoraide, demonstrando notável competência no atendimento à recomendação bíblica de crescer e multiplicar. A casa em que moravam, simpática e acolhedora, ficava numa pequenina rua do Tirol – a Ezequias Pegado – que começando na Hermes da Fonseca ia parar na base da duna. E era animada com a permanente movimentação das crianças Kátia, Carlos, (futuro escritor) Sérgio, Gardênia e Fernando, o futuro pintor. Essa doce agitação se reforçaria adiante com a chegada – intervalo de cinco anos! – de Cláudia, Alexandre, Marcelo e Ana Márcia. Já algumas pessoas, propensas e cotidianas – como diria o poeta José Bezerra Gomes – poderiam supor que o casal havia esquecido a recomendação bíblica.

Natal era por esse tempo uma pequena capital e mal passava da Corrente, posto de fiscalização rodoviária nas cercanias do gigantesco galpão de um importante polo de confecções surgido no início dos sessenta. No mesmo local onde hoje um grandioso shopping olha desconfiado para a antiga Escola Técnica, o IFRN. Pequena era a cidade, porém já exibindo vocação cosmopolita, herança dos tempos em que os Albuquerque Maranhão assumiram o poder republicano. As largas avenidas compondo o xadrez Tirol/Petrópolis, com nomes de presidentes republicanos (a começar de Deodoro até Hermes da Fonseca) cruzadas pelas ruas que homenageiam os rios do Estado, revelavam a avançada feição urbanística implementada com a criação do bairro de Cidade Nova, justificando o embelezamento recomendado pela Belle Époque, e se enfeitavam também com o plantio de árvores viçosas. Décadas adiante, com a presença americana na Base de Parnamirim, no tempo da 2^a. Guerra Mundial, Natal daria um salto na direção de coca-colas e slacks. E conheceria uma nova ordem de progresso com a chegada do governo Aluizio Alves, nos anos 60, disseminando ideias de planejamento que incluíam a criação de companhias estatais de energia, de telefones e de saneamento.

Alojado no pequeno quarto onde meu irmão costumava guardar seus livros, sentia-me seguro para enfrentar novos desafios. E para não perder o hábito, aceitei aquele de encenar um espetáculo com colegas de uma escola de Administração que havia sido criada pela antiga CNEG (Campanha Nacional de Educandários Gratuitos): a comédia “Toda

Donzela tem um pai que é uma fera”, do autor carioca Gláucio Gil que tanto sucesso fez no Rio, e que ganharia também uma encenação pelo TEAM em Mossoró. Posteriormente participaria de dois espetáculos marcantes. O primeiro, intitulado “Hoje tem poesia”, que seguindo modelo em voga – a colagem de textos, tal qual “Opinião” e “Liberdade, Liberdade” – buscava, no nosso caso, valorizar poetas e cronistas natalenses. Foi encenado no Teatro Alberto Maranhão e ficaram boas recordações daquela montagem e do elenco do qual fiz parte como Apresentador, tendo a companhia de Terezinha Iris, José Menezes e José de Souza, além de um jovem compositor e cantor areia-branquense, Mirabô Dantas, adorado pela intelectualidade natalense pós-golpe, o qual, acompanhado do seu ótimo violão, enriquecia a cena com composições suas. Recitávamos poemas e dizíamos textos em prosa de autores como Luiz Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Myriam Coeli, Paulo de Tarso Correia de Melo. Frederico Marcos fez dessa encenação, excelentes fotos aproveitando o claro-escuro que adensava o clima de dramático lirismo. O outro espetáculo, “O Caminho da Cruz”, encenava os passos da Via Sacra pelas ruas da cidade, tendo os próprios espectadores como figurantes. Neste, contracenei com Yedo Wanderley, José de Souza, Rui Lucena, Edson Lira e Guido Monte. Creio ter sido este o primeiro espetáculo a céu aberto no Rio Grande do Norte, modelo de encenação hoje adotado por várias cidades potiguares. O êxito, sobretudo do último, foi enorme. Houve quem, exageradamente, chegasse a falar em cinco mil pessoas a cami-

nhar pelas ruas da Ribeira e da Cidade Alta, acompanhando a pé aquela romaria dramática que atualizava a Paixão. O múltiplo Newton Navarro – que revelava especial talento para a dramaturgia – assinou os roteiros, ambos dirigidos por um notável ator açuense e *causeur* inimitável, o jornalista e boêmio Celso da Silveira, que era esposo de uma lírica com vocação de santa: Myriam Coeli. O prefeito Agnelo Alves, que administrou a cidade antes de ser cassado pela Ditadura, bancou as encenações.

Aproveitando o calor da casa onde fui acolhido e seguindo a orientação de Deífilo, fui me familiarizando com a Literatura e a Vida Literária de Natal. Mas, sem me descuidar da produção conterrânea que ele me indicava, lia com prazer Machado de Assis, Vinicius de Moraes, Anibal Machado, Carlos Drummond, Eça de Queiroz, e até James Joyce, do qual Deífilo possuía um exemplar de *Retrato do artista quando jovem*, publicado pela Livraria do Globo na festejada tradução de José Geraldo Vieira. Além disso, como certamente deve ter acontecido com outros milhares de leitores mundo afora, entre a emoção e o espanto, descobri também, naquelas silenciosas noites do Tirol, a literatura de Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Deste último, devo admitir, adiando a sofisticada recepção do livro mais famoso, o mesmo que levaria o poeta Nei Leandro de Castro a zelosamente organizar um pioneiro dicionário (*Universo e Vocabulário do Grande Sertão*), publicado pela Editora José Olympio, do Rio, com a finalidade de socorrer leitores neófitos, como eu. Contentei-me, então, com a

força narrativa de “A Hora e vez de Augusto Matraga”. Mas acabei fascinado mesmo foi com a estranha simplicidade de contos como “Uma Galinha”, da autora ucrano-recifense de estranho nome. Já a conhecia, tal como o próprio Rosa, das páginas de *Senhor*. Na casa de Deífilo descobri um pequeno exemplar simplesmente intitulado *Alguns Contos*, editado pelo Ministério da Educação e Saúde, em 1952, na coleção “Os Cadernos de Cultura”, contendo outros belos contos seus que apareceriam depois em *Laços de Família*, volume da Francisco Alves, que ele adquiriu Juntamente com *A maçã no Escuro*, na Livraria Universitária. Na livraria de Walter, como gostava de falar, talvez lembrando a velha Ribeira onde haviam atuado em polos distintos: o jovem livreiro – como o pai Ismael – na atividade que amava; Deífilo na tortura de um guichê do Banco do Estado de São Paulo.

Foi naquela casa da Ezequias Pegado que comecei a escrever pequenas histórias, das quais o meu irmão seria primeiro leitor, revisor e crítico. Demonstrava nessa tripla condição um traço de juventude que exibiu até o fim, reforçando-se na maturidade com as alegres descobertas de pesquisador da cultura popular. Declarando-se entusiasmado com os exercícios que ia lhe apresentando, decidiu me pôr em contato com intelectuais cujo senso crítico admirava e que poderiam – no caso de ele estar certo – ajudar a divulgar minha modestíssima produção: “vou lhe apresentar a Moacy. Um colega da Faculdade de Direito. Escreve bem, adora cinema e dirige um suplemento literário”.

- Moacy: esse é Tarcísio, meu irmão. Anda escrevendo uns contos... será que você podia dar uma olhada? – E me fez passar ao jovem crítico um conto com o título “Gabriel”. O futuro teórico dos quadrinhos, já exibindo uma calva precoce, mas ainda sem barba, fez-me acreditar que o que eu escrevera poderia ter algum valor, como insinuava meu irmão. Discreto naquele nosso contato, no final de semana publicou o conto inaugural no suplemento do *Correio do Povo*, jornal que Dinarte Mariz manteve por algum tempo, à época dirigido pelo jornalista-escritor Nilson Patriota.

Alguns dias depois, encontramos com o poeta Dailor Varela, que caminhava apressado, anjo tatibitate a atravessar a Avenida Rio Branco no rumo da Livraria Universitária. Os cabelos negros e encaracolados, o sorriso tímido e o olhar de menino assustado, não pareceriam definidores do jornalista de grande talento que já era – e que continuou a ser na imprensa de São Paulo – e do poeta cuja produção lírica era igualmente admirada por meu irmão. E deu-se a mesma recepção generosa de alguém jovem, que também ligado à vanguarda como Moacy Cirne (comemoraram-se no ano de 1966 os dez anos do concretismo) já editava o suplemento da *Tribuna do Norte*.

Liam-se jornais impressos em papel com grande interesse naquele tempo. E ter um texto assinado impresso em um deles, despertava natural curiosidade. Sempre muito bem informado, Deífilo sabia que o poeta Nei Leandro – já admirado por haver publicado dois livros *O Pastor e a Flauta* e *Voz Geral* – também apaixonado pela prosa de ficção,

encontrava-se finalizando a montagem de uma antologia de contos de autores potiguares residentes ou não no Estado. Não era o caso de?... Quem podia saber? Aconteceu que tendo lido os contos que haviam sido publicados no *Correio* e na *Tribuna* o poeta antologista ficara curioso e nos recebeu em sua casa. Cordial, mas sem deixar de se queixar pelas dificuldades na coleta para conclusão do seu trabalho, logo perguntou se eu não dispunha de algum conto inédito que pudesse incluir no livro que organizava. Algum inédito? A pergunta naturalmente me surpreendeu. Não. Não tinha. Mas, com insuspeitado atrevimento ponderei: se pudesse esperar, se me desse algum tempo... Tendo ele aceitado, vali-me da memória, não esta de que me utilizo agora – falha e esgarçada – mas a da infância mossoroense, épica e cheia dos mitos de heroísmo e resistência para escrever um conto no qual busquei ressaltar também a violência da injustiça contra os despossuídos em mil anos de solidão. E surgiu “A morte de Malaquias Lazarino”, que Nei acolheu e publicou em *Contistas Norte-Rio-Grandenses*.

Tal como as intermináveis conversas de calçada de antigamente, às quais sempre se acrescentavam um ponto, informo que aquele conto acabaria tendo curiosa trajetória. É que o seu mote me levaria a produzir dois roteiros teatrais sobre o mesmo tema: um primeiro para comemorar a resistência à entrada de Lampião em Mossoró, no cinquentenário do acontecimento – coincidentemente 10 anos após a publicação da antologia de Nei – a pedido do então Diretor do Centro Mossoroense de Natal, Jorge Ivan Cas-

cudo Rodrigues. Foi encenado num palco circular no leito da Avenida Alberto Maranhão, em frente à capela, sob a competente direção de Carlos Furtado. Sendo evento mossoroense – eis um dado curioso – acabaria encenado com o elenco de atores e atrizes da TV Universitária de Natal, grupo com o qual o citado Carlos já trabalhava. Quanto ao outro acabaria se tornando atração na grande festa popular denominada “Mossoró Cidade Junina”. Tendo em vista a repercussão da encenação anterior, a prefeita Rosalba Ciarlini entusiasmou-se com a ideia de voltar a encená-lo quando se completaram os 75 anos do episódio. O interesse tomou corpo nas conversas entre auxiliares na área da cultura, Isaura Amélia Rosado e Gonzaga Chimbinho, aos quais fez coro a vice-prefeita Cláudia Regina. Mas ninguém – nem o próprio autor – conseguia reaver o original anterior que parecia haver sumido no fragor dos tiros de festim que marcaram a encenação de Furtado. Com a comemoração prevista para junho de 2002, fui desafiado então pela professora Isaura Amélia a escrever um novo roteiro. E um pouco que repetindo o episódio anterior, dada a exiguidade de tempo, surgiu “Chuva de bala no País de Mossoró”, embutindo no título homenagem ao historiador Vingt-Un, pela iniciativa de elevar o status de nossa cidade. Encenado inicialmente como instigante sátira por Antônio Abujamra, o texto foi se enriquecendo com o entusiasmo dos nele envolvidos, ganhando consistentes montagens sob a direção de João Marcelino. Muito daquele conto está no espetáculo: o recurso do *flash-back*, a tensão crescente, a narrativa de

uma tragédia nordestina a paixão e morte de Jararaca por pouco não encobrando a resistência da população liderada pelo prefeito. A saga do cangaceiro, com um antropônimo ao qual acrescentei apelido tão comum, (remetendo a um tipo de espingarda de caça, mas também a pessoa de aspecto trigueiro) já se revelara fortemente imagética. Como se o roteirista iniciante, já se anunciasse ali. O ir-e-vir do texto narrado em blocos, paixão e morte de um sertanejo que se torna cangaceiro e que acaba capturado e trucidado pela polícia. Confesso que me senti orgulhoso de, antes mesmo de ter um livro de minha autoria publicado, aparecer numa antologia que reunia nomes como Newton Navarro, Peregrino Júnior, Homero Homem, José Bezerra Gomes, Afonso Bezerra, Manoel Onofre Júnior. Hoje raridade (quem estiver com o meu exemplar que me devolva!) o livro ganharia linda capa do contista e também pintor Navarro: um sol alaranjado esbatido sobre cactos negros no primeiro plano, e o título “Contistas Norte-Rio-Grandenses”, com os nomes dos autores na quarta capa.

Natal, que já me causara forte impressão das vezes anteriores, desvelava-se agora com grandes e duradouros atrativos. E sem resistência possível, fui me deixando envolver por um crescente processo de sedução admirando mares e dunas, sorvendo imagens, cheiros e sons, ora guiado por Déifilo, ora sozinho, ou com amigos que não demorei a descobrir. Desagradável a minha mãe, a cidade qual fêmea estendida entre o rio e o mar como a vemos no poema “Prefácio”, de *Romance da Cidade do Natal* – do mesmo Nei Leandro, dito por José de Souza no *Hoje tem poesia* – foi aos poucos se tornando amiga, logo uma amante a ser conquistada.

Tudo tinha então a aparência de festa. A luminosidade dos espaços abertos, o areal branco contrastando fortemente com o verde do Potengi e da vegetação do mangue, a vista do Atlântico que admirávamos da balaustrada de Petrópolis, nos levando a viagens imaginárias para todas as Áfricas. O abrir-e-fechar dos semáforos no Grande Ponto, com as pessoas caminhando em pequenas procissões; as pipocas japonesas cujo sabor restara da infância como o cheiro das maçãs argentinas vendidas por alegres camelôs na Avenida Rio Branco do Rex e do Hotel Avenida; a

Livraria Universitária; as imagens da cidade capturadas por Jaeci Fotógrafo. Já esquecida das notícias da guerra, eram as irreverências de João Machado, Celso da Silveira, Meira Pires ou Lilio comentando o último ABC x América – e já propondo apostas para o próximo – que dominavam o cotidiano no centro. E até um novo front urbanístico se desenhara na paisagem, como contraponto ao majestoso Hotel dos Reis Magos na Praia do Meio: a gigantesca Cidade da Esperança, conjunto habitacional pioneiro financiado com recursos obtidos da Aliança para o Progresso. Cada novo dia dava-me a sensação de que, sendo de Câmara Cascudo e Jorge Fernandes, de Auta de Souza e de Ferreira Itajubá, de Café Filho e do Padre João Maria, a cidade também poderia ser minha. Na boca da barra, a olhar a Redinha, o Forte dos Reis Magos testemunhando o emocionado encontro multissecular do rio com o mar. Pequena e lírica, uma lancha me transportava pelas águas verdes do rio para o lado da Redinha, na companhia de veranistas agitados e rudes embarcações. Caminhava eu por Alecrim, França e Baía. E até podia me demorar admirando os quadros expostos numa pequena galeria de artes que Paulo de Tarso e Iaponi Araújo instalaram como nome de Xaria, na lateral da pequenina praça em que ainda hoje o povo homenageia o Padre João Maria.

Se o dia era sábado – como apontavam as mil possibilidades do poema “O Dia da criação”, de Vinicius de Moraes – tendo ido ao Cinema de Arte e assistido a “Rocco e seus Irmãos”, de Visconti, com pouco dinheiro e muito apetite,

poderia chegar a um restaurante humilde, de estranho nome, Galinha de Mãe, num quintal das Rocas. E quando se fazia noite, iniciávamos um périplo amoroso a partir do Granada Bar. Primeiro, o Brisa del Mare, de Paula Frassineti, aonde chegávamos excitados pelo cheiro de maresia. Uma noite, fui ali apresentado – e dele me tornei amigo – a um sacerdote de nome Lucas, que perdoou os nossos malfeitos compartilhando uma cerveja gelada. Como num poema de Berilo Wanderley ou na canção famosa de Aznavour bebíamos nossa *jeunesse* até a embriaguez. E encerrávamos a noite invadindo o Wonder Bar, antigo palácio do governo na Ribeira, decididos a despachar com as raparigas no expediente da madrugada. Éramos um grupo: Moacy Cirne, Dailor Varela, (dos quais me aproximara sob as bênçãos de Deífilo, como já foi visto) e, por vezes, também o poeta Jarbas Martins que chegara, como o contrerrâneo mais famoso, do sertão lá do Cabugi.

Outros cenários de amizade foram se iluminando em celebrações explícitas quase sempre estimuladas por críticas à ditadura, nas quais reuniam-se atores e atrizes, poetas e seresteiros, pintores e funcionários públicos atingidos de algum modo pela opressão. O caso mais veemente o de Mailde Pinto, que no tempo de Moacir de Goes e do prefeito Djalma dirigira o Departamento de Cultura da SMEC. Era comovente vê-la e, sobretudo ouvi-la, serena, mas cheia de ódio aos militares golpistas, tendo como contraponto o violão de Mirabô. Noites dos saraus da Vila Flor, outrora casa dos Palatniks, segundo me informou o jornalista e es-

critor Woden Madruga. Era agora a galeria de Augusto Severo Neto e Lucinha Beltrão. Quase semanalmente íamos à velha casa na rua que começava na lateral do Colégio da Conceição e ali encontrávamos a cálida companhia de Nísia Bezerra, Irma Chaves, os Araújo Iaperi, Irani e Iramar, Paulo de Tarso (e também Iaponi, quando em visita à cidade) além de outros amigos. Pouco tendo a oferecer, além de admiração e solidariedade de simpatizante eu sorvia batidas de maracujá de sabor inigualável, ouvindo também outras belas narrativas, como as feitas pelo casal proprietário sobre viagens a Paris onde buscavam rastros do aeronauta avô do anfitrião Augusto.

E quando se esvaíam as últimas emoções, o corpo claudicante e erradio, voltava ao tépido abrigo da casa do irmão que me acolhera em Natal. E o fazia após atravessar ruas de frondosas árvores: ubaias, paus d'arco, palmeiras, castanheiras de saia rodada, pés de manga avoengos sempre carregados de frutos, as acácias, em intensa floração, a derramar de modo ostensivo cascatas de flores, com seu perfume levemente azedo e as portentosas mungubeiras que um dia foram transplantadas sem perder o viço, para a poesia de Zila Mamede e a prosa memorialística de Eider Furtado.

Longe de ficar restrita ao irmão biológico, a gentileza de Deífilo Gurgel distribuía-se igualmente com escritores já firmados ou ainda jovens com os quais se relacionava, compartilhando interesses literários. Era comovente, por exemplo, a admiração que devotava ao jovem Miguel Cirilo. Parece que estou a ver a visita noturna do doce poeta, que

chegava com o seu andar desengonçado, exibindo um permanente sorriso de criança, e lendo o mundo – que parecia assustá-lo – através das lentes escuras e grossas dos óculos pesados que jamais retirava. Escrevia à época os poemas que viriam a compor o seu único livro, o belo *Os Elementos do Caos*, muitos deles trazidos àquelas reuniões nas mil dobras de uma folha de papel ofício num dos bolsos da camisa do poeta. Após recebê-los, Deífilo tomava a iniciativa de ler o escrito em voz alta, para a pequena plateia reunida na área que havia na lateral daquela casa. Era de ver sua alegria ao descobrir uma metáfora ousada, uma imagem surreal, um ritmo imprevisto. Ambos poetas, demonstravam também admirar incondicionalmente Jorge de Lima e sua *Invenção de Orfeu*, sobre cuja construção não se cansavam de conversar. Aqueles encontros revelariam também os textos infantis de Carlos Gurgel. Ainda criança, ele já os produzia criativamente e com assumido *non sense* – poesia em estado puro – que causavam admiração e também divertia o poeta de “tempo contra o tempo” de quem ele, Carlos, se tornaria depois um fraterno amigo quando, anos adiante, passaram a morar em Salvador – Bahia.

Aquelas conversas noturnas eram como banho de água quebrada-a-frieza na tensão acumulada pela rotina angustiante do Banco do Estado de São Paulo, onde o poeta tinha de aturar cifras e clientes resmungões. E em sua atmosfera lírico-lúdica era também marcante a presença da sogra, dona Zulmira, asceticamente vestida, oclinhos redondos, com seus comentários mordazes. Estava sempre a chegar,

com seu andar picado, da casa do outro genro, Pompílio, onde morava duas ou três ruas adiante. Vinha para ver a filha e os netos, nos quais costumava aplicar injeções assustadoras provocando caos momentâneos na rua Ezequias Pegado. Após inspecionar a atuação do povo da copa e cozinha, sentava-se com o seu porte de hierática nobreza, (herança possível dos tempos da oligarquia no contato com a família Cascudo) e se punha a fazer crochê, movendo os dedos ainda ágeis, os belos olhos azuis, atentos à nervura dos pontos. Passava minutos que pareciam horas, com o tronco espigado, uma perna sobreposta à outra, cruzadas na altura dos tornozelos. Se a olhávamos de lado, víamos como um ângulo reto, a contrariar as leis do físico alquebrado. Tanta concentração estimulava improváveis brincadeiras do genro subitamente gaiato, a surpreendê-la cravando garras no seu mocotó quando ela, descuidada, retomava a posição normal, o que a fazia despertar com gritinhos que nos divertiam.

Numa daquelas noites, o poeta Miguel chegou trazendo não versos, mas uma proposta de trabalho para mim. Funcionário, ele próprio, do escritório que cuidava dos poucos telefones da cidade – e que era um apêndice administrativo da Companhia Força e Luz Nordeste do Brasil, a CÊFÊLÊ-NÊBÊ – ficara sabendo que havia uma vaga para auxiliar de escritório num dos departamentos da área de transformadores e indicou o meu nome. Eu, claro, fui. Fiz foto num lambe-lambe da Ribeira, tirei carteira profissional e fui. Era no desolado e nominalmente famoso Departamento

de Transformadores, Garagem e Oficinas, cujo escritório – tendo ao fundo a casa de prostituição pertencente à legendaria Maria Boa – estava encravado em terreno ainda cercado de mato no Baldo. Dava conta da movimentação dos carros da companhia, e do bom funcionamento dos poucos transformadores que existiam na cidade, trazendo-os para as oficinas se necessitavam de reparos. No DTGO – sigla nada eufônica que divertia Deífilo – demorei-me pouco mais de um ano. O tempo de conviver com seu Kilowatt, um pobre servente cuja cabeçorra era desproporcional ao corpo mirrado, tendo ganhado este apelido por alusão à personagem de uma história em quadrinhos distribuída aos consumidores, com a finalidade de estimular a economia no consumo. Era também nosso colega, um pobre servente que exalava cheiro de aguardente e parecia cumprir suas tarefas funcionais esmerando-se em plantar manivas que se multiplicavam em macaxeiras sob a terra. Colhidas no vasto pátio, elas animavam o café da repartição que ele próprio coava e servia. Sem falar de seu André, cujos versos sobre a menina que teve o pandeiro destroçado num baile de carnaval transcrevi em *Inventário do Possível*. Tive também de ali assistir às não poucas manifestações de ciúme de um auxiliar mais antigo, que temeroso com minha presença não perdia a oportunidade de externar a expectativa de um dia vir a ocupar a vaga da escriturária dona Neusa. Prometendo aposentar-se a cada ano, ela sempre esquecia.

Mas aquele foi também o tempo de testemunhar amargas transformações na vida do meu irmão. Tendo conseguido

livrar-se do banco, encheu-se de planos sobre o que fazer com a indenização recebida. Com Alderi, que aproveitava uma licença-prêmio no SAPS, e outra vez estava em Natal, decidiu abrir uma padaria na casa de dois pavimentos, arrendada aos irmãos Araldo e Orlando Morgantini na rua Potengi. No térreo, o comércio de pães, bolos, bolachas e salgados. A família no pavimento superior. Ali, aconteceram coisas que pareciam conspirar contra a empresa e a paz recuperada do meu irmão. Uma tarde, atendendo no balcão com o primo Edmilson, filho de tio Eneias, avistei chegando do outro lado da rua, um fusca trazendo Sulamita, irmã de Zoraide e o alfaiate Pompílio, seu esposo. Como habitualmente faziam, pararam o carro sem sair da via pela qual deveriam prosseguir. Enquanto ele aguardava, com os seus quase dois metros acomodados no pequeno veículo, ela atravessava a rua na direção da padaria. Sem perceber naquela tarde a aproximação de outro carro que trafegava em alta velocidade pela rua da padaria, Sulamita foi por ele colhida e, com o impacto, arremessada para o alto como uma boneca desarticulada. Com diversas fraturas, só por milagre não morreu. De outra feita, na área de serviço do apartamento, uma mocinha que ajudava nas tarefas domésticas, enquanto engomava a roupa das crianças, sofreu um grande choque, por pouco não acontecendo o pior pois além de cair sufocada, o ferro de engomar rolou sobre os braços e o tórax provocando-lhe queimaduras. Só a presença de um anjo a salvou: alguém que, sabendo lidar com esse tipo de situação, conseguiu fazê-la despertar dando-lhe um tapa na

testa o que a levou a desenrolar a língua e ser levada chorando ao Pronto Socorro. Cheio de tristezas e dívidas, o poeta teve de abrir mão do empreendimento, pois a padaria, de fato, não engrenou. E durante muito tempo a família teve de se socorrer das artes de excelente cozinheira e quituteira da esposa Zoraide para sobreviver. Até uma casa que ele havia começado a construir com parte da indenização recebida, teve de ser vendida ao jovem poeta e advogado Diógenes da Cunha Lima. E se não bastasse tanto desacerto, nosso pai, que vinha apresentando sintomas de uma doença no aparelho digestivo, foi trazido a Natal para se tratar. Após uma série de exames, e até uma cirurgia exploratória, a família foi informada do diagnóstico terrível, sem possibilidade de cura.

O idílio que eu mantinha com a cidade teve de ser interrompido. Desenganado, o meu pai voltava para a casa mossoroense agora praticamente vazia de filhos e ia precisar de mim. Para trás ficavam descobertas fascinantes, como a atmosfera mourisca do Granada Bar em cujo útero guarnecido de treliças e mil samambaias, tantas vezes estivemos em libações com artistas, poetas e boêmios como Newton Navarro ou Castilho, Berilo e Maria Emília, Augusto Severo Neto e Lúcia Beltrão e até com milionários de “Luzes da Cidade”, como Roberto Freire ou Luiz de Barros. Não mais voltaria a ver o aceno discreto do proprietário Nemésio Morquecho, elegante e sizudo, com as mangas da camisa social arregaçadas com estilo, a exhibir impecável gravata borboleta. Nem tornaria também a sítios amados

ou recém-descobertos como o Iara Bar, ou a Tenda do Cigano, onde costumávamos beber cantando sambas de protesto a contemplar o flanco iluminado do impressionante Hotel dos Reis Magos. Tudo ia ficar para trás. Mas, qual Murilo Mendes, diante das curvas inapeláveis das igrejas de Minas, eu partia com a sensação de ter ficado envolvido pela ternura totalitária da terra de Jorge Fernandes.

No ônibus que me levava de volta a Mossoró, pensava nisso tudo dominado pela tristeza de saber que o meu pai definhava, até se tornar um simulacro de gente, tal como descrevi no livro anterior: olhos subitamente engrandecidos nas órbitas cavadas, provocando dor em quem o olhava. Aquele homem que marcara com sua personalidade a vida familiar e a atividade de panificação da terra em que eu nascera reduzira-se a um ser cujos ossos recobertos por uma pele cor de cera, pareciam prestes a rompê-la numa decadência física que – dizia minha mãe, ao comentar um dia o seu estado – lhe levava a última *grama de carne*. Tão frágil se encontrava, após a temporada hospitalar em Natal, que até conseguiram um teco-teco, para o seu retorno na triste viagem feita na companhia de Ninha. Sem alegria possível, eu me reaproximava do meu pai, sem conseguir falar-lhe – ao menos para lembrar a visita que Garrincha lhe havia feito no hospital. E acabava me socorrendo do seu próprio silêncio. Cumpria as tarefas da dor erguendo-o, levando-o para o banho na rotina pesada e triste na casa da rua Augusto Severo, ele devastado pela vergonha de mostrar-se despidido diante do filho. Enxugava-o, ajudava-o a deitar-se, tendo

a clara consciência de que aquilo nada mais era que inútil parcela de um esforço nem de longe comparável ao que ele havia feito por mim na viagem salvadora do Rio de Janeiro.

Uma noite, após me demorar no quarto em que ele suportava seus angustiados pesares, vencido pelo cansaço, resolvi me deitar. Mal se anunciando a manhã, a barra quebrando indecisa, anunciando mais um dos dias calorentos de Mossoró, acordo sobressaltado, ouvindo a voz suave de Ninha, a irmã onipresente, que me ofertava não a caneca com o capucho de leite da infância, mas, dessa vez, a porção de angústia de um alimento cujo amargor eu sabia inevitável:

- Tarcísio? Acorde Tarcísio: papai está morrendo...



Morto meu pai, vi-me obrigado a controlar o ímpeto viajor e conseguir um emprego para me manter em Mossoró. Sem mais depender de seu Juvenal já há algum tempo, ainda assim continuava a tê-lo como referência no aspecto de provimento das necessidades, e agora o perdera. Enquanto não vinha o emprego, fui retomando a convivência com a cidade, os amigos, ao ritmo irônico/angustiado das conversas com o Jotagê, que continuava a cultivar seu mau humor com elegância, embora às vezes aproximando-se da misantropia. Não sendo bonito, aquele meu amigo tinha especial preocupação com a aparência, chegando a tratar com rigor o cabelo rebelde, amaciando-o com cremes, numa luta que nos divertia e o deixava angustiado. Mantinha os sapatos sempre engraxados e as calças especialmente vincadas, não abrindo mão de combinar as cores da roupa que usava. E quando decidiu casar o fez com uma perfeita cara-metade nas questões de exigência estética: uma moça chamada Gessy.

Trabalhando desde cedo em atividades que pouco acrescentavam ao seu gosto estético, o Jotagê um dia tornou-se bancário e com a modesta renda mensal con-

seguia manter a casa com o natural adjutório da esposa, sobrando algum dinheiro para a cerveja, os cigarros e elepês. Sendo apreciador de música, chegou até a compô-las, e a participar de festivais que foram realizados em Mossoró. Mas não escondia o desconforto de ter que enfrentar o cotidiano do banco em que trabalhava, se não estou enganado, numa esquina da Coronel Saboia, prédio que havia sido ocupado durante anos pelo Banco do Brasil. A angústia, agora medida a horas de trabalho irritante, o levou a desenvolver estranha patologia: uma erupção alérgica entre o cata-piolho e o fura-bolo da mão direita todas as vezes que o *stress* o dominava. Mas descobriu ao mesmo tempo algo capaz de fazê-lo canalizar os sentimentos de revolta, levando-o a se aproximar do sindicato de sua categoria, no qual, chegou a ocupar a Presidência, na sucessão de Raimundo Vieira, do BNB (o Aranha, também goleiro de futsal, que o antecederia) e com o apoio de Judas Tadeu de Azevedo que saíra do sem-futuro da praça para o Banco do Brasil após aprovação em concurso. Na luta sindical, o Jotagê revelou competentemente o ódio que devotava ao sistema, aos lucros, às regras e, claro, ao comportamento de alguns colegas – acomodados, ou acovardados pelo medo – aos quais acusava sem piedade de serem alienados, aduladores, xelelés dos patrões. Aquele seu discurso fazia eco a uma militância já iniciada no Partido Comunista Brasileiro de Mossoró, numa célula com Luiz Alves Neto, (o mesmo Lulu, do Círculo Cultural famoso), Cláudio Gurgel e Ricardo Torres, meu compadre, todos do mesmo

Banco do Brasil. Pareciam atuar sob as bênçãos de alguém que revelava uma vocação próxima do religioso, em se tratando da causa proletária: o companheiro tecelão/industrial Vivaldo Dantas. E ignorando rabissacas e muxoxos da mãe Anita, o meu primo dedicou-se com tamanho afinco à missão de derrubar a ditadura que não hesitou em transformar sua casa, (na qual iria permanecer após se casar e a mãe mudar-se para Fortaleza) em aparelho para atividades partidárias.

Acompanhando não sem interesse e participando cada vez mais das discussões políticas agora frequentes naquela nossa ágora diante da catedral, finalmente consegui um emprego quando se instalou em minha cidade uma filial da empresa natalense de Walter Pereira, a Livraria Universitária. Passei a atender no balcão da loja que ficava, como já foi dito, numa das esquinas da praça da catedral tendo a ele chegado por uma clara indicação de Luiz Damasceno, que militava nos quadros da matriz. Eu o havia conhecido na minha temporada natalense, desenvolvendo boa camaradagem. Nas horas vagas, com o povo da praça ali defronte, projetávamos revoluções, ilustrando aqui e ali as conversas com trechos de uma canção anarquista que aprendêramos com os rapazes e moças do Grêmio Horácio Lane – os mesmos da conservadora Universidade Mackenzie, que haviam viajado conosco no ônibus que nos conduziu na nunca esquecida viagem de Porto Alegre:

“San Jose es republicano
San Jose es republicano
y la Virgen socialista.
Pero el niño Jesus Cristo
del Partido Comunista
dale, dale, dale/” etc.,

E berrávamos o arremate com a provocação gloriosa: “Con la cabeza de Franco/vamos hacer um balón...” E era como se, sob as bênçãos da gloriosa Santa Luzia, estivéssemos a imantar correntes revolucionárias, no rumo do socialismo tal qual os bravos e por vezes, ingênuos combatentes da Guerra Civil Espanhola. Uma vez vitoriosos, quem sabe?, chutaríamos a cabeça de um ditador como aquele a que se referia a canção, o qual – segundo piada atribuída a Picasso – havia pintado Guernica. Como tantos brasileiros, acumulávamos ódio à ditadura que, instalada em 1964, prosseguia naquele ano de 1968 prendendo, torturando e matando.

Mas, embora sem abrir mão do ânimo revolucionário, busquei outras conquistas com o pequeno salário ganho na filial mossoroense da livraria, atraído pela nova sensação noturna da cidade: uma boate recém-inaugurada – antítese da outra, a das Luízas – a qual repercutiu tanto e tanto estimulou a eroticidade municipal que chegou a provocar em uma famosa cafetina local, um comentário que misturava indignação e a ironia: a continuar aquela nova concorrência, acabaria tendo que fechar seu cabaré. “Snob” como o seu dono, o publicitário Tomislav Femenic – talentoso homem de comunicação,

que exibia o estranho nome por ser filho de pai croata que se casara com uma sobrinha do padre Mota – a nova casa noturna havia começado como inferninho numa minúscula sala na rua Francisco Izódio. E a frequência aumentou tão rápido e com tamanha intensidade, que foi obrigado a sair do pequeno espaço, onde cinquenta pessoas já representavam uma superlotação, para um grande galpão climatizado. Nesse novo dancing, retangular e cercado por mais de cem mesas, estimulados pela professora de música Vilma Groissman, então Cabral (que abrira uma escola na cidade, com a assessoria do quase adolescente Guimarães Neto), montamos um musical com o nome nada feliz de “Snobosamba”, utilizando o formato de “Opinião” e “Liberdade Liberdade” e “Hoje tem Poesia”. Nele atuavam o previsível Jotagê e Eudes, um professor bigodudo e simpático que tinha vindo de Fortaleza para lecionar numa das faculdades da recém-criada universidade municipal. A experiência de Femenic como empresário da noite propiciou a Mossoró a chance de conhecer a luz negra. Um sucesso. Invertendo – e mesmo subvertendo – as noções que tínhamos de luminosidade e penumbra, criava-se uma atmosfera, de luz e sombra cheia de sensualidade. Não sendo afeito à dança por absoluta falta de talento, vivi mesmo assim noites de alegre excitação coreográfica, na companhia dos irmãos Luiz Carlos e Eliane Cabral, amigos de uma namorada que era conterrânea de B. de Paiva. Tendo chegado à cidade para estudar, ela se tornara unha-e-carne com os dois, sendo também colega dele no curso de Ciências Econômicas. Inteligente, especialmente espirituosa e exibindo um belo corpo

que os jeans apertadíssimos acentuavam, a garota cearense acabaria criando para mim uma imagem rigorosamente falsa: de conquistador. E tal impressão reforçava-se com a ressentida colaboração de predadores que batiam ponto no Umuarama, restaurante que Cristóvão Frota abrira no salão de carros arrendado a Umberto Mendes após sair do Ipiranga. Não escondiam a frustração com o nariz empinado da futura economista da qual eu não desgrudava.

Sem prejuízo das noitadas de cuba libre, luz negra e esfrega-esfrega da Snob, eu continuava, claro, fiel ao grupo irreverente da Praça. A pauta política, como disse, crescera tanto que agora irritava o clero, chegando a motivar um editorial mal-humorado no programa que a Diocese mantinha na Rádio Difusora no final das tardes de domingo. Odiávamos com fervor nietzschiano aquela baboseira radiofônica. O apresentador, cônego Raimundo Gurgel, instilava culpa e terror nos fiéis visando a mantê-los cada vez mais submissos ao poder temporal. Lembro-me bem que entre as seções do programa havia uma denominada “Janelas abertas para o mundo”, que tinha como objetivo repercutir os temores da Guerra Fria, fazendo coro às recomendações do Vaticano sobre a necessidade de lutar contra o comunismo. Primo em segundo grau da minha mãe, aquele religioso cuja face inquisitorial intimidava, dirigia nas horas vagas o Ginásio Municipal. Sempre mantive distância de sua pessoa, nisso repetindo o comportamento da minha mãe, que igualmente não lhe tinha simpatia, sentimento consolidado ao saber que ele – professor de português no pedagógico do Colégio

Estadual – informado pelas alunas que minha irmã Dodora havia noivado lhe desejara pêsames.

Pois foi nesse clima, de dias estivais, libido revolucionária e intrigas com acento contrarreformista que encontrei uma manhã o onipresente Jotagê saindo da loja de discos, Discodifitas, de José Carlos, após encontrar outro amigo querido, o jovem músico Lima Neto, irmão do proprietário. Tinha ido comprar o último elepê de Elis Regina e exibia o semblante carregado de sempre. Após fumar o milésimo cigarro e já se preparando para ir embora comunicou-me que queria um papo comigo. À noite. Como assim? Falar comigo? E por que à noite? Não estávamos conversando ali e agora? Revelando estranha gravidade explicou-me que logo mais me diria o porquê e se foi. De fato, à noite nos encontramos na praça e é mais do que certo que causamos estranheza nos colegas que conosco participavam da conhecida assembleia, pois nos afastamos do grupo, sentando em um banco que ficava nas proximidades da Gráfica Miguel Faustino, ainda funcionando no velho colégio, o que significa dizer: perto da casa do industrial salineiro Soutinho e da vizinha, do alegre João Soares. Da enorme radiola que este mantinha ligada na sala fortemente iluminada ecoavam, como sempre, sucessos de Miltinho, Altemar Dutra, Núbia Lafayette e da orquestra de Ray Conniff. E enquanto ele ensaiava passos de dança em exibição solo, ressaltavam, em primeiro plano, as figuras das impressionantes balzaquianas Nani – sua irmã – e Maria José Luz as quais, impecavelmente vestidas e penteadas se demoravam na moldura da janela.

Uma vez acomodados no banco, entre o desconforto e a vontade de rir com a situação ouvi do meu amigo:

- Tegê – assim iniciava ele algum comentário sobre arte ou para comunicar algo grave – a ditadura vem aumentando a repressão com o apoio dos capitalistas e da burguesia. Os problemas estão se aguçando. As forças progressistas...

- Vem cá - interrompi - você está querendo me recrutar pro Pecezão?

Por certo reconhecendo que o discurso exageradamente retórico, era impróprio para amigos naquela praça de alegres assembleias sorriu desconfiado:

- Você não tem jeito mesmo. Ninguém pode ter uma conversa séria com você...

Ora, mesmo mantendo discrição sobre questões de militância, sua presença na célula bancária do PCB mossoroense era como um segredo de Polichinelo, estimulando a curiosidade de alguém como eu que, desde cedo, revelara simpatia pelas lutas sociais, sentimento nascido da convivência com os padeiros da Santa Rita e até remontando, talvez, ao comportamento dos alegres tios revoltosos Aluízio e Altamiro. Sem falar no cafeísmo do velho Juvenal e das leituras de Jorge Amado ou no Sindicato do Garrancho, do qual tínhamos notícias esgarçadas, mas que fazia ressaltar a figura de Chico Guilherme – o simpático dono do misto em que nos levava a Areia Branca, para assistir à festa de Nossa Senhora dos Navegantes. E não é demais lembrar que sempre apressado e vindo dessa mesma cidade, passava vez em quando pela nossa casa o

primo Manoel Avelino – Manoel de tia Cota – do qual se dizia também ter lá sua militância no partidão, com carteirinha e tudo. Eu conhecia e admirava outros militantes como o último dos Reginaldo, Seu Jonas, aquele mesmo que se confrontava no balcão da padaria com o meu pai, além de outros velhos comunistas que frequentavam o noticiário político local, toda vez que as lideranças conservadoras buscavam aliança nas campanhas políticas: o mesmo Vivaldo Dantas, Joel Paulista, outro primo – o líder ferroviário Cesário Clementino – e Zé Gago. Era notória a importância de ter o apoio de salineiros e ferroviários, por revelarem grande capacidade de organização e garantir voto nas eleições municipais. O partido parecia querer investir agora na chamada pequena burguesia, letrada e esclarecida: jovens bancários, estudantes, intelectuais tidos como simpatizantes do socialismo. Não me surpreendeu, pois, o recrutamento, que parecia ser – vim saber tempos depois – uma das especialidades do Jotagê, responsável também pelo engajamento de Luís Aquino, Lacerda, Essinho na militância partidária. Quanto a mim, ocupando função estratégica, como balconista na filial da Livraria Universitária, poderia, sem despertar suspeitas executar com tranquilidade tarefas como as que ocorriam cotidianamente: vender os livros marxistas que Damasceno remetia, por exemplo. Além disso, observada uma rígida disciplina revolucionária, bem poderia intermediar “pontos”, distribuir material do partido. Para facilitar usei um tom que quase pôs por terra o solene recrutamento:

- Aceito. Quem sabe um dia a gente consegue mudar essa merda?



O Peceção acabara de conquistar para os seus quadros de Mossoró um militante singular o qual, sem vocação belicosa, não conseguiria mesmo construir uma história da qual pudessem se recordar comovidos velhos companheiros. Ainda assim vivenciou situações intensas, disposto a mudar o mundo, mantendo férrea disciplina, e a disposição de cumprir tarefas sem jamais evitar a sensação de continuados estranhamentos. Aquela realidade tão minha conhecida – o cotidiano mossoroense com seu rame-rame de previsíveis fofocas, nossa irresponsabilidade felliniana da praça – transmudava-se subitamente em outra ordem de comportamento. Como se uma estranha ficção estivesse sendo escrita e dela eu participasse na condição de personagem. Exercitar a militância era bastante diferente da vidinha gostosamente anárquica a que me acostumara. Lembro-me, por exemplo, das nervosas reuniões que mantínhamos em pontos da mais variada latitude na cidade. Leitor de Górkki, eu tinha às vezes a sensação de retroagir a humildes vivendas russas cujas portas se abriram à revolução de 1917. No lugar do samovar com o chá, circulava entre as mãos nervosas um pobre bule de ágata feridenta, do qual escoava um

café quase sempre insípido. Vestindo as roupas que usávamos para ir ao trabalho - calças de tropical e camisas sociais - às vezes nem tínhamos tempo de retirar as gravatas envergonhadas. E dialogávamos em sussurros dramáticos com os companheiros proletários, precocemente envelhecidos, os quais pareciam orgulhosos com a nossa presença, embora se mostrassem cansados da jornada diária e da leitura de informes toscamente mimeografados. E tentávamos tocar a revolução com o cuidado de não acordar as crianças, adormecidas em redes ou pequenos catres, nos pequenos cômodos em que projetávamos o seu rumo.

Na noite em que fui recrutado pelo Jotagê, fiquei sabendo que devia escolher um nome de guerra. A óbvia explicação era de que assim fazendo, poderia dificultar a identificação civil no caso de algum problema com a polícia. E o nome por mim escolhido pareceu agradar, dada a entusiasmada aprovação dos companheiros. Ainda hoje não consigo saber se - começando por mim mesmo, com a minha mania de pretender usar a ironia de forma criativa - alguém chegou a perceber o risco de um militante tão ligado à literatura, balconista de livraria, fazer aquela escolha: Itajubá, com que pretendia homenagear um poeta natalense que viveu anos de doce agitação romântica e cujo destino reservou o anonimato da morte longe dos seus. Itajubá. Companheiro Itajubá. Para servir à revolução brasileira.

Embora cingido à disciplina revolucionária, como disse, rigorosamente fiel às normas de segurança e cumprimento de tarefas, sempre desconfiei da real eficácia das demoradas

reuniões nas quais se discutiam estratégias e táticas para a revolução brasileira, para isso contribuindo um discurso assumidamente anacrônico e repetitivo. Além de considerá-las enfadonhas, tinha a sensação de serem desprovidas de senso prático. O que falávamos – o tom em que falávamos – embora difundindo crença em mudanças, soava artificioso, por exemplo, para a luta estudantil. Ainda no último ano do ensino médio que retomei para concluir o curso Técnico da União Caixeiral e tentar a faculdade, fui convocado a contribuir na luta estudantil. Dispatee a Presidência da entidade secundarista da qual havia sido diretor cultural por breve período: o Centro *Estudantal* Mossoroense que participara das lutas pela redemocratização e também da campanha “O Petróleo é nosso”. Por sua tribuna haviam passado nomes como Helder Eronildes, Francisco Fausto, Italo Maciel, Maia Pinto, Wilson Bezerra, José Augusto Rodrigues Jr., Elviro Rebouças e tantos outros. Porém, de nada me valeram, os sempre lembrados recursos dramáticos e, menos ainda, o poder de convencimento dos companheiros do Pecezão, com sua retórica raivosa de viciados em revolução russa. O meu adversário, que não era carne nem era peixe, mas tinha boa estampa, apoiava-se nas forças conservadoras interessadas em qualquer território disponível na cidade.

Aquela campanha estudantil deixaria um saldo de lembranças que, embora inúteis à revolução brasileira, teimaram em ficar em mim, num desenho de dois acontecimentos. A longa caminhada na direção do centro foi um deles. Chamávamos “passeata”, como nos comícios tradicionais,

aquela movimentação que se seguia às manifestações feitas nas escolas. Na do Ginásio que o raivoso cônego Raimundo Gurgel dirigia, por exemplo, segui de mãos dadas com uma linda e entusiasmada revolucionária mal saída da adolescência e que eu não conhecia. Seguimos no rumo da Bastilha – eu conduzindo a ingênua aprendiz de Pasionaria – convictos de que chegaríamos à vitória. E o desfecho da eleição – que é o outro episódio – por pouco não teve consequências bem dramáticas. A tensão acumulada ao longo da campanha explodiu em momentos diversos no dia da apuração, causando interrupções seguidas na contagem dos votos. Mas, mesmo com nossas projeções indicando derrota, os irmãos Lúcio – Dedé, Aristides e Fernando – (Toninho, o elegante locutor e ator de uma montagem do Édipo Rei, no TEAM, protestaria sem perder a fleuma) decidiram manifestar seu descontentamento. E na sala que havia nos fundos do cinema Pax – local cedido para apuração – aconteceu um fenômeno provavelmente desconhecido nos céus do Centro *Estudantal* Mossoroense. Motivada quiçá por ancestral solidariedade, (as raízes comuns areia-branquenses exibindo-se na revolta pouco revolucionária), os Lúcio produziram uma nuvem de cadeiras e mesas que atingiu alturas inimagináveis, um quebra-quebra assustador que obrigou a comissão apuradora a interromper por um bom tempo os seus trabalhos até que, serenados os ânimos, meu adversário viesse a ser proclamado vitorioso.

Mas o limitado calibre de minha combatividade não impediria que eu acompanhasse os companheiros quando

se deu a mudança para o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, o PCBR. Num gesto de autêntica rebeldia revolucionária aumentamos o racha do PCB, dando, com isso, modesta contribuição à consabida vocação divergente das esquerdas, à época uma constelação de pequenas, mesmo que aguerridas agremiações. No caso daquela nossa atitude havia um argumento que tínhamos como irrefutável: o partido que consagrara Prestes tornara-se definitivamente imobilista. E, se cabe o jogo de palavras talvez pouco feliz, parecia sempre prestes a compor-se com lideranças burguesas, evitando avanços radicais. Nele jamais empunharíamos – jovens revolucionários filhos de Mãe Carrar – as armas da revolução.

E foi na nova sigla que, em meio a discussões e planejamentos para a ação, acabei finalmente participando de uma tarefa de elevado risco. Na verdade, de duas, já que houve outra, a qual parecendo uma enorme brincadeira, acabaria tendo um desfecho bem desagradável. A primeira dessas ações destinava-se a encontrar local seguro para, futuramente, guardar o fruto de uma grande expropriação – assalto a banco, segundo imaginava – com o qual se projetava adquirir as tais armas. Subitamente, vi-me viajando por veredas e mais veredas de um interminável sertão, a invadir sítios avoengos, com um companheiro que jamais vira nem tornei a encontrar, o qual, enviado ao que parece pelo Comitê Central do PCBR, parecia haver esquecido a língua no lugar de onde viera. Tal não o impedia, contudo, de dirigir um fusca com vocação para alçar voos. O companheiro Ita-

jubá encarregava-se de abrir cancelas e fechar cancelas, na busca do ponto geográfico de conhecimento exclusivo daquele emissário e do contato que o aguardava nas terras de não-sei-onde. A norma de segurança obrigou-me a matar o calor sozinho, tomando uma cerveja numa bodega de um mercado qualquer – anônimo com anônimos – a conversar putaria e a olhar as serras, enquanto ele fechava o contato, para me resgatar em seguida. Após ziguezaguear algumas centenas de quilômetros, retornei a minha base no final da tarde, tendo ele sumido com o anonimato da noite. Voltei consciente de haver cumprido minha parte. Se a tal expropriação aconteceu, não sei. Sei que armas jamais chegaram ao PCBR de Mossoró.

Já a outra ação teve como cenário minha própria cidade e fechou o ano de 1967. Ainda hoje me surpreende que sua aparatosa preparação não tenha causado desconfiança entre os gerentes das lojas de papelaria e material de escritório, especialmente Iolando e o diligente Miltinho, da livraria na qual eu trabalhava. É que, sem justificativa minimamente razoável, registrou-se uma venda tão espetacular de sprays de tinta em Mossoró que simplesmente esgotou os estoques existentes. Ninguém pareceu então ligar o fato à notícia de que dentro de trinta dias receberíamos a visita do ditador Costa e Silva, que vinha inaugurar uma escola de agronomia. Na noite anterior à da sua chegada saímos a pichar palavras de ordem contra ele e sua ditadura com nossas latinhas de barulho irritante. Éramos três ou quatro grupos a atuar em lugares desconhecidos e sem comunicação possível entre si,

a desenhar frases apressadas, para que o tirano ao chegar (“avanti popolo! A la stazione! Rivoluzione! Rivoluzione!”) fosse surpreendido com a informação de que no País de Mossoró havia alguém disposto a confrontá-lo. A ação foi um sucesso, descontada a desagradável notícia que recebemos no dia seguinte. Caíra o companheiro – Ricardo Torres, Ricardo de Inês, meu compadre querido – funcionário do Banco do Brasil, provocando em nós uma sensação confusa de medo, revolta e uma incômoda sensação de fragilidade, contrariamente à alegria que nos havia causado o ato pândego-revolucionário. De todos nós, Ricardo era o militante de trato mais suave, aquele de quem se poderia dizer sem medo de errar que era incapaz de matar uma mosca, significasse isto um paradoxo ou não. Ser humano íntegro metido numa luta – como todas as travadas entre homens, tendo como horizonte a tomada do poder – na qual a generosidade escasseia na medida em que aumenta o ódio.

A portentosa Escola de Agronomia, hoje universidade – a Ufersa – cuja inauguração provocara a vinda do general-ditador, era considerada uma dádiva resultante da ousadia dos seus idealizadores, os irmãos Dix-Huit e Vingt-Un Rosado. Revigorava o bairrismo mossoroense, dando a chance de gritar aos quatro ventos que a cidade, ainda a ensaiar tímidos passos universitários, passava a dispor (os noticiários repetiam sem parar, como se um slogan fosse), da primeira escola agrícola do semiárido brasileiro. Algo que se tornara possível pelo fato de o Senador mossoroense – aliado de Dinarte Mariz, a quem os generais costumavam dar ouvidos

– ser à época o presidente do Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário, o INDA.

Já distantes os anos da ditadura, afastado dos militares e retornado à planície do burgo do qual se tornou administrador, como um velho avô impetuoso, Dix-Huit chegou a exibir um dia a entrevistadores na TV Universitária, em Natal, a mão que o orgulhava por haver apertado a do líder chinês Mao Tse Tung. Já com uma ponta de sadismo revolucionário o Jotagê e eu, enquanto preparávamos a ação do nosso grupo, naquele 1967, chegamos a especular como reagiria o tonitruante Presidente do INDA, o qual ainda Senador, nos recepcionara com um almoço na fechada Sociedade Hípica do Rio, onde se deliciava também com bandeirianos cavaleiros e cavalões, talvez nostálgico das suas terras em Mossoró se viesse saber que entre os animados participantes da pichação havia dois ex-integrantes daquele grupo de teatro que tanto o orgulhara.

A prisão do meu compadre e camarada se dava em meio a um forte recrudescimento da repressão, já apontando para os horrores que não demorariam a chegar com a vigência do AI-5, publicado no dia de Santa Luzia do ano seguinte. Expunha o clamoroso desnível naquela correlação de forças. Embora não quiséssemos admitir nos vimos obrigados a reconhecer, nas avaliações feitas, a fragilidade revelada pela pulverização dos grupos clandestinos, e pela inexistência de contingentes armados com potencial de resistência, para garantir os avanços pretendidos. E tornou-se cada vez mais forte a sensação de que estávamos caminhando para

ficar reduzidos à realização de ações pontuais, impondo-se aos que estavam *queimados* assumir a clandestinidade, deslocar-se para longe, possivelmente para atuar em frentes de luta noutras regiões do país. Pelo andar da carruagem, mais cedo ou mais tarde, poderíamos ser também atingidos pela repressão, os serviços de inteligência funcionando intensamente por todo o país, fazendo aumentar assustadoramente o número de quedas seguidas de prisão com tortura e às vezes a morte. E ocorreu que as convicções em vários de nós começaram a esboroar-se. Como temíamos, boa parte dos que prosseguiram naquele projeto de transformação acabou tendo de suportar a dolorosa experiência da prisão e da violência física pela tortura. Lembro-me particularmente de companheiros valorosos como Juliano Siqueira, Luciano Almeida e Cláudio Gurgel, e de militantes de outras siglas, como Luiz Damasceno, sequestrado do balcão da livraria em Natal, mantido por vários dias em cativeiro. Um colega, Benjamim Capistrano, presenciando a violência do ato, o salvou ao recorrer à direção da empresa que o trouxe de volta com a ajuda de amigos influentes. Orgulho e tristeza se misturavam com as notícias de que outros combatentes de reconhecida coragem, haviam se portado com a dignidade que deles se esperava como é o caso do líder estudantil François Silvestre – que nem cheguei a conhecer então – e de Emanuel Bezerra, um ex-secundarista filiado ao PCR que havia sido Presidente da Casa do Estudante em Natal. Destroçaram esse último, igualmente a Marighela, utilizando as balas da repressão em São Paulo. Haviam todos

acreditado e investido com igual aporte de generosidade e disposição num projeto de Brasil socialista, com amizade fraterna e alegrias compartilhadas. De todos, reservo especial admiração pela figura de Luiz Alves Neto, Lulu, companheiro desde o Círculo Cultural Machado de Assis. A força incoercível de suas convicções leva-me a pensar em outro ícone das nossas lutas sociais: Vulpiano Cavalcanti. Como esse último, Lulu também acreditou e lutou até o limite do impossível. E quando permanecer em Mossoró se tornou inviável, não hesitou em largar o Banco do Brasil, passando a lutar quase às cegas na zona canavieira de Pernambuco. Depois disfarçado em radio-técnico, cumpriu com dignidade revolucionária papéis bem mais realistas, e trágicos que aquele a que não teve direito na época do TEAM. Acompanhou-o com igual disposição a filha de um ferroviário de Mossoró, a doce Anatália, que acabaria vítima das mais abomináveis sevícias ao ser presa e depois destruída numa farra nojenta.

A interrupção da ingloria militância levou-me a projetar com o onipresente Jotagê algo que justificasse nossa permanência na cidade. Sentíamos uma crescente inquietação ante a sucessão de derrotas e o constante temor de más notícias sobre companheiros lutando e fugindo, sendo presos, torturados ou morrendo. E decidimos resistir valendo-nos de uma maneira que sendo bizarra, nos deu então a ingênua sensação de ser uma saída ao menos razoável. Tornamo-nos empresários! E utilizamos para nosso empreendimento o mesmo endereço no qual meu tio Josa tentara viabilizar o seu gasoso. Iniciamos nossa firma ludo-socialista ao mesmo tempo em que outros primos – Antônio, Cícero e João Bosco – recebiam as bênçãos do senhor bispo D. Gentil Diniz Barreto, para o bom êxito da microboate que inauguraram no quintal de casa com o nome de O Motivo. Há desse momento rigorosamente memorável, uma foto que o jornalista Emery Costa reproduziu um dia em sua coluna do jornal *O Mossoroense*. Misto de bar e lanchonete, a nossa empresa ficava no outro lado da rua. Kiko, agora proprietário da padaria que fora do nosso pai, nos cedeu o espaço que não vinha sendo utilizado. E surgiu aquela espécie

de pub ostentando o nome de Viet Bar, charme revolucionário a denotar a admiração que tínhamos pela resistência do pequenino país asiático frente aos americanos.

Sua decoração cult, exibindo o magnífico cartaz com o desenho de um galo, que Ziraldo desenhara para um festival internacional de música no Rio de Janeiro, aproveitava também outros de espetáculos estrangeiros ou festivais que eu trouxera daquela minha passagem pelo Teatro Jovem em 63, e ainda guardava comigo. O Viet Bar despertou natural curiosidade. Umhas poucas mesas na parede da lateral direita do prédio estreito, um aparelho de som que compráramos a prestação na Casa Lima – para reproduzir músicas de protesto – petiscos e sanduíches para comer e, para beber, batidas de tudo o que fosse fruta, eis nossa proposta festiva. Encontravam-se ali, além de inevitáveis porraloucas, estudantes, revolucionários de gabinete e até o velho comerciante Pedro Leão que chegava suarento, conduzindo sua grande barriga, com o cauteloso movimento das pernas arqueadas, vestindo a indefectível camisa social, a gravata afrouxada, o charuto preso entre os dedos da mão direita. Famoso na cidade por produzir *boutades* e por seu assumido zelo monetário. Notabilizava-se também por ser um entusiasmado bebedor de cerveja. E nisso exibia mais uma singularidade do seu comportamento: das garrafas guardava ciosamente cada tampa, para certificar-se de que não lhe cobraríamos além do consumido. A ele destinava-se, aliás, a grade que mantínhamos em estoque da qual ele consumia pacientemente cada garrafa, enquanto o riso sacudia o corpanzil ao sabor das risadas.

Mas o grupo que, de fato, animava o Viet Bar era formado por quem não costuma dar sustentação a esse tipo de empreendimento. Jovens estudantes, bem mais jovens do que éramos então, comprometidos visivelmente com a necessidade de descobrir emoções intensas. Tomavam porres – inaugurais ou não – dos quais, não raro, resultavam manifestações repelentes do organismo assustado pela ingestão exagerada das nossas batidas de frutas. Falando alto, cantando, porém sem disposição visível de seguir uma canção que um dia imaginamos poder tornar-se o hino informal de uma pátria socialista (canção abafada, aliás, pela voz insossa do cantor Paulo Sérgio, ali em frente), logo percebemos a dificuldade de manter a empresa heterodoxa, tocada por sócios despreocupados com lucros e mais-valias. À falta de alternativa que se mostrasse viável, o Jotagê e eu decidimos beber o resto do estoque. Fizemos uma pacífica divisão de bens e fechamos o empreendimento ludo-socialista, cuja lembrança ainda reponta em momentos nostálgicos na saudade de antigos frequentadores, como é o caso do médico Silvério Soares. Filho do legendário advogado e prefeito boêmio Raimundo Soares de quem se tornou ótimo biógrafo. Ele vinha no tempo de estudante em férias, trazendo no bojo do seu violão canções de Tom Jobim, Dolores Duran e Vinicius de Moraes. Depois, fez-se o silêncio.

Não mais PCBR. Não mais Viet Bar. Nonada.

À margem das utopias, sem função revolucionária, caímos num pesadelo que parecia não querer acabar num trágico espetáculo encenado quase sem parar no asfalto das

metrópoles, nos brejos e massapês ou em caminhadas fantasmáticas em cenário de garranchos, pedras e sequidão da caatinga esturricada. Multiplicaram-se os exemplos de mártires a dormir profundamente em cada sumitero que lhes coube ou no limbo assustador de porões nunca localizados. E ironicamente ressurgem da corruptela – mais verdadeira que a palavra cemitério, convenhamos – atualizando sonhos de revoltas mundo afora. Por estranho paradoxo, o capitalismo os traz de volta, fazendo o comércio de imagens. E Che, Lumumba, Carmichael, Luther King, Frei Tito, Marighela, Emanuel Bezerra, Stuart Angel, Joaquim Câmara Ferreira, padre Henrique, Herzog, Ho Chin Min, Oscar Romero, Allende ressurgem como fogos-fátuos até a próxima compra. Depois de torturá-los, matá-los, sumir com seus corpos, trazem-nos de volta em camisetas, bottons, livros, dvds, documentários em tv aberta ou paga, pequenas esculturas e bandeiras, blogs, googles e wikipedias.

Da militância perdida restou ao menos a consoladora certeza de haver saído sem a vergonha da delação ou da covardia. E a de que, ao adotar a mais elementar lição de sobrevivência (“enquanto corro mamãe tem filho”), obrigamo-nos a mudar o rumo das nossas vidas pelos caminhos da dignidade. Para não ser injusto, antes de encerrar esse lamento direi que foi o mesmo Jotagê, com seu inexecdível mau humor e aguçada capacidade de observar a cena circundante, quem, entre os companheiros fez as primeiras advertências: do jeito que as coisas iam, reclamava, não chegaríamos a lugar algum. A continuar daquele jeito,

melhor desistir. Não me envergonho, pois, de haver concordado em utilizar a dialética do bom senso. Porém, por mais que tente, não consigo evitar a sensação de ter a dúvida ocupando o trapézio da memória, tal como o cônego machadiano buscando a palavra exata para o sermão. E se tivéssemos adotado outro discurso, se as tais armas tivessem chegado? Se tivéssemos feito um treinamento militar (logo eu, um reservista de 3ª!), e se, se, se? Dói o sentimento da derrota lembrando os versos de “Marcha da quarta-feira de cinzas”, cantados em tom de deboche por Augusto Morcego nos jardins do Teatro José de Alencar, Fortaleza idos de 64. Bolas! Mas não se espere de mim a vil cusparada no prato das esperanças.

Uma vez comunista sempre Flamengo!



Atingida aquela etapa de minha vida a ansiedade me advertia que era chegado o momento de eu contar apenas comigo mesmo para definir meu próprio rumo, respondendo na prática à cobrança amarga feita pelo amigo Ivan Barros Lins que um dia, irônico e pragmático, me advertira quanto ao tempo passando e eu ficando, eu ficando, a vida escorrendo pelos dedos. Ironicamente o teatro amador veio outra vez em meu socorro. E com a incrível coincidência de um novo encontro de amadores. Lauro Monte Filho era, mais uma vez, o porta-voz do acontecimento: um novo festival nacional iria acontecer, agora na Aldeia de Arcozelo, em Pati do Alferes região serrana do Rio de Janeiro. Surpreendente em tal informação era que o local do encontro seria uma fazenda colonial, herança de família, que Paschoal Carlos Magno – Paschoal, *toujours* Paschoal! – havia restaurado para ser um albergue para estudantes. Dizia-se que não tendo conseguido sensibilizar os burocratas da ditadura com seus pedidos de ajuda, o Embaixador decidira fazer o festival em suas próprias terras, como um Mecenas a arrostar o poder do Rei. Que se fodessem o ditador e seus apaniguados. Empenharia recursos pessoais se

fosse necessário. E de fato deve tê-lo feito, pois entre os que dele eram próximos, dizia-se que até hipotecara sua linda casa de Santa Tereza, para obter um empréstimo bancário capaz de financiar as despesas.

Se a militância tinha nos distanciado do TEAM, não havíamos queimado todas as naus. Lembro-me que ainda militando no PCBR eu fora convencido pelo diretor do grupo a encenar “O Pagador de Promessas”, de Dias Gomes, peça com que – sonhava Laurinho, o otimista incorrigível – Kiko, agora assumidamente um empresário da panificação, concordaria em voltar aos palcos. Aquela encenação, sem poder com ele contar, deu-nos a alegria de nova premiação feminina para o grupo: Maria Lúcia Escóssia, numa inesquecível interpretação da prostituta Marli, recebeu o prêmio de melhor coadjuvante numa das Semanas de Teatro de que o TEAM costumava participar em João Pessoa. Embora relutante, e até um pouco rebarbativo, o Jotagê veio junto. E fomos retomando o clima ameno do principal grupo da cidade. Aquilo reforçava a grandeza de Laurinho, o qual, aliás, quando decidimos criar outro grupo para animar a luta política no curso de Ciências Sociais, havia aplaudido entusiasmado. Foi quando, por um breve tempo, colocamos o Teatro Popular do Rio Grande do Norte – o TEP-RN – no processo de agitprop, encenando “Arena conta: Zumbi”, de Gianfrancesco Guarnieri. E logo depois “Pedro Mico” de Antonio Callado, juntamente com “O vaso suspirado”, de Chico Pereira da Silva, espetáculo cujo elenco me orgulha ainda hoje. Por ser a peça de Callado apenas um ato, Kiko

topara fazer o malandro, e com sua frágil compleição, o Jotagê compôs um ótimo bispo, à mercê das beatas Ivonete Paula, Maria Lúcia Escóssia e dos seminaristas Judas Tadeu e Felipe Caetano na outra, nordestina.

Pois quando se oficializou o convite para o novo festival da Aldeia próxima a Pati do Alferes, Lauro não hesitou em nos incluir. E os velhos companheiros voltaram a compor o grupo, dispostos a mostrar que, embora a vida e os interesses os houvessem separado, ainda eram capazes de conviver de forma civilizada e leal. Escolhido o elenco, passamos a ensaiar “O canto da cotovia”, de Jean Anouilh, sob a direção de uma premiada diretora pernambucana, Maria José Campos Lima. Era a incrível e fascinante história da camponesinha Joana D’Arc a ouvir vozes que lhe indicavam o que precisava fazer para salvar a França, dos ingleses, sem poder contar com o rei banana. O texto de Anouilh mostra-a ingênua, embora corajosa e decidida, defendendo-se liricamente dos argumentos melífluos do Inquisidor. O tribunal, o terror, a tortura dos interrogatórios, a ação retroagindo e avançando, a tensão e o medo davam o tom de contemporaneidade ao espetáculo. Fazendo o papel da diabólica figura do Inquisidor despedi-me da atividade amadorística. E tivemos participação digna naquele festival, porém desta vez sem prêmios. Não posso deixar de registrar que o resultado final era comovente, sobretudo pela interpretação de uma moça que estreava já na condição de protagonista: Conceição Medeiros. Com sua voz límpida e clara, e a emoção que transmitia, elevou-se à galeria de atrizes especiais no amadorismo de

minha cidade, como Maria José Melo, Irismar Ribeiro, Ivonete Paula, Maria Lucia Escossia, Toni Silva.

De volta ao Rio de Janeiro – após passar por Pati do Alferes e Arcozelo – estava decidido a ficar. Não podendo custear a viagem, senão quanto às refeições do trajeto, garantiria ao menos o transporte no ônibus que teria os custos divididos entre dois grupos, pois conosco viajaria o Artistas Unidos, grupo natalense de Jesiel Figueiredo que apresentaria no festival uma ousada remontagem de “Calígula”, de Albert Camus. Mas se o destino previsto era o Rio, o meu interesse maior estava em Apucarana, uma cidade no norte do Paraná, onde Ione, uma moça discreta e bonita, residia na casa de tios que para ali haviam se mudado no apelo do progresso. Num dos seus breves retornos a Mossoró – onde nas férias costumava reencontrar o pai Tomazinho e a irmã Iris – retomáramos um namoro mal começado na boate das Luízas. Nesses reencontros fui me convencendo de que poderíamos ter – se ela de fato topasse – um destino comum. Por isso estabeleci como meta investir naquilo que pessoas comuns chamam ganhar a vida.

Findo o festival, não mais busquei o endereço tão familiar da Glória. Tentei me abrigar num apartamento de propriedade de Mota Neto, o qual, longe das lides políticas, após haver sido ministro do Tribunal de Conta do RN, onde Aluizio Alves havia o colocado, vivia tranquilo com as várias aposentadorias acumuladas, residindo noutro que possuía na mesma cidade. Durante a semana administrava rurgas entre o escritor Raimundo Nonato e o professor Ro-

drigues Alves, no Centro Norte-rio-grandense, do qual era Presidente. E aos sábados acordava seus inquilinos, concitando-os a cuidar da vida, o que significava dizer, organizarem uma mesa para o carreado. O seu locatário era um santo vascaíno de nome Alfredo Pinheiro Júnior. E o grande Alfredinho – eu tinha certeza disso – não se negaria a me receber. Com a sua consabida generosidade, aliás, assistira ao pequeno apartamento por trás do Canecão, de onde se avistava um maciço de pedra impressionante, transformar-se aos poucos numa brancaleônica república potiguar. Ocorre que enfrentando problemas de saúde, São Alfredo ali não se encontrava quando acionei a campanha. Um daqueles moradores transitivos, era o meu irmão José que preocupado com a superlotação, preferiu alugar, com um colega da Embratel, de nome Robson, uma quitinete próxima ao Catete para a qual logo nos mudamos. Às vésperas de casar com Neli, uma moça de Campos dos Goitacazes, Dedé achava – com razão – que não haveria mais lugar para outro huno no apê da Lauro Muller. O endereço para o qual seguimos, soava soturno: rua Buarque de Macedo. Mas acabaria se tornando ponte para o reencontro em breves confraternizações outros conterrâneos que costumavam frequentar uma lanchonete entre o Catete e o Largo do Machado: o mesmo Ivan Barros Lins, que também migrara, Toninho Lúcio, fazendo grande sucesso com as moças e com os investidores do Mercado de Capitais e até Tarcísio Cabral, meu contemporâneo do Circulo Cultural Machado de Assis, com sua reconhecida fleuma, se ensaiando na pro-

fissão de advogado. Naquelas noites, praticamente olhando para o palácio onde soturnas águias ouviram silenciosas o estampido do tiro desfechado por Vargas, não podia imaginar que ainda iria voltar um dia à Lauro Muller.

No ônibus descendo a serra na direção do Rio, eu olhava para trás sem enxergar nenhuma paisagem especial. Mantinha-me atento a novos cenários, convencido de que se aproximava o momento de iniciar minha atuação em mais um ato da vida real. No roteiro, que parecia estranhamente escrito (maktub, como lembraria o poeta Gilberto Mendonça Teles ao apresentar anos depois o meu primeiro livro de contos?) eu voltava ao Rio de Janeiro, onde já estivera em 59, trazido por meu pai e ao qual retornara em 63, tendo conseguido sobreviver ao apartamento da rua do Russel, ao Calabouço, à incrível Mabe (Moderna Associação Brasileira de Ensino, da rua Riachuelo, que a irreverência carioca classificava como um modelo de mau ensino) e até à doce insegurança do Teatro Jovem.

Dominava-me a certeza de que, diferentemente das experiências anteriores, mesmo não dispendo de trunfos para iniciar a partida que supunha decisiva com o destino, estava disposto a ir buscá-los, sem mais sair à procura de um tempo perdido ou de salvar o país, animava-me a disposição de conseguir um emprego capaz de me dar segurança no projetado reencontro com Ione, que voltaria de fato a ver adiante em novo período de férias, agora no Rio. Tão feliz me sentia que mesmo assaltado por uma

lembrança perturbadora – a de também haver combinado o mesmo com a moça cearense que namorara em Mossoró e que igualmente chegava de férias – tratei de ficar tranquilo, embora tomado pelo remorso de não haver me desculpado com aquela menina tão especial pelo perverso e inexplicável sumiço.

O ônibus roda macio enquanto a mudança de clima vai obrigando o migrante friorento a retirar o casaco sobreposto à camisa, aos poucos se reacostumando ao calor carioca. Mossoró outra vez lá longe. As serras ondulam em lindas gradações de verde ajudando a desviar o interesse pela leitura do livro cujo título não logro recuperar. O final dessa viagem se aproxima. Daqui a pouco – isso é bem real – estarei outra vez pisando o chão carioca seguro de que, como as outras cidades o Rio de Janeiro era para mim bastante familiar: as ruas por onde um dia caminharam Lima Barreto e Machado de Assis; o mesmo cenário de alegria do Flamengo e da Mangueira; a mesma verve brasileira de cada dia. Confiava jogar ali a partida decisiva com o destino, mesmo sabendo que seria apenas mais um ato do espetáculo passageiro.



Tipografias utilizadas:

Minion Pro
Trajan pro

Papel da capa:

Cartão Supremo 300g

Papel do miolo:

Polen Soft 80g

Impresso na Copiart em 2020.

-

Todos os direitos são reservados à Editora IFRN, não podendo ser comercializado em período de contrato de cessão de direitos autorais.

Em caso de reimpressão com recursos próprios do autor, está liberada a sua comercialização.

